

História

1º
ano

Ensino Fundamental – Anos Iniciais
Componente curricular: História

Ápis

Anna Maria Charlier
Maria Elena Simielli

Manual do
Professor



ea
editora ática



Ensino Fundamental – Anos Iniciais
Componente curricular: História

Anna Maria Charlier

Bacharel e licenciada em História pela Universidade de São Paulo (USP)

Bacharel e licenciada em Geografia pela USP

Ex-professora, diretora e supervisora do Ensino Fundamental e Médio na rede pública e em escolas particulares do estado de São Paulo

Maria Elena Simielli

Bacharel e licenciada em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP)

Professora doutora em Geografia e professora livre-docente do Departamento de Geografia – Pós-graduação, USP

Ex-professora dos Ensinos Fundamental e Médio na rede pública e em escolas particulares do estado de São Paulo

2ª edição

São Paulo, 2017

Atualizado de acordo com a BNCC.



Direção geral: Guilherme Luz
Direção editorial: Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas
Gestão de projeto editorial: Tatiany Renó
Gestão e coordenação de área: Wagner Nicaretta (ger.) e Brunna Paulussi (coord.)
Edição: Carlos Eduardo Ogawa, Aline dos Reis Neves, Luciana Martínez e Tatiana F. Souza
Gerência de produção editorial: Ricardo de Gan Braga
Planejamento e controle de produção: Paula Godo, Roseli Said e Marcos Toledo
Revisão: Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.), Rosângela Muricy (coord.), Ana Paula C. Malfa, Araí Lobo Gomes, Brenda Moraes, Célia Carvalho, Claudia Virgilio, Gabriela M. Andrade, Luis Maurício Boa Nova, Paula T. de Jesus, Patrícia Travanca, Raquel A. Taveira e Tayra B. Alfonso
Arte: Daniela Amaral (ger.), Claudio Faustino (coord.), Eber Alexandre de Souza (edição de arte), Jacqueline Ortolan, Livia Vitta Ribeiro (edit. arte)
Licenciamentos de conteúdos de terceiros: Cristina Akisino (coord.), Luciana Sposito (licenciamento de textos), Erika Ramires e Claudia Rodrigues (analistas adm.)
Design: Gláucia Correa Koller (ger.), e Talita Guedes da Silva (proj. gráfico e capa)
Ilustração de capa: ArtefatoZ

Todos os direitos reservados por Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221, 3º andar, Setor A
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902
Tel.: 4003-3061
www.atica.com.br / editora@atica.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Simielli, Maria Elena
Apis história, 1º ano : ensino fundamental, anos iniciais / Maria Elena Simielli, Anna Maria Charlier. -- 2. ed. -- São Paulo : Ática, 2017.

Bibliografia.
Suplementado pelo manual do professor.
ISBN 978-85-08-18799-7 (aluno)
ISBN 978-85-08-18800-0 (professor)

1. História (Ensino fundamental) I. Charlier, Anna Maria. II. Título.

17-10577

CDD-372.89

Índice para catálogo sistemático:

1. História : Ensino fundamental 372.89

2017

Código da obra CL 713531
CAE 728799 (AL) / 728757 (PR)
2ª edição
1ª impressão



Impressão e acabamento

Apresentação

Este Manual do Professor apresenta os fundamentos teóricos que embasaram a escolha dos temas trabalhados nos cinco volumes desta coleção. Os temas foram escolhidos com o cuidado de integrar o processo de alfabetização plena e a formação do pensar histórico, base para o aprendizado e o desenvolvimento do conhecimento da disciplina História pelos alunos. Na coleção, contamos também com o material digital do professor.

O Manual está organizado da seguinte maneira:

Orientações gerais: esta parte apresenta os princípios e fundamentos teóricos que nortearam a elaboração dos cinco volumes; a estrutura geral da proposta de trabalho da coleção; como a coleção contribui para o processo de alfabetização; reflexões sobre a avaliação nos anos iniciais do Ensino Fundamental; encaminhamentos para a utilização dos conteúdos; textos complementares para aprofundar os conhecimentos do professor e bibliografia.

Orientações específicas: esta parte compõe-se da reprodução reduzida do Livro do Estudante acompanhada de encaminhamentos para o desenvolvimento das atividades nele propostas. Há também leituras e atividades complementares, bem como orientações para atingir os objetivos de aprendizagem da BNCC.

Material digital do professor: complementa o trabalho desenvolvido no material impresso com o objetivo de organizar e enriquecer o trabalho docente, contribuindo para sua contínua atualização e oferecendo subsídios para o planejamento e o desenvolvimento de suas aulas. Neste material, você encontrará: orientações gerais para o ano letivo; quadros bimestrais com os objetos de conhecimento e as habilidades que devem ser trabalhadas em cada bimestre; sugestões de atividades que favorecem o trabalho com as habilidades propostas para cada ano; orientações para a gestão da sala de aula; propostas de projetos integradores para o trabalho com os diferentes componentes curriculares; sequências didáticas para ampliação do trabalho em sala de aula; e propostas de avaliação.

SUMÁRIO

Orientações gerais

Princípios gerais	V
A BNCC e a Educação Básica	V
Ensino Fundamental de nove anos	VI
Fundamentos teóricos	VII
As Ciências Humanas nos anos iniciais do Ensino Fundamental segundo a BNCC	VII
Como o ensino de História contribui para a alfabetização e o letramento	VIII
A BNCC nesta coleção	IX
O pensar histórico nesta coleção	XII
O processo de avaliação	XIII
Estrutura geral da coleção	XIV
Seleção e organização dos conteúdos	XIV
Como a coleção está organizada	XV
Encaminhamentos para a utilização desta coleção	XVIII
As leis n. 10 639/03 e n. 11 645/08 nos currículos escolares	XVIII
Atividades escritas e orais	XXI
Minha coleção de palavras de História	XXII
Documentos históricos	XXII
Linha do tempo	XXIII
Interdisciplinaridade	XXIV
Sistematização do aprendizado	XXV
Representações cartográficas	XXV
Como trabalhar imagens em sala de aula	XXV
Referências para aprofundamento do professor	XXVI
A organização dos conteúdos	XXVI
A avaliação na educação escolar	XXVII
Interdisciplinaridade na formação de professores	XXVIII
Temas transversais	XXIX
O trabalho com a oralidade na escola	XXX
Patrimônios da História	XXXV
A coleção e a progressão didática estabelecida pela BNCC	XXXVI
Os objetos de conhecimento e as habilidades abordadas no volume do 1º ano	XXXVII
Bibliografia	XXXVIII

Orientações específicas

Elementos do Manual do Professor página a página	XL
Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido	1

Orientações gerais

Princípios gerais

A BNCC e a Educação Básica

A Constituição Federal de 1988 fixa conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental, a fim de assegurar formação básica comum a todos os alunos e o respeito aos valores culturais do país. Por sua vez, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), promulgada em 1996, determina que a União, junto com estados e municípios, deve estabelecer competências e diretrizes que norteiem a escolha dos currículos ¹.

As **aprendizagens essenciais** que o aluno deve desenvolver ao longo de sua escolaridade no Ensino Fundamental foram definidas recentemente pela versão final da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ². Os conhecimentos e as competências que devem ser aprendidos visam a uma formação humana integral e à capacitação para construir uma sociedade mais justa, inclusiva e democrática.

A presente versão da BNCC prescreve o conteúdo curricular mínimo para cada ano escolar, segundo a realidade regional, valorizando a diversidade cultural e o respeito às diferenças. Os currículos podem ser diversos, mas todos devem atender a esses conteúdos mínimos.

O Brasil, por ser um país de grandes desigualdades sociais e diferenças culturais, precisa de um sistema educacional que ofereça currículos adaptados para cada realidade, sem deixar de lado a **equidade na educação**. As instituições escolares também devem se manter abertas à **pluralidade** e à **diversidade** a fim de garantir a aprendizagem a todos e diminuir a histórica exclusão social existente no país.

A organização dos conteúdos curriculares mínimos na forma de competências, nos documentos oficiais do governo brasileiro, remonta aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e também está presente na

BNCC. Neste último documento, a noção de competência é utilizada no sentido da mobilização e aplicação dos conhecimentos escolares na forma de conceitos, procedimentos, valores e atitudes ³. É importante destacar que as competências têm o objetivo de direcionar a formação para a autonomia do aluno, pois se espera que o aluno aprenda e empregue os conhecimentos adquiridos em sua vivência cotidiana. Atualmente, mais do que acumular informações, o ser humano precisa se educar para ser criativo, saber se comunicar e produzir, estar capacitado para analisar, criticar, participar da sociedade em que vive e ser corresponsável por ela.

Essa aplicação dos conhecimentos escolares, de forma ampla, é explicada no texto da versão final da BNCC da seguinte maneira:

[...] No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades.

Nesse contexto, a BNCC afirma, de maneira explícita, o seu compromisso com a **educação integral**. Reconhece, assim, que a educação básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global [...].

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 14.

¹ Lei nº 9394/96, Art. 9, inciso IV. BRASIL. Lei nº 9394, que define as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 17 out. 2017.

² BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 15. Todas as citações da Base Nacional Comum Curricular referem-se à versão final publicada pelo Ministério da Educação em dezembro de 2018. A atualização conforme esse documento está prevista no edital do PNLD 2019 – atualização BNCC. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD 2019**. Brasília: Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação, 2019. p. 1.)

³ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 13.

A BNCC adota dez competências gerais, que se interligam às competências específicas de cada área e norteiam a construção dos objetos de conhecimento, habilidades, além de atitudes e valores do educando. São elas:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 9-10.

Ensino Fundamental de nove anos

Até a década de 2000, o Ensino Fundamental no Brasil se organizava em duas etapas de quatro anos. O Plano Nacional de Educação (PNE) de 2001 estabeleceu a meta de acrescentar um ano ao Ensino Fundamental, com o aluno iniciando os estudos aos 6 anos de idade. Acreditava-se, com isso, que o aluno teria maiores oportunidades de aprendizagem durante o primeiro período de escolarização obrigatória.

O Ensino Fundamental de nove anos foi implemen-

tado em 2006 pela Lei n. 11 274, que alterou a LDB. Posteriormente, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos, de 2010, reforçaram essa exigência.

É importante destacar que essas diretrizes, além de estabelecer os objetivos da educação no Ensino Fundamental, já presentes na LDB, como a formação do cidadão por meio da capacidade de aprender, pelo domínio da leitura, da escrita e do cálculo, bem como o fortalecimento dos seus vínculos familiares e de

tolerância e solidariedade humana, estabelece também princípios éticos, políticos e estéticos que devem nortear o aprendizado dos componentes curriculares.

Vale notar que o parecer do Conselho Nacional de Educação ⁴ para a aprovação das já citadas diretrizes também afirma que o Ensino Fundamental terá muito a ganhar se, como na Educação Infantil, incentivar o caráter lúdico da aprendizagem, com aulas mais prazerosas e que motivem a participação ativa dos alunos.

Por fim, o aluno deve passar a compreender o ambiente social e natural em que vive considerando os valores fundamentais da sociedade, ao mesmo tempo em que adquire conhecimentos e habilidades vinculadas aos componentes curriculares da educação básica.

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental em especial, o trabalho pedagógico concentra-se na alfabetização e no letramento, oferecendo aos alunos a oportunidade de se apropriarem do sistema de leitura e escrita.

Fundamentos teóricos

As Ciências Humanas nos anos iniciais do Ensino Fundamental segundo a BNCC

Na versão final da BNCC, o documento organiza o Ensino Fundamental em quatro áreas de conhecimento e seus componentes curriculares: Linguagens (componentes: Língua Portuguesa, Inglês, Artes e Educação Física), Matemática (componente: Matemática), Ciências da Natureza (componente: Ciências) e Ciências Humanas (componentes: Geografia e História). Cada uma dessas áreas possui competências específicas, bem como seus componentes, e todas essas competências devem estar ligadas às dez competências gerais da BNCC.

Para atingir as competências, os componentes curriculares apresentam um conjunto de **habilidades** relacionadas aos diferentes **objetos de conhecimento**. Os objetos e as habilidades estão organizados em **unidades temáticas** em todos os componentes curriculares. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o aluno constrói conhecimentos de forma ativa e novas relações consigo próprio, com os outros e com o mundo em que vive. Para isso, é preciso interagir, usar várias linguagens, afirmar a sua identidade, reconhecer as suas potencialidades e valorizar as diferenças.

Tempo e espaço são os conceitos fundamentais da área de Ciências Humanas. Eles contribuem para que os alunos desenvolvam a capacidade de observação, identificação de fenômenos e investigação. O raciocínio balizado pelo espaço e pelo tempo ajuda a contextualizar processos históricos, e está na base da ideia de

que os seres humanos produzem o espaço em que vivem em determinada época da história.

Ao desenvolver esse raciocínio com base nas ideias de tempo e espaço, os alunos adquirem consciência das ações realizadas por diferentes grupos sociais em diferentes épocas e lugares, e compreendem que também devem participar e ser responsáveis pelo mundo em que vivem. Eles passam a compreender a relação do tempo da natureza com o tempo social e a ocupação dos espaços pelo ser humano.

Além do trabalho com o tempo e o espaço, as Ciências Humanas devem contemplar a **ação humana**, as **relações sociais e de poder** e a **produção de conhecimentos e de saberes**, a fim de desenvolver nos alunos uma maior compreensão do mundo em que vivem e uma maior capacidade para se tornarem cidadãos responsáveis e atuantes.

Além das competências ligadas à compreensão do mundo em que o aluno vive, há também competências para estimular a **formação ética**, destacando a importância de valorizar os **direitos humanos**; o **respeito ao meio ambiente e à sua própria coletividade**, levando em conta a **solidariedade**, a **participação** no seu grupo social e a preocupação com as desigualdades sociais.

As competências específicas de Ciências Humanas para o Ensino Fundamental são:

1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.
2. Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo.
3. Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.
4. Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
5. Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.

⁴ Parecer CNE/CEB n. 11/2010. Aprovado em 7 jul. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 17 out. 2017.

6. Construir argumentos, com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, para negociar e defender ideias e opiniões que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental, exercitando a responsabilidade e o protagonismo voltados para o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
7. Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 357.

Como o ensino de História contribui para a alfabetização e o letramento

Baseada nas competências gerais e específicas da BNCC, a proposta pedagógica desta coleção, do 1º ao 5º ano, visa auxiliar a prática de educação fundamentada na integração dos aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais da criança.

Mediante práticas sociais que favorecem as atividades lúdicas e as brincadeiras, a criança dos primeiros anos do Ensino Fundamental é levada a reinterpretar as situações da vida cotidiana e do seu contexto social.

As práticas sociais e culturais são realizadas em grande parte por meio da linguagem, da leitura e do conhecimento da escrita enquanto forma de comunicação. A proposta pedagógica desta coleção ajuda a desenvolver a aprendizagem da leitura e da escrita desde o início da escolaridade, pois é a partir da descoberta da escrita e de todas as convenções a ela ligadas que começa a se formar o leitor e o escritor autônomo.

Nesse sentido, é importante ater-se à contribuição que as áreas do conhecimento têm no processo de leitura e escrita. A partir da leitura de imagens, mapas, gráficos e tabelas, por exemplo, a criança poderá ser inserida em um universo de conhecimento que a auxiliará na leitura e interpretação dos fenômenos que observa e de que participa.

A ciência é permeada por uma linguagem específica que a escola, mediada pela ação do professor, deve propiciar aos seus alunos, contribuindo assim

para a inserção do sujeito na comunidade em que vive. Trata-se de um momento de leitura e escrita dos códigos e símbolos próprios de cada ciência escolar, que implica o processo de alfabetização e letramento.

Alfabetização e letramento são fenômenos diferentes, porém complementares. O primeiro é o processo de apropriação, compreensão e domínio do sistema de escrita; o segundo é o processo de se inserir na cultura escrita e participar dela. O letramento é um processo histórico-social mais amplo e abrangente. A alfabetização deve propiciar e facilitar o processo do letramento ⁵.

O grande desafio é coordenar esses dois processos para atingir com eficiência os objetivos propostos para o Ensino Fundamental. Os alunos, auxiliados pelo professor, precisam dominar o sistema alfabético e usar corretamente a linguagem nas práticas sociais de leitura e escrita, ampliando assim as competências de comunicação que favoreçam o seu espírito crítico.

Maria da Graça Costa Val ⁶, pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale), indica que o trabalho de alfabetização e letramento em sala de aula deve se organizar em torno de quatro componentes do aprendizado da escrita: compreensão e valorização da cultura escrita (observar e explorar diferentes textos), apropriação do sistema de escrita (observações e reflexões sobre códigos de escrita), leitura (decodificar e compreender o sistema de escrita) e a produção escrita (compreensão e valorização dos diferentes usos e funções da escrita).

A criança que está sendo alfabetizada precisa usar a língua escrita, associando o uso das letras, seus sons e significados sociais para, finalmente, conseguir ler e produzir textos. Ela decodifica símbolos, localiza informações, aprende pouco a pouco a separar relações de causa e efeito, infere dados, interpreta e compreende. Tais processos estão presentes em toda a esfera do conhecimento científico, não apenas na área de Língua Portuguesa.

Portanto, por meio dessas operações cognitivas, espera-se proporcionar à criança um ambiente alfabetizador para que ela consiga desenvolver as habilidades do uso da leitura e da escrita em todo o campo do conhecimento científico.

⁵ Magda Soares, no seu trabalho “Letramento e alfabetização: as muitas facetas”, afirma que a entrada da criança no mundo da escrita se dá pela alfabetização (aquisição do sistema de escrita) e pelo letramento (desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita), não se podendo, portanto, dissociar esses dois processos, que são indissociáveis. (SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. 26ª Reunião Anual da Anped. Poços de Caldas, 2003.)

⁶ VAL, Maria da Graça Costa. O que é ser alfabetizado e letrado? In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (Org.). *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: MEC/SEED, 2006.

Por meio das diferentes linguagens e das práticas sociointerativas, os seres humanos criam e recriam seu mundo. Os eventos comunicativos da oralidade e da escrita ocorrem por meio de códigos próprios de determinado grupo social, dentro de um contexto de espaço e tempo definidos.

No que se refere ao ensino de História, nesta coleção, as práticas de oralidade e escrita podem auxiliar na formação de um pensar histórico, uma vez que evocam a memória do que foi produzido culturalmente e permitem comparar registros de diferentes naturezas. O aluno é estimulado a descrever aquilo que observou utilizando argumentos, analisando os elementos apresentados à luz de seus conhecimentos prévios e sistematizando-os por meio da escrita.

A BNCC nesta coleção

A BNCC, em sua versão final homologada, apresenta sete competências do componente curricular História para o Ensino Fundamental, a saber:

1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.
2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.
3. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.
4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
5. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.

6. Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.
7. Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 402.

Esta coleção, assumindo o compromisso com a educação integral proposto pela BNCC, procura desenvolver práticas e conteúdos adequados à consecução das competências previstas nesse documento. São as competências tanto gerais como específicas de Ciências Humanas e do componente curricular História, as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades que norteiam o trabalho na coleção.

O conhecimento do passado é fruto de indagações, investigações, análises e interpretações feitas por diferentes sujeitos, criando formas narrativas e marcos de memória. Interessa à História entender como os indivíduos construíram as suas narrativas sobre o seu mundo no passado e no presente. Nos volumes da coleção, diferentes tipos de fontes e documentos históricos foram utilizados (depoimentos escritos e orais, fotos, imagens, registros de várias formas, documentos materiais e imateriais, entre outros) para promover a compreensão pelos alunos da relação entre tempo, espaço e sociedade.

Há também atividades que permitem aos alunos observar o seu cotidiano e o do grupo social com que convivem para, assim, tornarem-se capazes de entender como o tempo é organizado ao seu redor e perceber que, no dia a dia, ocorrem experiências repletas de historicidade. Além de analisar os processos históricos, pretendemos trabalhar com os alunos a ideia de que, além de estudantes de História, eles também são seus agentes e narradores.

A BNCC de História orienta, para os anos iniciais do Ensino Fundamental, trabalhar a construção do sujeito, com a tomada de consciência do “eu” e do “outro” por parte dos alunos.

Os alunos devem partir do conhecimento do “eu”, ou seja, de si próprio e de suas referências sociais e culturais, para o conhecimento do “outro”, igual ou

diferente, e com isso valorizar vivências e experiências próprias e de familiares, bem como reconhecer a diversidade cultural e respeitar as diferenças.

Por meio de pesquisas, entrevistas, conversas, observações e trocas de ideias, o aluno é estimulado a fazer descobertas, o que poderá torná-lo mais crítico e criativo. Pelo estudo do cotidiano, pretendemos, ao mesmo tempo, desenvolver as primeiras ideias de pertencimento da criança à família, à escola ou a outro de seus grupos sociais mais próximos.

Trabalhando com pesquisas e “desafios”, propõe-se aos alunos que executem tarefas cada vez mais complexas; ao mesmo tempo, trabalhando com pequenos quadros de humor, busca-se estimular a aprendizagem de forma mais divertida. Assim, a coleção incentiva a observar e registrar, estabelecer comparações, destacar permanências e mudanças no tempo e no espaço e fomentar as discussões e a oralidade, com o objetivo de desenvolver o autoconhecimento ao dos outros. Assim, de forma progressiva, amplia-se o trabalho com o mundo do aluno: a família e a escola, a comunidade, o estado, o país e o mundo, sempre levando em consideração o ser humano e o ambiente natural em que ele vive.

Das habilidades do 1º e do 2º ano, que contemplam os primeiros grupos sociais da criança e a descoberta do “eu” e do “outro”, caminhamos no 3º e no 4º ano para o estudo de comunidades maiores e mais diversificadas, as comunidades urbanas e rurais. Ou seja, as cidades como centro de convivência de vários grupos sociais, dos tempos mais antigos aos atuais. No 5º ano contemplamos o estudo da diversidade humana no mundo em que vivemos, abordando sociedades distantes e diversas no tempo e no espaço, comparando-as com a realidade brasileira.

O foco principal em todos os anos de estudo são os princípios éticos de igualdade, tolerância, respeito e boa convivência entre as pessoas e os povos.

No sentido da importância dos princípios éticos tão importantes para esta coleção, trabalhamos apoiados nos temas contemporâneos que “afetam a vida humana em escala local, regional e global” (BNCC versão final, p. 19). Contemplamos por meio dos temas propostos, atividades e textos os temas:

- os direitos da criança e do adolescente – Exemplos: volume do 1º ano, capítulos 2 e 4;
- a educação ambiental – Exemplo: volume do 2º ano, capítulo 8;
- o processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso – Exemplos: volume do 2º ano, capítulos 3 e 8 e Projetos 1 e 2;
- a educação para o trânsito – Exemplo: volume do 2º ano, capítulo 8;

- a educação alimentar e nutricional – Exemplo: volume do 3º ano, capítulo 2 e Projeto 1;
- a educação em direitos humanos – Exemplos: volume do 3º ano, capítulo 2; e volume do 5º ano, capítulo 4;
- a vida familiar e social – Exemplos: volume do 1º ano, capítulos 2 e 3;
- o trabalho, a ciência e a tecnologia – Exemplos: volume do 2º ano, capítulo 7; volume do 3º ano, capítulo 7; e volume do 4º ano, capítulo 5;
- a diversidade cultural – Exemplos: volume do 1º ano, capítulo 4; volume do 2º ano, capítulo 2; e volume do 3º ano, capítulos 3, 4 e 6;
- educação financeira e fiscal – Exemplos: volume do 2º ano, capítulo 7; e volume do 3º ano, capítulo 7.
- a educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena – Exemplos: volume do 4º ano, capítulo 3; e volume do 5º ano, capítulos 1 e 2.

O estudo da formação social e cultural do Brasil, com a contribuição dos povos indígenas, africanos, europeus e asiáticos, permite que os alunos compreendam o “nós” como formadores e construtores do nosso país e de sua história. Isso os leva a compreender e respeitar as alteridades da sociedade brasileira.

A coleção também incentiva, ao longo dos anos, a produção de registros, a memória, os patrimônios materiais e imateriais, assim como a valorização dos lugares de memória. Este trabalho desenvolve nos alunos as noções de pertencimento a um grupo social e de valorização e respeito à sua cultura e à cultura de outros povos. É fundamental que em História os alunos percebam as noções temporais e as incorporem às suas vivências. Partindo do concretamente vivido, da sua própria dimensão no tempo e no espaço social, os alunos aprendem a abstrair, passando a compreender a dinâmica histórica da sociedade.

Por meio da observação de vivências cotidianas, é possível levar os alunos a perceber que as experiências vividas no passado devem ser investigadas, pois delas derivam nosso conhecimento, nossa maneira de observar, descrever e analisar o presente, e subsídios para compreender o mundo em que vivemos e para pensar o futuro.

O mundo em que vivemos é construído historicamente e, portanto, mantém íntima relação com o passado, tendo em vista que alguns elementos foram herdados; outros, transformados; outros, ainda, eliminados. A relação entre passado e presente é constantemente trabalhada na coleção por meio de atividades de comparação, observação e análise. A relação pas-

sado-presente auxilia os alunos a adquirir a ideia de pertencimento a uma sociedade e a se conscientizar como sujeito responsável pelo seu futuro.

O ensino de História aqui proposto busca obter leituras do presente e do passado significativas para os alunos e que estimulem a reflexão sobre sua vida, sua identidade, suas vivências sociais, afetivas e culturais, ampliando a compreensão da realidade vivida, bem como a capacidade de escolher e estabelecer critérios para suas ações.

O conhecimento histórico não deve ser oferecido aos alunos de forma pronta e acabada, para que seja simplesmente absorvido. Ao contrário, a História é uma recriação significativa que deve também ser feita pelos alunos. Com base em documentos de época e em análises feitas por historiadores, por exemplo, os alunos devem ser capazes de elaborar suas próprias conclusões, derivadas de análise, interpretação e comparação. Portanto, passam a participar ativamente como sujeitos do processo de construção do conhecimento, em que refletem sobre sua realidade, comparam-na com outras realidades, em outros tempos e espaços, identificam as relações entre o particular e o geral, o local e o global, percebem noções de semelhanças e diferenças, continuidades e permanências, manifestando sua opinião e estabelecendo conclusões.

Também entendemos que, ao ensinar História, estimulamos os alunos a construir sua cidadania, criando condições para que se tornem conscientes e críticos, capazes de ⁷:

- valorizar a si próprios como sujeitos responsáveis da História;
- respeitar as diferenças culturais, étnicas, políticas e religiosas, evitando, assim, qualquer tipo de discriminação;
- buscar soluções possíveis para os problemas detectados em sua comunidade, de forma individual e coletiva;
- atuar firmemente contra qualquer tipo de injustiça social;
- valorizar o patrimônio sociocultural (próprio e de outros povos) e os direitos conquistados pela cidadania plena.

De acordo com a faixa etária a que esta obra se destina, o professor pode trabalhar conteúdos que

estimulem as noções de cidadania. Há diversas sugestões de temas ao longo desta coleção. Ao tratar desses assuntos, é importante levar em conta o que foi descrito anteriormente a respeito da observação, da constatação e da compreensão de uma dada situação, que deve vir sempre acompanhada de uma proposta de atuação acerca do que foi observado.

No que se refere ao saber histórico em sala de aula, pensamos ser necessário fazer a distinção entre ele e o saber histórico produzido por especialistas, reelaborando o conhecimento produzido no campo das pesquisas dos historiadores e especialistas das Ciências Humanas, daquelas representações sociais vividas e produzidas por professores e alunos.

Uma das crenças que norteiam a coleção, portanto, é a de que o ensino de História deve considerar a historicidade das noções e dos conceitos – tempo, espaço, sujeito histórico, cultura, natureza, sociedade, relações sociais, poder, trabalho, período histórico, sequência, transformação, permanência, passado, presente, futuro, anterioridade, simultaneidade, posterioridade e duração – em suas dimensões como saberes acadêmicos e escolares.

Procurou-se, ao longo da obra, fornecer ao professor subsídios para, atendendo à BNCC, ajudar os alunos a se situarem no tempo e no espaço, levando-os a se posicionarem e a intervirem na realidade social, considerando que a História tem um papel muito importante no Ensino Fundamental, pois lida com concepções acerca do indivíduo, do grupo e de lugares e circunstâncias que estão em constante movimento.

Para viabilizar a construção do saber histórico escolar, é necessário levar em conta as características psicopedagógicas dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. É precisamente nessa etapa da escolarização que conteúdos e habilidades imprescindíveis à formação do conhecimento básico em Ciências Humanas são apropriados e internalizados.

Para atender às diversas habilidades e competências, os conteúdos da coleção estão organizados nos cinco volumes em uma **sequência equilibrada e progressiva**. O sumário da coleção trabalha em diversos momentos as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades previstas na BNCC para História. Nesse documento, a organização e a seleção de conteúdos baseiam-se em uma concepção ampliada de currículo escolar e foram assumidas de forma mais sistematizada e aprofundada.

⁷ Itens baseados em: BEZERRA, Holien Golçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2008.

Deve-se considerar, igualmente, as indicações das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, nas quais se baseia a BNCC, e que apontam para a necessidade de o saber estar vinculado às diferentes áreas do conhecimento. A seleção de conteúdos para esta coleção levou em conta que os temas poderiam estar articulados às demais ciências, superando a fragmentação das áreas, tornando o currículo mais abrangente e propiciando aos alunos conhecimentos mais significativos, o que facilita a participação deles com seus interesses e suas experiências de vida.

Vale pontuar que a disposição dos conteúdos, unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades é uma sugestão de trabalho para o professor, uma proposta. Deve haver liberdade, participação e criatividade por parte dos docentes, que podem agregar sua experiência ou mesmo algumas orientações dos órgãos responsáveis pelas políticas educacionais dos estados e municípios. Os conteúdos de História propostos não devem ser considerados fixos; eles devem ser trabalhados de forma integrada às demais disciplinas do currículo escolar. As escolas e os professores devem recriá-los e adaptá-los à sua realidade regional e local.

O pensar histórico nesta coleção

O trabalho com o **pensar histórico** recebeu destaque nos cinco volumes desta coleção. Esse conceito possui grande importância para o ensino do componente curricular nos anos iniciais do Ensino Fundamental, uma vez que é nessa etapa que ocorre a familiarização do estudante com os conceitos que estão na base do saber histórico. Por meio da utilização de diferentes fontes e documentos, espera-se que os alunos compreendam as relações entre **tempo e espaço, permanências e mudanças** em diferentes sociedades e culturas, noções muito importantes para identificar e interpretar os processos históricos.

[...] um dos importantes objetivos de História no Ensino Fundamental é estimular a **autonomia de pensamento** e a capacidade de reconhecer que **os indivíduos agem de acordo com a época e o lugar nos quais vivem**, de forma a preservar ou transformar seus hábitos e condutas. A percepção de que existe uma grande diversidade de sujeitos estimula o pensamento crítico, a autonomia e a formação para a cidadania.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 400.

O ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental promove a aquisição de referências temporais fundamentais à reflexão dos alunos sobre sua condução no tempo, favorecendo a construção da sua identidade e estimulando-os, portanto, a se apropriarem cada vez mais da História como forma e prática de pensamento. Ao desenvolver o pensar histórico, o aluno poderá produzir conhecimento histórico.

Pensar historicamente significa desenvolver a conscientização e a compreensão de momentos históricos significativos da humanidade e, em particular, da nossa história local, regional e nacional, considerando principalmente, no nosso caso, as “histórias esquecidas da nossa História”, que são as histórias dos negros, dos indígenas e de outros grupos.

A História, como ciência, forma e prática de pensamento, visa à compreensão de um mundo em constante processo de transformação e sempre sujeito à nossa intervenção no presente. Para atingir esse objetivo, utilizamos expressões como **raciocínio histórico** e **pensar histórico** para reunir, de forma sistemática, os temas, conceitos e procedimentos da disciplina, que aparecem articulados aos conteúdos presentes na coleção. Com isso, propõe-se uma iniciação à História como forma de compreensão da experiência dos seres humanos em diferentes tempos e espaços.

O aprendizado dos fundamentos da disciplina deve ocorrer encadeado com o processo de refletir sobre as experiências humanas de diferentes culturas em tempos e espaços diferentes, partindo primeiramente das suas experiências e da sua cultura.

Nesse sentido, é importante trabalhar o sentimento de pertencimento a uma vida comunitária local, ampliando essa noção para círculos sociais cada vez maiores conforme o desenvolvimento da criança, tornando-a uma pessoa atuante na sociedade em que vive.

Ao favorecer a ampliação das suas vivências sociais e da compreensão das permanências e mudanças no âmbito da História, o desenvolvimento do pensar histórico na criança contribui para o seu processo formativo, levando-a a:

- refletir sobre fatos históricos;
- respeitar as singularidades étnico-raciais;
- valorizar e respeitar a memória e o patrimônio dos mais diversos grupos sociais e povos;
- adquirir a liberdade de pensar e agir com ética e responsabilidade diante de outros seres humanos, em diferentes tempos e espaços sociais;

- aprender a respeitar e a valorizar o ambiente e sua coletividade;
- conscientizar-se para ser mais responsável e participativa na sociedade em que vive;
- respeitar os direitos de todos;
- preocupar-se com as desigualdades sociais.

Para favorecer o trabalho sistemático com os fundamentos do componente curricular História na coleção, os textos e as atividades que dialogam com a BNCC e com os elementos desse pensar histórico serão indicados para o professor nas Orientações específicas, junto à reprodução reduzida do Livro do Estudante.

O processo de avaliação

É indispensável, considerando a proposta de ensino de História desenvolvida nesta coleção, explicitar como foi trabalhado o processo de avaliação e quais são as estratégias que podem ser empregadas para desenvolvê-lo.

Quando se fala em avaliação, costuma-se pensar inicialmente nos resultados obtidos pelos alunos. Porém, já faz muito tempo que, valendo-se da literatura pedagógica e dos princípios das reformas educacionais – empreendidas em diferentes países –, grupos de educadores mais inquietos se propuseram a entender a avaliação como um processo maior, que não se limita à valoração dos resultados obtidos pelos alunos. No modelo de ensino proposto na atualidade, com bases construtivistas, os componentes de avaliação desempenham um papel importante no projeto curricular.

Essas ideias são manifestadas por autores como César Coll e Antoni Zabala ⁵, nos quais nos apoiamos para elaborar a proposta de avaliação.

Com base nesse modelo, os desenvolvimentos afetivo e social também constituem componentes ou dimensões da avaliação. A formação integral do indivíduo é a finalidade principal do ensino e, portanto, seu objetivo é o desenvolvimento de todas as capacidades dele e não apenas as cognitivas.

Desse modo, a avaliação está a serviço do projeto educacional como um todo, é parte integrante dele e partilha seus princípios fundamentais; não está separada do processo de construção do conhecimento.

A avaliação deve desempenhar duas funções básicas:

- permitir o ajuste da intervenção pedagógica às características individuais dos alunos por meio de aproximações sucessivas;

- determinar o grau de obtenção de resultados de acordo com as intenções do projeto e os objetivos estabelecidos.

O processo avaliador tem de observar as diferentes fases que o compõem – a **inicial**, a **formativa** e a **somatória** – e deve ocorrer por meio de intervenção estratégica.

A **avaliação inicial**, em linhas gerais, consiste em detectar os esquemas de conhecimento que os alunos possuem a respeito de determinados conteúdos ou blocos de conteúdo. É realizada no início de cada nova etapa da aprendizagem.

Em seguida, há a **avaliação formativa**, que objetiva examinar o processo de aprendizagem a fim de proporcionar a intervenção pedagógica mais adequada em cada momento. Avaliam-se os progressos, as dificuldades e os bloqueios que marcam o processo de aprendizagem. É uma prática universal, realizada, em maior ou menor grau, quase sempre de forma intuitiva. Com frequência, traz resultados satisfatórios.

É importante utilizar os recursos que a coleção oferece para avaliar os avanços dos alunos ao longo do ano. Podem-se registrar as observações em planilhas de acompanhamento (ficha ou caderno) e analisá-las no decorrer do processo. Outra sugestão é adotar a prática da elaboração de relatórios para mensurar a trajetória de cada aluno (seus avanços e suas construções) nas atividades diárias, tanto em trabalhos individuais como em grupo.

Por fim, há a **avaliação somatória**, que consiste em medir os resultados da aprendizagem. Ela determina se as intenções educativas foram ou não alcançadas e até que ponto. É importante dizer que o objetivo da avaliação somatória não é obter uma análise final do êxito ou fracasso dos alunos, mas uma análise do êxito ou fracasso do processo educacional no cumprimento das intenções originais.

Convém ressaltar que o processo de avaliação permite detectar, sobretudo, o grau de qualidade do trabalho e do projeto escolar tanto por parte do professor como dos alunos. Portanto, engloba os dois sujeitos do processo de ensino-aprendizagem, permitindo que ambos reflitam sobre seu papel e suas práticas educacionais.

O quadro a seguir, proposto por César Coll, sintetiza essas três modalidades de avaliação.

⁵ COLL, César. *Psicologia e currículo: uma proposta psicopedagógica à elaboração do currículo escolar*. São Paulo: Ática, 2006; ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

	Avaliação inicial	Avaliação formativa	Avaliação somatória
O que avaliar?	Os esquemas de conhecimento relevantes para o novo material ou situação de aprendizagem.	Progressos, dificuldades e bloqueios que marcam o processo de aprendizagem.	Tipos e graus de aprendizagem que estimulam os objetivos (finais, de nível ou didáticos) dos conteúdos selecionados.
Quando avaliar?	No início de uma nova fase de aprendizagem.	Durante o processo de aprendizagem.	Ao final de uma etapa de aprendizagem.
Como avaliar?	Consulta e interpretação do histórico escolar do aluno. Registro e interpretação das respostas e comportamentos dos alunos diante de perguntas e situações relativas ao novo material de aprendizagem.	Observação sistemática e pautada do processo de aprendizagem. Registro das observações em planilhas de acompanhamento. Interpretação das observações.	Observação, registro e interpretação das respostas e comportamentos dos alunos a perguntas e situações que exigem a utilização dos conteúdos aprendidos.

Nesta coleção procuramos garantir momentos que permitam realizar a avaliação inicial na introdução de novos conteúdos, noções ou conceitos. As aberturas de unidade e a seção **Para iniciar**, no início de cada capítulo, constituem procedimentos metodológicos propícios à avaliação inicial, pois, por meio de questões, textos e recursos pontuais, o aluno é solicitado a expor seus conhecimentos prévios e suas hipóteses sobre o assunto.

O corpo de atividades e as seções propostas (trabalhos individuais ou em grupo, leitura de textos, análise de imagens, exposição de experiências pessoais, respostas orais e escritas, representações, pesquisas, confecção de painéis e cartazes, discussões na classe, tarefas de casa, etc.) servem de base para a avaliação formativa, que também consiste na observação sistemática e no acompanhamento do processo de aprendizagem dos alunos.

Nesta coleção, uma das estratégias que possibilitam a avaliação somatória é a seção **O que estudamos**, que aparece ao final de cada unidade em todos os volumes. Trata-se de um momento vivenciado pelo aluno como fechamento do trabalho e permite detectar o nível dos resultados obtidos em relação aos objetivos determinados.

Estrutura geral da coleção

Seleção e organização dos conteúdos

Mediante o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como foco a alfabetização, e por meio

do gradativo aumento da compreensão do ambiente natural e social e da capacidade de aprendizagem para adquirir conhecimentos e habilidades, valores e atitudes, esta coleção procura atender às expectativas de aprendizagem apresentadas pela BNCC.

Respeitadas as marcas singulares antropoculturais que as crianças de diferentes contextos adquirem, os objetivos da formação básica, definidos para a Educação Infantil, prolongam-se durante os anos iniciais do Ensino Fundamental, de tal modo que os aspectos físico, afetivo, psicológico, intelectual e social sejam priorizados na sua formação, complementando a ação da família e da comunidade e, ao mesmo tempo, ampliando e intensificando, gradativamente, o processo educativo com qualidade social.

Para a seleção dos conteúdos presentes nesta coleção, foram levados em consideração as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades apresentados pela BNCC para cada ano escolar. As orientações desse documento impulsionaram a opção pelos conteúdos que consideramos mais significativos para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Tivemos a preocupação de garantir, na medida do possível, o trabalho sistemático com os conceitos básicos do ensino de História (mencionados anteriormente em Fundamentos Teóricos).

Em todos os volumes da coleção, a estrutura foi concebida para facilitar a prática do professor e permitir a construção de rotinas escolares, fundamentais no processo de aprendizado. Os objetos de conhecimento e habilidades são trabalhados ao longo de uni-

dades e capítulos, nos quais os conteúdos estão organizados de acordo com um tema principal. Cada volume possui, então, um fio condutor, permitindo a reflexão sobre vários momentos históricos e a construção da relação presente-passado pela comparação entre acontecimentos e contextos históricos de diferentes épocas.

Em todos os volumes, os objetos de conhecimento são trabalhados a fim de que os alunos alcancem as habilidades correspondentes a eles, garantindo a aprendizagem e o desenvolvimento plenos dos conteúdos de cada ano letivo. De forma sucinta, os objetos de conhecimento, abordados na coleção e relacionados às diferentes habilidades, são:

- Primeiro ano – As fases da vida e a temporalidade, os vínculos pessoais, a família, a escola, a vida em casa e na escola, os diferentes vínculos e as diferentes formas de representação social e espacial.
- Segundo ano – A comunidade, a convivência, a interação entre as pessoas, os registros de experiências pessoais no tempo e no espaço, os marcos de memória, o tempo como medida, as fontes de registro de memória e a relação com a natureza.
- Terceiro ano – Os grupos sociais e étnicos da cidade, os patrimônios históricos e culturais da cidade, a produção dos marcos de memória (formação cultural da população e diferenças entre cidade e campo), espaços públicos e privados e atividades urbanas.
- Quarto ano – A ação humana no tempo e no espaço, as grandes transformações sociais e culturais da história da humanidade, a circulação de pessoas e produtos, a transformação do meio natural, o comércio, as rotas de circulação, o surgimento das cidades, o mundo da tecnologia e a comunicação, o surgimento do homem e sua expansão pelo mundo, as migrações no mundo e no Brasil.
- Quinto ano – A formação dos povos, as formas de organização social e política, o papel das religiões e da cultura para a formação dos povos antigos, a cidadania, as tradições orais, a valorização da memória e os patrimônios materiais e imateriais da humanidade.

A íntegra desses objetos de conhecimento pode ser encontrada no item *História no Ensino Fundamental – Anos Iniciais: unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades* (item 4.4.2.1), páginas 403 a 415. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 30 set. 2019.

Apresentamos na página XXXVII um quadro com os objetos de conhecimento, as habilidades e sua relação com os conteúdos deste volume.

Essa organização dos conteúdos propicia a abordagem simultânea de diferentes conceitos, favorecendo o estudo de processos históricos sob a luz das relações de semelhança e diferença, permanência e transformação, ocorridas em épocas distintas. A coleção permite trabalhar os conteúdos históricos destacando a noção de tempo histórico, valorizando o papel das sociedades atuais e do passado e adequando seu estudo à realidade do aluno. Permite também a problematização e o encadeamento lógico dos conteúdos conceituais abordados.

É importante esclarecer que, à primeira vista, alguns conteúdos desenvolvidos nos volumes podem parecer repetitivos, mas na verdade as abordagens são diferentes e seguem a progressão didática das unidades temáticas e suas habilidades.

Em relação à extensão do conteúdo, deve-se destacar que o próprio trabalho com os temas de cada unidade permite flexibilidade e maior liberdade por parte do professor para priorizar temas a ser desenvolvidos no decorrer do ano letivo. É possível selecionar conteúdos, articulá-los e organizá-los para permitir aos alunos questionar, aprofundar, confrontar e refletir sobre sua realidade e as relações entre passado e presente.

Outro aspecto importante no estudo é que, além da possibilidade de seleção, articulação e organização dos conteúdos, é possível trabalhar eventos e processos protagonizados pelos mais variados sujeitos históricos. A noção de cronologia foi também suficientemente trabalhada para permitir aos alunos adquirir as noções de anterioridade, simultaneidade, posterioridade, duração, permanências e mudanças.

E, finalmente, como última abordagem sobre a organização do conteúdo desenvolvido na coleção, é preciso ressaltar que os conteúdos curriculares não são um fim em si mesmos. Eles são meios para atingir competências cognitivas ou sociais que auxiliem o aluno a desenvolver-se como sujeito. Sua seleção e escolha devem estar de acordo com as principais problemáticas sociais existentes no contexto escolar.

Como a coleção está organizada

Esta coleção emprega inúmeras estratégias didáticas que se concretizam em seções e boxes. O objetivo desses recursos é tornar a aprendizagem mais dinâmica,

alegre e divertida, adequada a cada faixa etária, sem deixar de aprofundar determinados assuntos. O conteúdo e as atividades possuem articulações que favorecem a aprendizagem do componente curricular e apoiam a alfabetização.

As seções que compõem a coleção são: **Tecendo saberes, De olho na imagem e O que estudamos**. Os boxes são: **Para iniciar, Desafio, Saiba mais, Assim também aprendo, Pesquisa e Minha coleção de palavras de História**. Os livros do 2º ao 5º ano também contam com **Projetos**.

Cada seção e cada box tem um objetivo específico e pretende estimular o desenvolvimento de determinada habilidade por parte do aluno. Convém esclarecer que é fundamental a participação do professor no encaminhamento dessas seções.

Abertura de unidade

Por meio da exploração das imagens e das questões de sensibilização, introduz-se o tema central que será abordado no decorrer da unidade. Paralelamente a essa introdução, o aluno tem a oportunidade de descrever sua experiência, expor sua opinião e conhecer a opinião dos colegas. Essa estratégia favorece a socialização e estimula a atitude de respeito pela opinião do outro.

Para iniciar

Composto de atividades que retomam a experiência prévia dos alunos, este boxe localiza-se no início de cada capítulo e tem como objetivo despertar o interesse dos alunos pelo tema que será desenvolvido, prepará-los para o estudo e possibilitar que compartilhem os conhecimentos que já possuem a respeito do assunto. Ao mesmo tempo, desenvolve nos alunos maior sociabilidade, capacidade de se expressar e de ouvir e o respeito às opiniões alheias e ao trabalho coletivo.

Nessa etapa, professor e alunos lerão juntos textos e imagens e compartilharão impressões, conhecimentos e dúvidas. É primordial que o professor explore essas atividades iniciais, motivando os alunos a falar sobre suas experiências e a ouvir a exposição dos colegas, criando um espaço de aprendizagem e interação. Isso é importante porque a linguagem organiza o pensamento e nos faz compreender o mundo por meio da comunicação.

O texto a seguir sintetiza alguns cuidados que devem ser tomados no desenvolvimento do **Para iniciar**.

- Organizar a ordem em que cada um vai falar. Todos devem ter liberdade para participar em diversos momentos, desde que não sobreponham sua fala à do outro.
- Evitar que as perguntas sejam respondidas em coro. Quando isso acontece, a autonomia e a habilidade de interagir ficam prejudicadas.
- Evitar antecipar as respostas das crianças. Dessa forma, perde-se a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento do pensamento infantil.

POLATO, Amanda. Um bate-papo sem fim. *Nova Escola*, São Paulo, n. 202, maio 2007.

Desafio

Possibilita ao aluno fazer descobertas e comparações, investigando temas relacionados ao conteúdo do capítulo por meio de atividades realizadas na sala de aula ou fora dela. Utilizam-se várias estratégias, por exemplo: consulta em biblioteca (da escola ou da comunidade), entrevistas (com a elaboração prévia de questões pertinentes ao assunto), leitura de imagens e posteriores comparação e elaboração de painéis.

Saiba mais

A intenção é que os alunos ampliem o conhecimento sobre o conteúdo estudado nos tópicos dos capítulos. Para isso, propomos a leitura de diversos tipos de texto e a observação/análise de imagens e mapas.

Assim também aprendo

Este boxe aborda um tema do capítulo de forma lúdica e bem-humorada. Pretende-se estimular, ainda que de maneira indireta, uma reflexão sobre o conteúdo abordado. É uma forma de divertimento com propósito, em que o aluno tem chance de usar diferentes habilidades.

Pesquisa

Proposta de investigação relacionada aos temas tratados no capítulo para desenvolver as habilidades de pesquisa e complementar e aprofundar o conhecimento sobre o assunto estudado. É importante assinalar que, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, as pesquisas não devem se restringir a ambientes e fontes "tradicionais", como bibliotecas e livros. Outras fontes de pesquisa recomendadas são os acervos familiares e as entrevistas sob supervisão. Essas fontes são mais adequadas para estudar os hábitos das pessoas no passado recente, um tema bastante explorado nessa etapa da escolaridade.

Tecendo saberes

A proposta desta seção é mostrar que a compreensão da realidade vivida pelo aluno também pode ser feita de um ponto de vista interdisciplinar.

De olho na imagem

Proposta que pretende introduzir noções de análise e de interpretação de documentos históricos imagéticos (pinturas, fotografias, mapas, etc.).

Minha coleção de palavras de História

Presente em cada capítulo e no final das unidades, o objetivo desta atividade é, em etapas sucessivas, contextualizar uma palavra importante para o estudo do componente curricular e, no final do estudo, explorar o seu significado. Ao longo do ano, enquanto forma a sua coleção de palavras, o aluno poderá rever o que estudou, obtendo um panorama de seu aprendizado. É um trabalho conjunto com Língua Portuguesa que valoriza o letramento, a ampliação do vocabulário e o conhecimento histórico dos alunos.

O que estudamos

Ao final de cada unidade, há uma proposta de sistematização dos temas desenvolvidos com o objetivo de proporcionar um momento de avaliação do aprendizado, tanto por parte dos alunos quanto do professor. Os momentos que dividem essa retrospectiva trabalham de modo global atividades de escrita, desenhos, leitura, síntese e autoavaliação, organizadas nos itens: **Eu escrevo e aprendo; Minha coleção de palavras de História; Eu desenho e aprendo; Hora de organizar o que estudamos e Para você refletir e conversar.**

Projetos

A aprendizagem por meio de projetos é uma estratégia de ensino que permite aos alunos conscientizarem-se de um fato, uma situação ou um problema e estimula a busca de soluções para as questões propostas, em um trabalho socializado com os colegas.

O professor deve atuar como um mediador nesse processo, cujo resultado final é a aquisição, por parte do aluno, de novas habilidades e procedimentos.

Pela aprendizagem por projetos, os alunos devem relacionar o tema ou o problema aos conhecimentos que já possuem ou que vão adquirir ao longo do trabalho e organizar essas informações e conhecimentos na forma de uma proposta de trabalho. De acordo com Fernando Hernández e Montserrat Ventura, os projetos de trabalho devem ser planejados como uma forma de

vincular a teoria à prática e com a finalidade de alcançar alguns objetivos, como gerar uma série de mudanças na organização dos conhecimentos escolares, tomando como ponto de partida as seguintes hipóteses:

- Na sala de aula, é possível trabalhar qualquer tema; o desafio está em como abordá-lo com cada grupo de alunos e em especificar o que podem aprender dele.
- Cada tema se estabelece como um problema que deve ser resolvido a partir de uma estrutura a ser desenvolvida e que pode encontrar-se em outros temas ou problemas.
- A ênfase na relação entre ensino e aprendizagem é, sobretudo, de caráter procedimental e gira em torno do tratamento da informação.
- O docente ou a equipe de professores não são os únicos responsáveis pela atividade que se realiza em sala de aula, mas também o grupo-classe tem um alto nível de implicação, na medida em que todos estão aprendendo e compartilhando o que se aprende.
- Podem ser trabalhadas as diferentes possibilidades e interesses dos alunos em sala de aula, de forma que ninguém fique desconectado e cada um encontre um lugar para sua implicação ou participação na aprendizagem.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

É importante destacar também que esses projetos favorecem a atuação dos alunos em situações de aprendizagem, levando-os ao questionamento e ao desenvolvimento intelectual e criativo.

Nesta coleção, os projetos estão no final de cada livro a partir do volume do 2º ano. Um dos projetos se relaciona com conteúdos das unidades 1 e/ou 2 e o outro, com conteúdos das unidades 3 e/ou 4. O professor, porém, tem autonomia para iniciar o projeto não apenas no final do ano, mas também quando o estudo do tema relacionado for iniciado.

Vocabulário de página e Glossário

No decorrer dos capítulos destacamos palavras que podem suscitar dúvidas para alunos da respectiva faixa etária. Alguns vocábulos são explicados em linguagem adequada na própria página.

Algumas palavras importantes para o estudo de História encontram-se no final do volume, seguidas da indicação da página em que ocorrem e do significado

que apresentam no trecho correspondente. A utilização desse recurso favorece, em muitos casos, o trabalho interdisciplinar com Geografia, Ciências e Língua Portuguesa, por exemplo.

A consulta a esses itens deve ser recorrente, e a seleção de palavras pode ser ampliada de acordo com a necessidade.

Encaminhamentos para a utilização desta coleção

Para desencadear o processo de ensino-aprendizagem de História, foram selecionadas atividades e situações do cotidiano dos alunos. A opção metodológica adotada é a de explorar o cotidiano dos alunos e de seu grupo social, permitindo ao professor desempenhar o papel de agente mediador no processo de construção e apropriação de conceitos.

Para obter o conhecimento histórico, é necessário interpretar fatos e analisá-los de acordo com conceitos, noções, informações e valores. Para que o aluno forme esses conceitos necessários à construção do conhecimento histórico, é preciso problematizar as noções de passado, presente e futuro, estabelecendo relações entre acontecimentos e contextos históricos no tempo.

Segundo Circe Bittencourt, para entendermos como o aluno constrói esses conceitos logo nos primeiros anos do Ensino Fundamental, precisamos recorrer às teorias de Piaget e Vygotsky.

Piaget afirma que o desenvolvimento intelectual da criança ocorre ao longo de sua maturidade biológica e das interações com o meio social, com peso maior para o primeiro aspecto. O domínio de conceitos fica vinculado aos estágios de desenvolvimento do concreto ao abstrato, que, por sua vez, estão vinculados aos aspectos acima citados. Assim, o conceito espontâneo e o científico são antagônicos, e o primeiro opõe obstáculos à formação do segundo.

Vygotsky defende uma relação entre esses dois conceitos. Para adquirir conceito científico, não é necessário excluir o espontâneo. Sua teoria baseia-se na aquisição social de conceitos e, para isso, a linguagem desempenha um papel fundamental, pois por meio dela o indivíduo se expressa e interage dentro do seu grupo social. A comunicação social favorece o processo de aquisição de conceitos e de ampliação dos conceitos científicos.

As interações sociais, como família, saúde e condições econômicas, levam o indivíduo a aprender a resolver problemas. Valoriza-se, assim, para a construção de conceitos por parte do aluno, todo o seu conhecimento

prévio, todas as suas experiências históricas e sociais e todo o seu conhecimento espontâneo. Cabe ao professor reconhecer esse conhecimento e dele se aproveitar para atingir os conceitos científicos da História.

Para desempenhar o papel de mediador do processo de construção e apropriação de conceitos, é importante que o professor, em seu contato com os alunos:

- valorize os conhecimentos prévios e as noções históricas que possuem;
- compartilhe suas ideias com eles a fim de delinear, organizar, desenvolver e efetivar a proposta que viabilizará a construção de determinado conceito histórico;
- promova estratégias interativas com o objetivo de favorecer trocas, tanto em trabalhos individuais como em grupo.

O desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem inclui, além da construção de conteúdos históricos, o trabalho com conteúdos procedimentais e atitudinais.

Os conteúdos procedimentais pretendem desenvolver no aluno competências cognitivas, como capacidade de observação, de compreensão, de argumentação, de organização, de análise, de síntese, de formulação de hipóteses e de planejamento. São conteúdos que devem ser trabalhados em sala de aula e instrumentalizam o aluno em sua análise da realidade.

Os conteúdos atitudinais referem-se a posicionamentos, valores e atitudes a ser desenvolvidos pelos alunos de modo integrado aos demais conteúdos. Durante muito tempo, valores e atitudes não foram objeto de atenção da escola. Ocorre que a escola não pode se eximir de analisar essas questões, pois os valores estão presentes em vários momentos do cotidiano escolar e da própria vida dos alunos.

Durante sua vivência escolar, os alunos manifestam seus valores em suas concepções e em muitas de suas atitudes. É importante destacar que os valores e as atitudes devem ser resultado de uma constante reflexão e estimular a construção da cidadania e o desenvolvimento de posturas cotidianas conscientes.

As leis n. 10 639/03 e n. 11 645/08 nos currículos escolares

Em 9 de janeiro de 2003, foi assinada a Lei n. 10 639/03, que instituiu a obrigatoriedade do ensino da história da África e da cultura afro-brasileira nas escolas do país. De acordo com essa lei, esses conteúdos devem constar, principalmente, nos programas dos componentes curriculares de História e Língua Portuguesa, destacando o estudo da história da África e dos

africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na sociedade nacional.

Em 10 de março de 2008, a Lei n. 11 645/08 reformulou o artigo 26-A, incluindo a obrigatoriedade do estudo da história e cultura dos povos indígenas, que também caracterizaram a formação da população brasileira.

Essa exigência foi reafirmada nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) ⁹: o ensino de História do Brasil levará em conta as contribuições dos povos africanos e indígenas, contribuindo para assegurar o conhecimento e o reconhecimento desses povos para a constituição do povo e da cultura do país.

As leis e suas diretrizes objetivam a educação para a igualdade étnico-racial, reconhecendo e legitimando a contribuição das populações negra e indígena na construção da cultura e da sociedade brasileira.

Na prática, como podemos introduzir a história da África e a cultura afro-brasileira na sala de aula?

A obrigatoriedade do ensino da história da África e da cultura afro-brasileira é uma reivindicação antiga dos movimentos negros e de lideranças da área da Educação, que vêm discutindo o assunto desde pelo menos a década de 1970. É interessante lembrar, por exemplo, que vários debates e encontros para discutir a necessidade da revisão dos estudos sobre a presença negra no Brasil e a forma como ela aparece nos currículos escolares ocorreram em décadas anteriores à assinatura da lei. Entre esses debates e encontros, temos o I Fórum sobre o Ensino da História das Civilizações Africanas nas Escolas Públicas, que aconteceu na década de 1990, na cidade do Rio de Janeiro.

A disciplina História da África nas universidades brasileiras é bastante recente e as publicações em língua portuguesa vêm crescendo pouco a pouco. O resultado desse crescimento dos estudos é que, se antes o escravizado era considerado apenas mão de obra e mercadoria, hoje, cada vez mais, é visto como aquele que, mesmo cativo, chegou ao Brasil com conhecimentos prévios e com memórias.

Hoje, sabemos que as contribuições dos africanos no Brasil não se resumem a danças, comidas e festividades; há também uma enorme bagagem africana no que diz respeito a tecnologias e diferentes saberes.

Conhecer a África é perceber que esse continente é, historicamente, marcado pela presença de reinos

poderosos, que, muitas vezes, derrotaram europeus em batalhas. É também aprender que diversas tecnologias que acreditávamos terem sido somente dominadas por europeus foram, na verdade, muito desenvolvidas por africanos, como é o caso da metalurgia do ferro, cujas técnicas são conhecidas milenarmente na África, bem antes do contato com os europeus.

A escola é, portanto, local privilegiado para o estudo da contribuição dos africanos na formação da sociedade brasileira, para a superação do racismo e para a reflexão sobre as contradições e desigualdades de nossa sociedade.

De modo geral, a Lei n. 10639/03 faz com que uma importante matriz fundadora da sociedade brasileira seja estudada de forma mais justa e cuidadosa. As publicações sobre o tema também têm ganhado força, e hoje é possível afirmar que aquele que busca uma formação nessa temática não está mais desamparado.

Em sala de aula, é possível utilizar recursos simples para contemplar as indicações presentes nas DCN, introduzindo, por exemplo, as obras e a biografia de escritores negros, como Carolina Maria de Jesus ou Machado de Assis. É possível também aproximar os alunos das mitologias africanas, que podem ser comparadas e tratadas no mesmo nível de igualdade dos mitos gregos, e traçar paralelos entre eles.

As primorosas esculturas e máscaras africanas podem ser trabalhadas como uma produção artística de alta complexidade e grande beleza. Os reinos do Congo, de Gana, de Benim e do Mali, por exemplo (veja o capítulo 4, na Unidade 2, do livro do 3º ano), podem ser apresentados como exemplos de formações políticas que nada têm a dever em relação a outras do mundo.

No que se refere à contribuição africana no Brasil, é importante mostrar aos alunos que muitas técnicas e ferramentas de trabalho utilizadas durante o período da escravidão foram desenvolvidas por africanos.

Muitas personalidades extremamente importantes na história do Brasil também têm origem africana, como é o caso de Teodoro Sampaio, filho de uma escravizada, que se tornou um respeitado geógrafo e engenheiro. É importante mencionar ainda a família Rebouças, formada por engenheiros negros – sendo André Rebouças o membro mais conhecido –, com destacado papel na luta pelo fim da escravidão. Ainda no que diz respeito ao período abolicionista, temos a presença de Luís Gama, ex-escravizado, que se tornou advogado e

⁹ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica*. Brasília, 2013. p. 67. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=13448&Itemid=>>. Acesso em: 23 out. 2017.

atuou na libertação de diversos cativos nos anos anteriores à abolição.

Muitos artistas negros tiveram destaque na Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro, após a vinda da família real para o Brasil. Estevão Roberto da Silva, famoso pelas pinturas de natureza-morta, ainda é considerado um dos melhores pintores desse gênero. Estevão Silva e outros artistas negros até pouco tempo estavam esquecidos e eram negligenciados pela História da Arte brasileira.

Há, portanto, inúmeras maneiras de trabalhar a temática africana e afro-brasileira na sala de aula. É importante introduzir esses conteúdos cotidianamente, e não apenas em datas festivas, como o dia 13 de maio, quando é comemorada a abolição da escravidão, ou 20 de novembro, quando se comemora o Dia da Consciência Negra. Certamente, essas datas são importantes para refletirmos sobre a nossa própria história; porém, é urgente um trabalho permanente e criterioso.

Conhecer a história da África e a cultura afro-brasileira não apenas colabora para a melhora da autoestima de milhões de brasileiros, como também serve para tornar a sociedade brasileira mais justa e igualitária.

É importante lembrar que a cultura e a história da África e dos afrodescendentes são exploradas e bem aprofundadas nesta coleção. Há também outros encaminhamentos sobre como introduzir esses conteúdos em suas aulas nas páginas em que há orientações para o uso do Livro do Estudante.

Leituras para sua referência:

- PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva; CROSO, Camila (Coord.). *Igualdade das relações étnico-raciais na escola: possibilidades e desafios para a implementação da Lei n. 10 639/2003*. São Paulo: Petrópolis/Ação Educativa/Ceafro/Cert, 2007.

Leituras para o aluno:

Há vários títulos sobre o assunto na seção **Sugestões de...**, presente em todos os volumes do Livro do Estudante. Indicamos, a seguir, outros títulos, de caráter mais geral.

- Vale a pena conhecer o livro (acompanhado do jogo de tabuleiro) intitulado *Yoté: o jogo da nossa história*, produzido pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação (Secad/MEC). O Yoté é um jogo africano de estratégia praticado por dois ou mais jogadores. No

formato adaptado para material didático, apresenta peças de tabuleiro no formato de personalidades afro-brasileiras. O jogo está disponível no endereço eletrônico: <http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/yote_professor_miole.pdf>. Acesso em: 19 out. 2017.

- No site *A cor da cultura*, na seção “Heróis de todo mundo”, há textos (biografias) e vídeos sobre os afrodescendentes que fizeram a diferença na história do Brasil, como: Adhemar Ferreira da Silva (1927-2001); Antonieta de Barros (1901-1952); Auta de Souza (1876-1901); Carolina Maria de Jesus (1914-1977); Juliano Moreira (1873-1933); Milton Santos (1926-2001) e muitos outros. Consulte <<http://antigo.acordacultura.org.br/herois/>> (acesso em: 19 out. 2017) e, se possível, mostre as biografias aos alunos.

Na prática, como podemos introduzir a história e a cultura indígenas na sala de aula?

É importante abordar, em sala de aula, a história e a cultura dos povos indígenas, não de forma isolada, mas relacionada à história do Brasil, à formação da identidade nacional e aos direitos dos povos indígenas no presente. Sempre que possível, é interessante utilizar as referências dos alunos, estimulando-os a respeitar as manifestações culturais e suas diferenças.

Por se dirigirem a uma parte significativa da população do país (constituída de 49,5% de negros e de aproximadamente 0,5% de indígenas) as políticas educacionais expressas nas leis 10 639/2003 e 11 645/2008 [...] dizem respeito a todos os brasileiros. [...]

Todo esse avanço da legislação educacional busca interferir na realidade social que exclui e marginaliza negros e indígenas. Cria condições legais para atender a demanda dessas populações por reconhecimento e valorização da diferença e o faz ao mesmo tempo em que promove maior igualdade no acesso delas a um direito social de cidadania fundamental, qual seja a educação.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; OLIVEIRA, Evaldo Ribeiro; MORAIS, Danilo de Souza. As leis 10 639/03 e 11 645/08 se fazem necessárias? *Presente! Revista de Educação*. Salvador: Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica, n. 63, 2008.

Esta coleção permite abordar, em sala de aula, aspectos culturais dos povos indígenas, seu modo de vida, sua organização do trabalho, bem como

mostrar aos alunos narrativas desses povos, enfatizando a importância da oralidade para eles. É importante, também, destacar o papel do indígena no início da colonização portuguesa da América, bem como os conflitos e a convivência com o colonizador, e expor aspectos da resistência indígena diante do avanço português.

É interessante que os alunos tenham em vista que a história da ocupação das terras que viriam a formar o Brasil começa muito antes da chegada dos portugueses, em 1500. Naquela época, historiadores calculam que entre 3 e 5 milhões de pessoas ocupavam *Pindorama* (como o território do atual Brasil era chamado por certos grupos indígenas). Cada povo indígena possuía seu sistema de crenças, sua língua, seus rituais, seu modo de trabalhar e sua organização familiar e social, fatores que evidenciam a pluralidade de culturas e etnias que aqui se encontravam.

Ao tratar das populações indígenas na atualidade, é importante comentar que, na defesa de seus direitos, as lideranças indígenas buscam se organizar cada vez mais. De acordo com dados do Instituto Socioambiental, a criação das organizações indígenas promoveu o surgimento de novos líderes e de novas formas de aliança entre os povos. Há organizações indígenas vinculadas a uma só aldeia; outras conseguem unir diferentes aldeias; há, ainda, casos de organizações maiores, que firmam um tipo de representação política no plano regional.

Vale reforçar que a cultura, a história e o cotidiano indígena são explorados e bem aprofundados nesta coleção. Outros encaminhamentos sobre como introduzir esses conteúdos nas aulas podem ser encontrados nas páginas em que há orientações para o uso do Livro do Estudante.

Leituras para sua referência:

- ANGTHICHAY et al. *O povo Pataxó e suas histórias*. 6. ed. São Paulo: Global, 2001.
- RIBEIRO, Berta. *O índio na história do Brasil*. 12. ed. São Paulo: Global, 2009.

Vídeo para o aluno:

Há vários títulos sobre o assunto na seção **Sugestões de...**, presente em todos os volumes do Livro do Estudante. Indicamos, a seguir, outros títulos, de caráter mais geral.

- *Vídeo nas aldeias*. Esses filmes, produzidos pelos próprios indígenas, mostram a cultura e a história de diversos povos no Brasil (entre eles, os Kuikuro,

os Panará, os Huni Kuin, os Xavante e os Ashaninka). Consulte o seguinte endereço: <www.videonasaldeias.org.br/2009>. Acesso em: 19 out. 2017.

Atividades escritas e orais

Entre os recursos didáticos oferecidos pela coleção, estão atividades que podem ser orais, escritas, em grupo, individuais e procedimentais. Os encaminhamentos para a execução das atividades ao longo das Orientações específicas deste Manual não devem ser considerados um imperativo. Cabe ao professor, com ampla liberdade e criatividade, adaptá-los à sua realidade e a seu momento.

Por meio de atividades de observação, percepção de diferenças e semelhanças, descrição, reflexão, análise e interpretação de documentos e dados históricos no tempo e no espaço, o aluno questiona o passado, o que o auxilia a formar conceitos, construir conhecimentos históricos e atuar como sujeito de sua própria aprendizagem.

Vale lembrar que a sistematização do conhecimento e o desenvolvimento de conceitos, que são as bases para a escolha dos conteúdos e das atividades, não podem prescindir da perspectiva da construção da cidadania, estimulando o convívio social, o respeito, a tolerância e a liberdade.

Essas atividades não devem ser utilizadas de modo que os alunos sejam simples repetidores de conteúdos. Como sujeitos ativos do conhecimento, eles não devem se preocupar em reproduzir, mas em construir e apropriar-se do conhecimento. Assim, esta coleção busca propor atividades que não se separem do conteúdo, mas que o integrem e o constituam, com a preocupação de desenvolver também os procedimentos e as atitudes. As atividades devem também trabalhar situações-problema partindo do meio em que o aluno vive.

Uma das preocupações da coleção é a de desenvolver um trabalho que envolva inúmeras habilidades, como a escrita, a leitura, a oralidade, entre outras.

A leitura e a escrita são habilidades importantes que devem ser acompanhadas de perto e orientadas. Nesta coleção, há um número significativo de atividades que trabalham o desenvolvimento dessas habilidades. Tanto a leitura quanto a escrita devem ser uma preocupação sistemática do professor. Deve-se estar atento à transposição da linguagem oral para a escrita por parte dos alunos.

Em História, no trabalho com a escrita, propõe-se desenvolver com os alunos a organização do pensamento, o aprendizado de informar e de narrar um fato, a conservação da memória individual e coletiva, etc.

As sugestões de leitura, que se encontram ao final de cada unidade, constituem um recurso didático para estimular o hábito de ler, além de consolidar e ampliar o conhecimento. Nessa seção há indicações de obras de literatura infantil e paradidáticas sobre os temas tratados nas unidades.

Quanto às atividades orais, a sala deve estar organizada de modo que você e todos os alunos possam escutar as apresentações dos trabalhos. Estimule a oralidade dos alunos, considerando aspectos como a postura, a voz, o tempo determinado para a exposição, a organização das frases e a defesa das ideias. Destaque a importância de saber ouvir; afinal, um bom orador também sabe escutar, respeitando as opiniões, as dificuldades e os limites alheios. É importante trabalhar com os alunos mais tímidos, oferecendo-lhes a oportunidade de desenvolver essa habilidade de modo gradual.

Em determinadas atividades algumas situações-problema são trabalhadas, procurando propô-las em momentos oportunos, sempre partindo da realidade vivenciada pelo aluno, a fim de que ele desenvolva procedimentos como busca, análise, reflexão, entre outros.

Valorizamos as ideias de Juan Ignacio Pozo¹⁰, o qual afirma que, diante de um ensino baseado na transmissão de conhecimentos, a solução de problemas pode constituir não somente um conteúdo educacional, mas também uma forma de conceber as atividades educacionais.

Para ele a solução de problemas baseia-se na apresentação de situações sugestivas que exijam dos alunos um esforço para buscar respostas por intermédio de seus próprios conhecimentos. Ensinar os alunos a resolver problemas é ensiná-los a aprender e a buscar as suas próprias respostas, sem esperar uma resposta já pronta.

Minha coleção de palavras de História

Para realizar as atividades da **Minha coleção de palavras de História**, os alunos devem fazer no caderno um quadro de acordo com o modelo abaixo, que eles devem preencher com as palavras à medida que os capítulos forem sendo estudados.

	Palavra da Minha coleção	Significado da palavra
Capítulo 1 (página 16)		

Esse quadro deve ser trabalhado com os alunos a fim de desenvolver os sentidos e os significados das palavras por meio de definições escritas e/ou desenhos. Além disso, o quadro promove a organização e a sistematização dessas palavras.

Em vez do quadro, uma opção é pedir aos alunos que reservem as quatro últimas páginas do caderno para nelas organizar e registrar a “coleção de palavras” que será formada ao longo do ano letivo.

Sugerimos o quadro ou o registro no caderno, mas, se possível e de acordo com as condições da escola, os alunos podem organizar e registrar a “coleção” em fichas ou em folhas de sulfite.

Outra opção seria: concluído o estudo do volume, fazer uma atividade de fechamento com as palavras da coleção, em que o aluno constrói um glossário ilustrado com as palavras aprendidas nas unidades. Nessa atividade, é interessante pedir aos alunos que organizem as palavras em ordem alfabética.

Para essas atividades, é importante explicar aos alunos que as definições por eles elaboradas para cada palavra, na atividade de fechamento da unidade, devem estar ligadas aos conteúdos de História. Afinal, anteriormente, eles “brincaram” com as palavras (nas atividades com palavras localizadas em cada capítulo) e descobriram que muitas delas podem ter sentidos diferentes do sentido histórico visto no livro didático. Essa é uma forma de garantir que apreendam os conceitos da disciplina.

Se quiser, converse com os alunos sobre o sentido da palavra “coleção”. Colecionar objetos, como chaveiros, bonecos, papel de carta ou figurinhas, faz parte do universo das crianças. Pergunte à turma se algum deles mantém uma coleção e explique por que colecionar algo é interessante e atraente. O ato de colecionar estimula a observação, incentiva o sentido de organização e de catalogação de objetos. Desse modo, uma “coleção” pode servir para fins educativos, como é o caso da **Minha coleção de palavras de História**.

Documentos históricos

Um dos mais importantes fundamentos do aprendizado do componente curricular nesta coleção é o uso que se faz das fontes históricas.

O estudo de História é feito por meio dessas fontes (documentos, jornais, fotos antigas, reprodução de pinturas e cartografia da época, objetos antigos), buscando compreender, de forma adequada à faixa etária, acontecimentos e fatos históricos, trabalhando em con-

¹⁰ POZO, Juan Ignacio (Org.). *A solução de problemas: aprender a resolver, resolver para aprender*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

junto a relação passado e presente, permite ao aluno a noção concreta da narrativa histórica, bem como questionar o passado, conhecer a metodologia da História e construir o conhecimento histórico.

A escolha de documentos deve privilegiar a aquisição de conhecimentos históricos. O seu uso não deve ser feito com o objetivo de iniciar o aluno nos métodos de trabalho do historiador ou de simplesmente atestar a veracidade da narrativa histórica do texto-base, mas sim desenvolver nele a capacidade de fazer análises críticas da sociedade, em uma perspectiva temporal.

Segundo Circe Bittencourt ¹¹, entre outros usos em sala de aula, um documento pode servir para ilustrar uma situação, como reforço de aula, como fonte de informação de uma situação histórica ou como introdução a um tema estudado (como situação-problema).

Além de suportes para o trabalho didático do professor, os documentos históricos ajudam o aluno a observar, questionar e refletir, muitas vezes descobrindo, com isso, os conteúdos da História.

Os documentos servem de suporte para pesquisa e fonte de interpretação. Caso se pretenda, por exemplo, compreender as sociedades em seus vários aspectos, as informações devem ser procuradas em diversos tipos de documento, por exemplo, as vestimentas e outros objetos de uso cotidiano, as construções, os textos escritos, as obras de arte (como as imagens de época) ou o espaço de produção e circulação. Enfim, tudo o que é utilizado e elaborado por aquela sociedade pode ser analisado.

O documento não deve ser tratado como anunciador de uma verdade, mas como elemento a ser interpretado:

- O que ele transmite?
- Quem o produziu?
- Quando?
- Por que foi elaborado?

Assim, o documento fornece pistas das realidades e dos acontecimentos históricos, mas não fala por si só, precisando, portanto, da interpretação do historiador. Afinal, os documentos são produzidos em um passado dinâmico, em um contexto específico.

A utilização da imagem é um recurso didático indispensável para a aprendizagem de História, mas deve ser feita com cuidado. Uma imagem, seja pintura, fotografia, gravura ou outra forma de representação expressa a intenção dos autores e as convenções de determinada época. Uma obra (pintura, por exemplo), feita nos séculos XIX ou XX e que representa um acontecimento

histórico do século XVI, não pode ser considerada um registro da época em questão. Porém, pode ser importante para saber como aquele acontecimento representado foi memorizado. O trabalho com imagens é detalhado no texto do item **Como trabalhar imagens em sala de aula**, na página XXV deste Manual.

Para resgatar diferentes aspectos da nossa cultura, de diferentes épocas, trabalhamos não só com textos atualizados, mas também com textos já conhecidos e considerados clássicos da nossa história e da nossa literatura.

Linha do tempo

Estimular o aluno a construir linhas do tempo significa introduzir a concepção de tempo histórico por meio do trabalho com as ideias de anterioridade e de posterioridade. Compreender processos históricos dessa maneira pode oferecer-lhe um estudo da História mais próximo da sua experiência e do seu mundo concreto.

Nos primeiros anos de estudo no Ensino Fundamental, deve-se partir das experiências do aluno e do meio em que vive, registrando na linha do tempo datas e acontecimentos mais significativos da sua vida e do seu grupo social, vinculando-os à noção de geração. Nos anos posteriores, trabalham-se as linhas do tempo do local ou do país. O tempo cronológico vai, assim, sendo apreendido progressivamente pelo aluno.

Ao construir a linha do tempo, o aluno aprende a situar cronologicamente os fatos históricos e a entender a sua evolução, desenvolvendo, nesse processo, as noções de passado, de geração, de século e, muitas vezes, das causas e consequências de acontecimentos ou situações.

A linha do tempo permite ao aluno apresentar de forma didática o conceito de tempo, que pode ser muito abstrato para crianças nessa faixa etária. No entanto, ela deve ser trabalhada com tudo aquilo que é anterior, concomitante e posterior aos fatos e datas nela representados. Explicar a simultaneidade dos fatos históricos faz o aluno entender que aqueles apresentados na linha do tempo não estão isolados, e sim integrados em um contexto histórico mais amplo.

A datação é importante para os historiadores localizarem e interpretarem os acontecimentos no tempo. Na escola o aluno deve aprender a datar e também a refletir e dar sentido às datas perfiladas. Assim poderá entender os acontecimentos históricos e visualizar períodos mais longos da História, tomando consciência da proporcionalidade das linhas do tempo para indicar a duração de um processo histórico.

¹¹ BITTENCOURT, Circe M. F. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2005.

Interdisciplinaridade

Na interdisciplinaridade, duas ou mais disciplinas relacionam seus conteúdos para aprofundar o conhecimento do aluno. Dessa forma, é possível articular os conteúdos de Geografia, como localização e características naturais (relevo, clima, vegetação), com outras áreas, discutindo, por exemplo, a letra de uma canção que retrate o lugar estudado. Outras possibilidades são recorrer à interação com a disciplina de Ciências ou ainda com Língua Portuguesa, buscando compreender os significados de uma canção a partir da análise da letra.

Não podemos, no entanto, confundir interdisciplinaridade com multidisciplinaridade, a qual se dá quando um tema é abordado por diversas disciplinas, sem estabelecer necessariamente um diálogo entre elas.

A interdisciplinaridade como desenvolvimento de um trabalho de integração dos conteúdos de uma disciplina com outras áreas de conhecimento já havia sido aconselhada pelos PCN como contribuição para o aprendizado do aluno. Na BNCC, ela é definida como necessária, embora não esteja no escopo do documento indicar a forma como a interdisciplinaridade deve ocorrer ¹².

Ao oferecer um novo jeito de ensinar e aprender, a interdisciplinaridade auxilia na melhoria do processo de ensino-aprendizagem por meio de uma prática pedagógica mais integradora e de uma forma mais prática de construir o conhecimento. Ao relacionar conteúdos e conceitos de diferentes componentes curriculares, a interdisciplinaridade aproxima o aluno de sua realidade mais ampla.

O enfoque interdisciplinar é tido muitas vezes como um desafio porque o professor precisa ter uma atitude interdisciplinar, tornando-se um profissional com visão integrada da realidade, precisa tentar o novo no seu envolvimento com os projetos, deixando de lado velhos hábitos da prática pedagógica. A escola, por sua vez, deve ser uma instituição interdisciplinar.

A escola, como lugar legítimo de aprendizagem, produção e reconstrução de conhecimento, cada vez mais precisará acompanhar as transformações da ciência contemporânea, adotar e simultaneamente apoiar as exigências interdisciplinares que hoje participam da construção de novos conhecimentos. A escola precisará acompanhar o ritmo das mudanças que se operam em todos os segmentos que compõem a sociedade. O mundo está cada vez mais interconectado, interdisciplinarizado e complexo.

[...]

Não obstante as limitações da prática, a interdisciplinaridade está sendo entendida como uma condição fundamental do ensino e da pesquisa na sociedade contemporânea. A ação interdisciplinar é contrária a qualquer homogeneização e/ou enquadramento conceitual. Faz-se necessário o desmantelamento das fronteiras artificiais do conhecimento. Um processo educativo desenvolvido na perspectiva interdisciplinar possibilita o aprofundamento da compreensão da relação entre teoria e prática, contribui para uma formação mais crítica, criativa e responsável [...].

THIESEN, Juarez da Silva. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, set./dez. 2008. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000300010>. Acesso em: 23 out. 2017.

A realização de projetos é uma boa oportunidade para o desenvolvimento de atividades interdisciplinares, que permitem ao aluno perceber a relação dos conteúdos trabalhados com a sua realidade, uma vez que proporciona o aprofundamento do conhecimento sobre o tema tratado.

Para efetivar a interdisciplinaridade durante as aulas, pode-se recorrer a duas estratégias apresentadas na coleção: a utilização das situações-problema propostas nos **Projetos** e a realização das atividades propostas na

¹² Nos PCN, a interdisciplinaridade é tratada, principalmente, nos temas transversais: “Por tratarem de questões sociais, os Temas Transversais têm natureza diferente das áreas convencionais. Sua complexidade faz com que nenhuma das áreas, isoladamente, seja suficiente para abordá-los. Ao contrário, a problemática dos Temas Transversais atravessa os diferentes campos do conhecimento. Por exemplo, a questão ambiental não é compreensível apenas a partir das contribuições da Geografia. Necessita de conhecimentos históricos, das Ciências Naturais, da Sociologia, da Demografia, da Economia, entre outros.” (BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética*. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 29. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2017). Embora a BNCC não explicita como fazer a interdisciplinaridade, atribuindo essa responsabilidade aos formuladores de currículos, indica a importância de se “decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem.” (BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 16).

seção **Tecendo saberes**. Esta, por sua vez, é constituída por temas e atividades interdisciplinares que podem ser complementadas pelo professor, possibilitando a ampliação das disciplinas nelas envolvidas.

Sistematização do aprendizado

Com a finalidade de propiciar aos alunos um momento de sistematização dos conteúdos, a coleção propõe, ao final das unidades, a seção **O que estudamos**, que está dividida em cinco momentos: **Eu escrevo e aprendo**, que propõe ao aluno selecionar e escrever o que mais lhe chamou a atenção no capítulo; **Minha coleção de palavras de História**, que retoma as palavras trabalhadas nos capítulos; **Eu desenho e aprendo**, em que o aluno, por meio da linguagem gráfica, elabora um desenho apresentando o que entendeu sobre o conceito ou conteúdo tratado e o que ele mais gostou de aprender; e **Hora de organizar o que estudamos**, que traz um resumo geral do que foi estudado no capítulo.

As atividades **Eu escrevo e aprendo** e **Eu desenho e aprendo** consistem na seleção de frases ou de temas dos capítulos. O aluno é orientado a rever os conteúdos estudados e a escolher o que mais lhe chamou a atenção e foi significativo. Com isso, retomará os conteúdos trabalhados (conceituais, atitudinais, procedimentais), reforçando o processo de aprendizagem e permitindo ser avaliado.

A principal diferença entre esses dois encaminhamentos está na linguagem utilizada. Em **Eu escrevo e aprendo**, o foco é a linguagem escrita, enquanto em **Eu desenho e aprendo**, a linguagem gráfica. Nessa proposta, é possível obter dos alunos uma ressignificação de determinados conteúdos já trabalhados, concretizando a construção do saber histórico escolar. Essa proposta é uma oportunidade também para os professores ampliarem o processo de avaliação e acompanhamento do aprendizado de seus alunos, como explicado no item **O processo de avaliação** na página XIII deste Manual.

Ressaltamos que a seleção deve ser feita por eles, com autonomia e liberdade, sem que o professor interfira no processo de escolha e os direcione para as temáticas que acredita ser importantes. O aluno vai se tornando sujeito ativo de sua aprendizagem, que constitui um processo individual e diferenciado.

Da mesma forma, em **Hora de organizar o que estudamos**, o professor também poderá solicitar que os alunos façam uma breve síntese do que foi discutido durante as aulas, com o objetivo de resumir o que foi aprendido. Além disso, é possível criar estratégias de

registro, que podem tanto ser coletivas (com o professor anotando na lousa as falas dos alunos) quanto individuais, caso em que cada aluno faz uma síntese em seu caderno e, depois, socializa com os colegas da turma.

O último momento convida o aluno a refletir e conversar sobre os conteúdos estudados ao longo da unidade. Este momento é ideal para sanar as possíveis dúvidas remanescentes dos alunos.

Representações cartográficas

Ao longo dos capítulos podem ser encontradas representações cartográficas (mapas do Brasil e de outras regiões do mundo). Essas representações auxiliam os alunos a reconhecer a espacialidade de determinados fenômenos, possibilitando a realização de uma atividade interdisciplinar com Geografia.

Propomos ao professor valer-se do recurso dos mapas para explorar ou ampliar o tema em questão, sempre respeitando as limitações pertinentes à faixa etária e procurando alcançar níveis gradativamente mais complexos em relação a essa linguagem, levando ao processo de alfabetização cartográfica.

Com essa opção metodológica e as estratégias descritas, esperamos não somente levar os alunos a assimilar conteúdos, mas também criar condições para que possam articular conhecimentos, habilidades e valores.

É nosso objetivo, portanto, contribuir para a formação de indivíduos capazes de utilizar as informações e participar da construção coletiva da sociedade, com consciência política, autocrítica e pensamento autônomo, como cidadãos que almejem transformar a realidade à sua volta, melhorar o convívio social e primar pela tolerância e liberdade. Afinal, acreditamos no ensino de História como possibilidade de reflexão e reconstrução.

Como trabalhar imagens em sala de aula

As imagens apresentadas em um livro didático de História não devem servir de simples ilustrações, nem de meio de priorizar e apreender a informação apresentada. Tampouco são um simples recurso para motivar uma aula de História.

O uso de imagens tem o objetivo de introduzir o aluno na atividade de observação, reflexão e análise crítica do processo histórico.

A leitura e a interpretação de imagens são uma estratégia muito rica que deve ser utilizada pelo professor em sala de aula, pois com esse recurso desenvolve-se no aluno a capacidade de interpretar acontecimentos passados usando documentos, bem como seu senso crítico.

É sabido que as imagens fornecem uma mensagem imediata; quando bem trabalhadas pelo professor, porém, elas também podem oferecer muitas outras informações e permitir construir conhecimentos sobre o que representam. É importante ensinar aos alunos a interpretar a imagem e procurar discutir aquilo que está sendo representado, indo além do imediatismo.

As imagens, desde as mais antigas às mais modernas, refletem o olhar do seu autor e não são mera reprodução do fato acontecido. Essa premissa deve nortear o professor de História ao trabalhar as imagens com seus alunos. Uma imagem deve sempre ser interpretada de acordo com as configurações sociais do tempo e do espaço em que foi realizada/produzida.

Uma imagem não pode ser usada como verdadeira fonte histórica documental caso tenha sido feita muito tempo – às vezes séculos – depois do fato histórico representado. Mesmo que seja contemporânea ao fato, ela pode expressar uma visão parcial e individual do acontecimento.

O artista pode produzir uma obra de forma muito romântica e suave, a fim de amenizar o fato ocorrido, ou, ao contrário, criar uma cena mais forte, com tintas muito mais escuras. Como exemplo, temos as clássicas cenas de Rugendas sobre a chegada de pessoas escravizadas ao Rio de Janeiro e sua comercialização. A forma apresentada pelo artista ameniza, de modo geral, a dura realidade desses escravizados na época.

O professor precisa discutir com seus alunos o significado da representação do fato criada pelo artista, porque essa representação estabelece versão hegemônica, criada, às vezes séculos depois, sobre esse fato.

Imagens antigas ou atuais (fotos, reproduções de pinturas, jornais, mapas, desenhos, documentos, quadros, charges e outras) devem ser comparadas e exploradas em todas as suas potencialidades pelas atividades propostas.

A problematização passado-presente leva o aluno à percepção da construção do conhecimento histórico, possibilitando-lhe desenvolver um raciocínio autônomo e coerente com a sociedade em que vive.

Atividades com imagens também podem levar o aluno a iniciar o trabalho de pesquisa científica, oferecendo-lhe, muitas vezes, oportunidades para refletir, argumentar e analisar atividades que estimulem discussões e fomentem o interesse por novos temas, respeitando sempre as capacidades intelectuais da faixa etária a que o livro se destina.

Nem todos os temas são tratados com a mesma profundidade, levando-se novamente em consideração a faixa etária do aluno e os conteúdos da disciplina para cada ano escolar. Importante é que o aluno inicie seu contato com a metodologia de História e com a construção do conhecimento histórico.

As representações são percepções do social que, por sua vez, são construídas e de forma alguma constituem discursos neutros.

Ao trabalhar com imagens na sala de aula, é necessário levar em consideração as seguintes questões:

[...] qual a natureza desse documento [visual]? Quem o produziu? Quando? Com que objetivo? Como chegou até nós? Qual a questão central dele? Que tipo de mensagem o autor quer transmitir? Que avaliação você faz dele? Em sua opinião, existe algo que esteja subentendido nele? Como ele nos permite conhecer o passado? É importante garantir que cada um exponha o valor da obra enquanto testemunho de uma época e também a própria impressão sobre ela.

DIDONÊ, Débora; MENEZES, Débora. *Visões do passado: a história do Brasil em telas e gravuras*. Nova Escola, set. 2007. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2455/visoes-do-passado-a-historia-do-brasil-em-telas-e-gravuras>>. Acesso em: 23 out. 2017.

Referências para aprofundamento do professor

Nesta seção, são apresentados textos de aprofundamento para subsidiar o trabalho em sala de aula.

A organização dos conteúdos

Existem duas proposições acerca das diversas formas de organizar os conteúdos que, apesar de pontos coincidentes, partem de suposições e referenciais diferentes. Assim, certas formas de organizar os conteúdos tomam como ponto de partida e referencial básico as disciplinas ou matérias; neste caso, os conteúdos podem ser classificados conforme sua natureza em multidisciplinares, interdisciplinares, pluridisciplinares, metadisciplinares, etc. Nestas propostas, as disciplinas justificam os conteúdos próprios de aprendizagem e, portanto, nunca perdem sua identidade como matéria diferenciada. As características de cada uma das modalidades organizativas estão determinadas pelo tipo de relações que se estabelecem

e o número de disciplinas que intervêm nestas relações, mas em nenhum caso a lógica interna de cada uma das disciplinas deixa de ser o referencial básico para a seleção e articulação dos conteúdos das diferentes unidades de intervenção. Deste modo, encontraremos organizações centradas numa disciplina apenas, forma tradicional de organização dos conteúdos, e outras que estabelecem relações entre duas ou mais disciplinas.

No outro lado está o modelo de organização de conteúdos que nos oferecem os métodos globalizados, os quais nunca tomam as disciplinas como ponto de partida. Nestes métodos, as unidades didáticas dificilmente são classificáveis se tomamos como critério o fato de que correspondam a uma disciplina ou matéria determinada. Os conteúdos das atividades das unidades didáticas passam de uma matéria para outra sem perder a continuidade: a uma atividade que aparentemente é de Matemática segue outra que diríamos que é de Ciências Naturais, e a seguir uma que poderíamos classificar como de Estudos Sociais ou de Educação Artística. A diferença básica entre os modelos organizativos disciplinares e os métodos globalizados está em que nestes últimos as disciplinas como tais nunca são a finalidade básica do ensino, senão que têm a função de proporcionar os meios ou instrumentos que devem favorecer a realização dos objetivos educacionais. Nestas propostas, o valor dos diferentes conteúdos disciplinares está condicionado sempre pelos objetivos que se pretendem. O alvo e o referencial organizador fundamental são o aluno e suas necessidades educativas. As disciplinas têm um valor subsidiário, a relevância dos conteúdos de aprendizagem está em função da potencialidade formativa e não apenas da importância disciplinar.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*.
Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 141-142.

A avaliação na educação escolar

A avaliação é [...] uma atividade que envolve legitimidade técnica e legitimidade política na sua realização.

Ou seja, quem avalia, o avaliador, seja ele o professor, o coordenador, o diretor, etc., deve realizar a tarefa com a legitimidade técnica que

sua formação profissional lhe confere. Entretanto, o professor deve estabelecer e respeitar princípios e critérios refletidos coletivamente, referenciados no projeto político-pedagógico, na proposta curricular e em suas convicções acerca do papel social que desempenha na educação escolar. Este é o lado da legitimação política do processo de avaliação e que envolve também o coletivo da escola.

Se a escola é o lugar da construção da autonomia e da cidadania, a avaliação dos processos, sejam eles das aprendizagens, da dinâmica escolar ou da própria instituição, não deve ficar sob a responsabilidade apenas de um ou de outro profissional; é uma responsabilidade tanto da coletividade, como de cada um, em particular.

O professor não deve se eximir de sua responsabilidade do ato de avaliar as aprendizagens de seus estudantes, assim como os demais profissionais devem também, em conjunto com os professores e os estudantes, participar das avaliações a serem realizadas acerca dos demais processos no interior da escola. Dessa forma, ressaltamos a importância do estímulo à autoavaliação, tanto do grupo, quanto do professor.

Entendendo a avaliação como algo inerente aos processos cotidianos e de aprendizagem, na qual todos os sujeitos desses processos estão envolvidos, pretendemos [...] levar à reflexão de que a avaliação na escola não pode ser compreendida como algo à parte, isolado, já que tem subjacente uma concepção de educação e uma estratégia pedagógica.

[...]

Até que ponto, nós, professores, refletimos sobre nossas ações cotidianas na escola, nossas práticas em sala de aula, sobre a linguagem que utilizamos, sobre aquilo que prejudicamos ou outras situações do cotidiano? Muitas vezes, nosso discurso expressa aquilo que entendemos como adequado em educação e aquilo que almejamos. Isso tem seu mérito! Contudo, nossas práticas, imbuídas de concepções, representações e sentidos, ou seja, repletas de ações que fazem parte de nossa cultura, de nossas crenças, expressam um “certo modo” de ver o mundo. Esse “certo modo” de ver o mundo, que está imbricado na ação do professor, traz para nossas ações reflexos de nossa cultura e de nossas práticas

vividas, que ainda estão muito impregnadas pela lógica da classificação e da seleção, no que tange à avaliação escolar.

Um exemplo diz respeito ao uso das notas escolares que colocam os avaliados em uma situação classificatória. Nossa cultura meritocrática naturaliza o uso das notas a fim de classificar os melhores e os piores avaliados.

Em termos de educação escolar, os melhores seguirão em frente, os piores voltarão para o início da fila, refazendo todo o caminho percorrido ao longo de um período de estudos. Essa concepção é naturalmente incorporada em nossas práticas e nos esquecemos de pensar sobre o que, de fato, está oculto e encoberto por ela.

Em nossa sociedade, de modo geral, ainda é bastante comum as pessoas entenderem que não se pode avaliar sem que os estudantes recebam uma nota pela sua produção.

“Avaliar é um processo em que realizar provas e testes, atribuir notas ou conceitos é apenas parte do todo.”

[...]

Avaliar, para o senso comum, aparece como sinônimo de medida, de atribuição de um valor em forma de nota ou conceito. Porém, nós, professores, temos o compromisso de ir além do senso comum e não confundir avaliar com medir.

Avaliar é um processo em que realizar provas e testes, atribuir notas ou conceitos é apenas parte do todo.

A avaliação é uma atividade orientada para o futuro. Avalia-se para tentar manter ou melhorar nossa atuação futura. Essa é a base da distinção entre medir e avaliar. Medir refere-se ao presente e ao passado e visa obter informações a respeito do progresso efetuado pelos estudantes. Avaliar refere-se à reflexão sobre as informações obtidas com vistas a planejar o futuro.

Portanto, **medir não é avaliar**, ainda que o medir faça parte do processo de avaliação.

Avaliar a aprendizagem do estudante não começa e muito menos termina quando atribuímos uma nota à aprendizagem.

[...]

A elaboração de um instrumento de avaliação ainda deverá levar em consideração alguns aspectos importantes:

- a) a linguagem a ser utilizada: clara, esclarecedora, objetiva;

- b) a contextualização daquilo que se investiga: em uma pergunta sem contexto podemos obter inúmeras respostas e, talvez, nenhuma relativa ao que, de fato, gostaríamos de verificar;
- c) o conteúdo deve ser significativo, ou seja, deve ter significado para quem está sendo avaliado;
- d) estar coerente com os propósitos do ensino;
- e) explorar a capacidade de leitura e de escrita, bem como o raciocínio.

FERNANDES, Claudia de Oliveira; FREITAS, Luiz Carlos de. Currículo e avaliação. In: *Indagações sobre currículo: currículo e avaliação*. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, Brasília, 2007. p. 17-29.

Interdisciplinaridade na formação de professores

O conceito de interdisciplinaridade como ensinamos em todos os nossos escritos desde 1979 e agora aprofundamos encontra-se diretamente ligado ao conceito de disciplina, onde a interpenetração ocorre sem a destruição básica das ciências [...]. Não se pode, de forma alguma, negar a evolução do conhecimento ignorando sua história.

Assim, se tratamos de interdisciplinaridade na Educação, não podemos permanecer apenas na prática empírica, mas é imperioso que se proceda a uma análise detalhada dos porquês dessa prática histórica, culturalmente contextualizados.

Caminhando nesse raciocínio, falar de interdisciplinaridade escolar, curricular, pedagógica ou didática requer uma profunda imersão nos conceitos de escola, currículo ou didática. A historicidade desses conceitos, entretanto, requer igualmente uma profunda pesquisa nas potencialidades e talentos dos saberes requeridos ou a requerer de quem as estiver praticando ou pesquisando (Fazenda, 2003).

Interdisciplinaridade escolar não pode confundir-se com interdisciplinaridade científica [...].

Na interdisciplinaridade escolar a perspectiva é educativa; assim, os saberes escolares procedem de uma estruturação diferente dos pertencentes aos saberes constitutivos das ciências [...].

Na interdisciplinaridade escolar, as noções, finalidades, habilidades e técnicas visam favore-

cer sobretudo o processo de aprendizagem respeitando os saberes dos alunos e sua integração.

Cabe-nos também mais uma vez reafirmar a diferença existente entre integração e interdisciplinaridade (Fazenda, 1979). Apesar dos conceitos serem indissociáveis, são distintos: uma integração requer atributos de ordem externa, melhor dizendo, da ordem das condições existentes e possíveis, diferindo de uma integração interna ou interação, da ordem das finalidades e sobretudo entre as pessoas. Com isso, retomamos novamente a necessidade de condições humanas diferenciadas no processo de interação que façam com que saberes de professores numa harmonia desejada integrem-se aos saberes dos alunos. Isso requer um outro tipo de profissional com novas características ainda sendo pesquisadas. [...]

A interdisciplinaridade na formação profissional requer competências relativas às formas de intervenção solicitadas e às condições que concorrerem ao seu melhor exercício. Neste caso, o desenvolvimento das competências necessárias requer a conjugação de diferentes saberes disciplinares. Entenda-se por saberes disciplinares: saberes da experiência, saberes técnicos e saberes teóricos interagindo dinamicamente [...].

A formação interdisciplinar de professores, na realidade, deveria ser vista de um ponto de vista circundisciplinar [...] onde a ciência da educação fundamentada num conjunto de princípios, de conceitos, de métodos e de fins converge para um plano metacientífico. Tratamos nesse caso do que poderíamos chamar interação envolvente sintetizante e dinâmica, reafirmando a necessidade de uma estrutura dialética, não linear e não hierarquizada, onde o ato profissional de diferentes saberes construídos pelos professores não se reduz apenas a saberes disciplinares.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na formação de professores. *Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Administração*, v. 1, n. 1, p. 24-32, maio 2009.

Temas transversais

Os temas transversais dos [...] Parâmetros Curriculares incluem Ética, Meio ambiente, Saúde, Pluralidade cultural e Orientação sexual. Eles expressam conceitos e valores fundamentais à democracia e à cidadania [...].

Através da **Ética**, o aluno deverá entender o conceito de justiça baseado na equidade e sensibilizar-se pela necessidade de construção de uma sociedade justa, adotar atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças sociais, discutindo a moral vigente e tentando compreender os valores presentes na sociedade atual e em que medida eles devem ou podem ser mudados. Através do tema **Meio ambiente**, o aluno deverá compreender as noções básicas sobre o tema, perceber relações que condicionam a vida para posicionar-se de forma crítica diante do mundo, dominar métodos de manejo e conservação ambiental. A **Saúde** é um direito de todos. Por esse tema, o aluno compreenderá que saúde é produzida nas relações com o meio físico e social, identificando fatores de risco aos indivíduos [e adotando] hábitos de autocuidado. A **Pluralidade cultural** tratará da diversidade do patrimônio cultural brasileiro, reconhecendo a diversidade como um direito dos povos e dos indivíduos e repudiando toda forma de discriminação por raça, classe, crença religiosa e sexo. A **Orientação sexual**, numa perspectiva social, deverá ensinar o aluno a respeitar a diversidade de comportamento relativo à sexualidade, desde que seja garantida a integridade e a dignidade do ser humano [...].

Além desses temas, podem ser desenvolvidos os **temas locais**, que visam tratar de conhecimentos vinculados à realidade local. Eles devem ser recolhidos a partir do interesse específico de determinada realidade, podendo ser definidos no âmbito do Estado, cidade ou escola.

INSTITUTO Paulo Freire/Programa de Educação Continuada.
Intertransdisciplinaridade e transversalidade.
Disponível em: <www.inclusao.com.br/projeto_textos_48.htm>.
Acesso em: 23 out. 2017.

A transdisciplinaridade refere-se ao conhecimento próprio da disciplina, mas está para além dela. O conhecimento situa-se na disciplina, nas diferentes disciplinas e além delas, tanto no espaço quanto no tempo. Busca a unidade do conhecimento na relação entre a parte e o todo, entre o todo e a parte. Adota atitude de abertura sobre as culturas do presente e do passado, uma assimilação da cultura e da arte. O desenvolvimento da capacidade de articular diferentes referências de dimensões da pessoa humana, de seus direitos, e do mundo é fundamento básico da transdisciplinaridade. De acordo com Nicolescu [...], para os

adeptos da transdisciplinaridade, o pensamento clássico é o seu campo de aplicação, por isso é complementar à pesquisa pluri e interdisciplinar.

A interdisciplinaridade pressupõe a transferência de métodos de uma disciplina para outra. Ultrapassa-as, mas sua finalidade inscreve-se no estudo disciplinar. Pela abordagem interdisciplinar ocorre a transversalidade do conhecimento constitutivo de diferentes disciplinas, por meio da ação didático-pedagógica mediada pela pedagogia dos projetos temáticos. Estes facilitam a organização coletiva e cooperativa do trabalho pedagógico, embora sejam ainda recursos que vêm sendo utilizados de modo restrito e, às vezes, equivocados. A interdisciplinaridade é, portanto, entendida aqui como abordagem teórico-metodológica em que a ênfase incide sobre o trabalho de integração das diferentes áreas do conhecimento, um real trabalho de cooperação e troca, aberto ao diálogo e ao planejamento (Nogueira, 2001, p. 27). Essa orientação deve ser enriquecida, por meio de proposta temática trabalhada transversalmente ou em redes de conhecimento e de aprendizagem, e se expressa por meio de uma atitude que pressupõe planejamento sistemático e integrado e disposição para o diálogo.

A transversalidade é entendida como uma forma de organizar o trabalho didático-pedagógico em que temas, eixos temáticos são integrados às disciplinas, às áreas ditas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas. A transversalidade difere-se da interdisciplinaridade e complementam-se; ambas rejeitam a concepção de conhecimento que toma a realidade como algo estável, pronto e acabado. A primeira se refere à dimensão didático-pedagógica e a segunda, à abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento. A transversalidade orienta para a necessidade de se instituir, na prática educativa, uma analogia entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade). Dentro de uma compreensão interdisciplinar do conhecimento, a transversalidade tem significado, sendo uma proposta didática que possibilita o tratamento dos conhecimentos escolares de forma integrada. Assim, nessa abordagem, a gestão do conhecimento parte do pressuposto de que os sujeitos são agentes da arte de problematizar e interrogar

e buscam procedimentos interdisciplinares capazes de acender a chama do diálogo entre diferentes sujeitos, ciências, saberes e temas.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica*. Brasília, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=13448&Itemid=>. Acesso em: 23 out. 2017.

O trabalho com a oralidade na escola

A coleção traz inúmeras atividades que trabalham a oralidade. Esse trabalho em sala de aula implica desenvolver a competência linguística. Fala e escrita são processos interdependentes, porém, a escola deve procurar não priorizar apenas a escrita. A escola auxilia o aluno a aprender a questionar, argumentar, explicar, problematizar, desenvolver ideias e, para isso, ele deve se sentir respeitado e seguro para se expressar, inclusive oralmente.

A participação nas interações sociais em sala de aula, por meio de questionamentos, debates, sugestões, apresentações de trabalhos e exposição de ideias, auxilia o aluno a valorizar a sua fala e a respeitar a voz do seu próximo.

Assim, são trabalhadas atividades como discutir um tema com os colegas, contar suas ideias à classe, elaborar regras de convivência para a rotina em sala de aula, falar de algo que conhece ou de que gosta, da família, de brincadeiras ou expressar-se oralmente de diferentes maneiras. Além dessas atividades sugeridas nos volumes, o professor pode, sempre que a ocasião for oportuna, elaborar com os alunos novas atividades que exercitem a oralidade. Para isso, poderão ser usados como objeto de questionamento algumas palavras, fotos, circunstâncias, sentimentos e outros.

Os textos a seguir servem de referência para o trabalho com a oralidade.

O tempo, a criança e o ensino de História

Ao relacionarmos teoria e prática, nesta pesquisa, buscamos estabelecer uma ponte para a compreensão de como se constrói a noção de tempo em crianças de sete a dez anos e, consequentemente, a noção de passado.

No que se refere à noção de passado, percebemos que a criança analisa os acontecimentos através de sua lógica operatória. Ela não é capaz de relacionar a duração de vida de seu pai, avô ou bisavô com a ideia de sucessão no tempo (não consegue

estabelecer uma relação causal entre estas sucessões). As crianças com sete anos concluem, com frequência, que seu bisavô estava vivo na época do descobrimento do Brasil porque ele é muito velho. Mesmo quando efetuam cálculos matemáticos, contradizem-se ao analisar esses resultados com relação ao tempo. Isso comprova a ideia de que o tempo histórico é uma construção causal e não meramente cronológica. Ou seja, o fato de a criança saber que seu avô ou bisavô tem 62 anos e também saber que o descobrimento do Brasil ocorreu há quinhentos anos não impossibilita a elaboração da seguinte conclusão: meu avô ou bisavô viveu no tempo do descobrimento porque ele é muito velho.

O desprezo pela interpretação cronológica como fundamental para a compreensão do tempo histórico aparece novamente nas respostas das crianças, quando explicam que o acontecimento com Tiradentes é posterior ao descobrimento. A maioria esmagadora das crianças de todas as idades pesquisadas analisa os acontecimentos através da causalidade histórica, explicando que, se Tiradentes lutou pela independência do Brasil, o Brasil já teria que ter sido descoberto.

Quando estabelece uma cadeia de sucessões para explicar por que conclui que sua família já existia no início do mundo, a busca de explicações causais aparece novamente em todas as respostas das crianças.

Ao justificarem a existência de Londrina na época de Tiradentes, as crianças argumentaram com explicações em que a diferença de época pudesse ser identificada. Londrina existia, mas era menor, era uma ilha cheia de animais, era velha. A inversão da temporalidade é uma característica própria do pensamento de crianças de sete anos. Explicam o presente através do passado, e não o contrário (a Londrina do presente é comparada com a Londrina do passado, quando era menor).

O mesmo raciocínio aparece nas respostas das crianças quanto à existência de relógios, livros, trens na época do descobrimento do Brasil. A maioria das crianças responde que existiam de forma diferente, caracterizando o aspecto de diferença temporal, mas existiam, reafirmando que o presente determina o passado (no presente podem ser identificados elementos cuja leitura possibilita entender o passado, depreender algumas de suas características). A criança não interpreta a história como uma série de acontecimentos sem nenhuma ligação; [...] essas conclusões nos levam

a repensar a prática do ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Nos últimos anos, discutiu-se amplamente a respeito de transformar a História, de uma disciplina meramente expositiva, em que os acontecimentos são expostos de forma linear e o papel da criança é somente como sujeito assimilador, para uma história crítica, dinâmica, na qual exista espaço para as diferenças de interesses em que o sujeito se perceba como sujeito histórico e procure analisar o presente buscando respostas mais profundas no passado.

No entanto, através das respostas das crianças de sete a dez anos, percebemos que elas interpretam a História da maneira como nós, professores de História, gostaríamos que interpretassem: como lógica, buscando relações de causa e efeito entre os acontecimentos.

Podemos afirmar que as crianças possuem um saber, a respeito da História, coerente com seu nível de pensamento. Através desse saber, explicam o passado da forma como o compreendem. Quando na escola, muito cedo elas começam a perceber que existe um saber histórico escolar e aprendem esse saber.

Nas entrevistas, contam a história do descobrimento e de Tiradentes, mas, aparentemente, confundem nomes, datas ou dão explicações sem nenhuma lógica do ponto de vista do adulto. Um exemplo está na criança que nos explicou o Descobrimento do Brasil da seguinte forma:

“Existia, naquela época, muitos homens nativos. Eles foram para uma terra que não conheciam, porque o Brasil ainda não tinha sido descoberto. Mas outro homem, Pedro Álvares Cabral, descobriu a terra para eles e todos foram para lá, que era o Brasil. O tempo foi passando, passando, e os nativos viraram escravos e o Pedro Álvares Cabral não queria mais voltar para Portugal e então gritou: ‘Independência ou Morte’ e ficou no Brasil”.

Fica claro, no relato acima, o exercício mental que a criança está fazendo para organizar tudo o que já ouviu ou estudou sobre a história do Brasil. Ela constrói um raciocínio lógico que, em qualquer prova tradicional, receberia nota zero.

No entanto, é nessa busca de lógica entre os acontecimentos históricos para dar conta da explicação da realidade que, em nossa interpretação, deveria consistir o trabalho de História nos primeiros anos do Ensino Fundamental. [...]

Paralelamente, é necessário que se proporcione, cada vez mais, aos alunos desses anos escolares, a oportunidade de ampliar seus conhecimentos a respeito da realidade que os cerca, não os limitando a bairros, cidades, estados ou países ou ao presente, passado ou futuro, pois, para a criança, o lugar e a cronologia não são o mais importante, mas importa mais a causalidade entre os acontecimentos, a cadeia que se estabelece entre os homens de diferentes tempos e diferentes lugares. Isso constrói a noção de tempo histórico e, conseqüentemente, da História.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de.
O tempo, a criança e o ensino de História.
In: ROSSI, Vera Lúcia Sabongi de; ZAMBONI, Ernesta (Org.).
Quanto tempo o tempo tem! Campinas: Alínea, 2005.

O passado que não está nos livros de História

O relato oral das experiências de vida de pessoas comuns mostra que não existem só as versões de reis, rainhas, políticos e heróis. A escola é um dos lugares mais propícios para dar voz a essas novas fontes.

Seu José Soares Pontes tem 77 anos e foi condutor de bondes em Santos, no litoral paulista, nas décadas de 1950 e 1960. Convidado pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Therezinha Pimentel, foi conversar com crianças que pesquisavam os primórdios do morro São Bento, onde vivem e por onde bondes circulavam antigamente. Apesar de contar com pouquíssimos dados escritos sobre o bairro, no encontro de gerações a turma descobriu que o morro tem uma história que pode ser contada por quem já viveu mais. E o simpático senhor se sentiu útil por saber que sua trajetória de vida é fonte de conhecimento para os mais novos.

Atividades semelhantes são realizadas por muitas escolas como forma de valorizar a terceira idade. Mas a oportunidade de contato com pessoas como seu José é muito mais rica. Ela possibilita a história oral, uma nova área de pesquisa que tem conquistado espaço. Esse campo surgiu da necessidade de buscar outras fontes de informação, além dos documentos escritos e oficiais.

[...] Novos enfoques e temáticas têm dado voz a grupos que, tradicionalmente, não têm oportunidade de expressar sua versão dos fatos. “É fundamental preservar a memória daqueles que não têm lugar nos manuais de história, salvaguardar os seus testemunhos e depoimentos”, disse o fi-

lósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940), que defendia, como ele próprio chamava, a “história dos vencidos”. Ou dos excluídos, como seu José. Onde mais a experiência de vida do condutor de bondes poderia ser conhecida senão entre seus familiares e amigos? Relatada para mais de 80 crianças, ela agora está perpetuada no acervo da escola e na exposição de fotos e textos exibidos em painéis aberta aos moradores do bairro.

A veracidade das fontes orais

Informações históricas relativas a fatos como a chegada dos portugueses ao Brasil ou a abolição da escravidão são de fácil acesso em arquivos. Nesses locais, no entanto, só se encontram versões oficiais. “Existem muitas outras”, afirma [Lourival dos] Santos, docente da USP. O que pensavam os índios e os escravos nesses momentos históricos?

São poucos os documentos que trazem a voz dos dois grupos. Considerar apenas arquivos escritos como comprovações fidedignas é desconsiderar, por exemplo, a memória de sociedades indígenas. Sem papéis, valem as lembranças dos mais velhos, transmitidas oralmente aos mais jovens como única forma possível de reconstrução do passado.

Há historiadores que não reconhecem os relatos orais como fontes históricas. Eles apontam que a memória falha e que o presente recria lembranças que transformam o passado. Eis uma boa discussão a ser lançada em sala de aula: seriam os documentos escritos mais confiáveis que a história oral? Para Fábio Bezerra de Brito, docente de História da Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP, ambos são subjetivos, pois foram ditos ou escritos por pessoas que são por natureza parciais. “Na história oral a subjetividade é mais explícita.” O que as pessoas contam é apenas aquilo que elas acham merecedor de ser lembrado. E o que fica não é todo o passado. Mais que conferir a veracidade das informações, a criança precisa saber que nem tudo é conhecido e o que importa são as versões.

É importante que a turma compreenda que memória é cultura e também poder. Os arquivos oficiais contêm as versões que mais interessam às classes sociais que dominaram e dominam as sociedades. E os livros, conseqüentemente, só reservam espaço para essas interpretações.

Os livros, então, não são confiáveis? “Claro que não podemos ignorar as histórias estabelecidas. Seria cometer o mesmo erro. Mas devemos contrapô-las às outras que podem ser recolhidas pelos próprios estudantes”, afirma Santos. Ótima chance de comparar informações e formular hipóteses. Seja na consulta a arquivos de relatos orais, que são poucos no Brasil, seja realizando entrevistas.

O bairro e a cidade, segundo os moradores

Foi difícil para a Escola Municipal Therezinha Pimentel, em Santos (SP), encontrar informações sobre o bairro onde está instalada. “Parecia que a história não tinha subido o morro”, brinca a professora Marta Ramos Cabette. Mas um convite para que dona Maria Alexandre Fernandes visitasse a turma abriu a todos uma janela do passado. Avó de uma aluna, dona Maria, de 68 anos, é bordadeira desde os 7. “Aprendi o ofício com minha mãe, uma imigrante que trabalhava dia e noite para sustentar a casa.” Além de descrever sua arte para a garotada, ela falou sobre a chegada e a vida dos portugueses que ocuparam o bairro no começo do século XX.

Assim como o condutor de bondes José, a bordadeira Maria também faz parte da história do morro São Bento. “A classe ficou muito curiosa para saber como eram e o que faziam as crianças daqui antigamente”, conta a professora Marta. “Mas todos aprenderam mais do que os costumes de uma época. Descobriram que o bairro em que moram tem história, da qual eles participam”, completa. Trabalhos como esse provocam os estudantes a refletir sobre o fato de fazerem parte da história de sua família, da escola e da comunidade em que vivem e, aos poucos, perceber sua inserção no país e no mundo.

Um dos objetivos mais relevantes do ensino de História é a constituição da noção de identidade. “Os livros da disciplina são escritos de forma impessoal. Não se reconhece a origem da fonte. É como se os fatos fossem contados por um deus, absoluto e inquestionável. Ao ouvir um relato ao vivo, a criança verifica que ela é contada por alguém real, que passou por aquilo. Por fim, se reconhece no mesmo contexto”, afirma Maria Cecília Cortez de Souza, docente da Faculdade de Educação da USP e autora de livro sobre o assunto.

Ao possibilitar a construção da identidade de quem conta e de quem ouve, a história oral traz a comunidade para dentro da escola. E inclui na pauta de discussões os problemas locais. No caso do morro São Bento, as maiores dificuldades dizem respeito à carência de empregos, à ocupação desordenada do espaço e à pouca valorização do lugar por seus moradores. “Marta foi certa ao identificar a necessidade que os moradores da vizinhança têm de reconhecer seu valor. A história oral é um dos caminhos possíveis para provocar uma transformação”, afirma Zilda Kessel, museóloga e responsável pelo programa educativo do portal Museu da Pessoa, um espaço virtual que utiliza a internet como ferramenta. [...]

A entrevista como técnica de trabalho

Ao considerar como principal fonte de pesquisa as pessoas, verifica-se que a transmissão da história se dá na comunicação entre o entrevistado e a turma. Portanto, é possível aprimorar em classe o diálogo, a disposição de ouvir, a linguagem não verbal de gestos e posturas e a elaboração de perguntas conforme o universo do entrevistado e o objetivo do trabalho. “A dinâmica do diálogo é um dos aspectos mais apaixonantes do trabalho com as fontes orais. Ótima oportunidade para ensinar principalmente os adolescentes a ouvir e respeitar a diversidade”, diz Zilda Kessel.

Um dos momentos mais importantes de uma atividade sobre história oral é a entrevista. Por isso, é preciso ter claro o objetivo da conversa e a temática do projeto. As perguntas devem ser preparadas com antecedência, assim como o ambiente, para que o entrevistado se sinta à vontade. “Os jovens devem ter claro que durante a entrevista estão à frente de pessoas, e não de fontes históricas”, diz o professor Brito, da USP. “Caso contrário, a conversa perderá toda a espontaneidade.” Observar os movimentos do corpo, as expressões faciais e o olhar é essencial. Esses elementos dão boas dicas sobre a personalidade do entrevistado e enriquecem seu perfil. O trabalho se tornará ainda mais rico se forem solicitados ao entrevistado alguns elementos que ajudem a contar o passado, como fotos e objetos de época.

A importância crescente das fontes orais é apenas o começo de muitas mudanças que estão por vir não só no campo da história. [...]

Da tradição oral para a multimídia

Ouvir e aprender com os mais velhos eram práticas comuns do passado. Hoje o ritmo acelerado do trabalho e a nova configuração da família permitem cada vez menos situações diretas de trocas pessoais. A história oral vem, de certa forma, preencher esse vazio. [...]

Hoje a gravação de imagens em vídeo, as fotografias e a internet mudaram radicalmente a relação com a informação. Na medida do possível, todos esses meios podem e devem ser utilizados pela escola na transmissão dos relatos.

É essencial que o material coletado pela escola ultrapasse o alcance dos alunos, pais, funcionários e professores e atinja a comunidade. “Sem registro e sem a divulgação dos relatos não há história. Há apenas entrevistas”, afirma o professor Lourival dos Santos, da USP. Por isso, projetos dessa natureza devem resultar num produto final. Há vários meios de registrar os relatos colhidos: livro, CD, peça de teatro, *site* ou mesmo numa exposição. O material recolhido deve ser preservado em um espaço na biblioteca.

BENCINI, Roberta; GUIMARÃES, Arthur. O passado que não está nos livros de história. *Nova Escola*. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2378/o-passado-que-nao-estamos-livros-de-historia>>. Acesso em: 23 out. 2017.

Memória e memória coletiva

Neste texto, procurarei apontar alguns dos conceitos relativos à memória que considero fundamentais para o trabalho com a memória de alunos, professores e das comunidades escolares em que atuamos nos projetos de memória local.

[...] Este conceito vem se modificando e se adequando às funções, às utilizações sociais e à sua importância nas diferentes sociedades humanas. Em cada época procurou-se explicar a memória utilizando-se de metáforas compreensíveis, construídas em torno de conhecimentos que caracterizavam o momento histórico. [...]

[...] Como elaboração a partir de variadíssimos estímulos, a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências/experiências ocorridas no passado.

[...] Os estudos empreendidos por Maurice Halbwachs (1990) contribuíram definitivamente

para a compreensão dos quadros sociais que compõem a memória. Para ele a memória aparentemente mais particular remete a um grupo. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições.

É no contexto destas relações que construímos as nossas lembranças. A rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos. Ela está impregnada das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências, que percebemos qual uma amálgama, uma unidade que parece ser só nossa. As lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo, a que o autor denomina “comunidade afetiva”. E dificilmente nos lembramos fora deste quadro de referências. Tanto nos processos de produção da memória como na rememoração, o outro tem um papel fundamental.

Esta memória coletiva tem assim uma importante função de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum, que compartilha memórias. [...]

[...] As memórias individuais alimentam-se da memória coletiva e histórica e incluem elementos mais amplos do que a memória construída pelo indivíduo e seu grupo. Um dos elementos mais importantes, que afirmam o caráter social da memória, é a linguagem. As trocas entre os membros de um grupo se fazem por meio de linguagem. Lembrar e narrar se constituem da linguagem. Como afirma Ecléa Bosi a linguagem é o instrumento socializador da memória pois reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural vivências tão diversas como o sonho, as lembranças e as experiências recentes.

[...] Outro aspecto importante acerca da memória é a sua relação com os lugares. As memórias individual e coletiva têm nos lugares uma referência importante para a sua construção, ainda que não sejam condição para a sua preservação, do contrário povos nômades não teriam memória. As memórias dos grupos se referenciam, também, nos espaços em que habitam e nas relações que constroem com estes espaços. Os lugares são importante referência na memória dos indivíduos, donde se segue que as mudanças empreendidas

nesses lugares acarretam mudanças importantes na vida e na memória dos grupos.

Finalmente, é importante pontuar algumas características relativas a memória individual e coletiva e as suas articulações com a memória histórica, aquela que estamos habituados a encontrar nos livros didáticos e nos livros de História do Brasil, História Geral, entre outros. Durante muito tempo, os estudos de História privilegiaram os documentos escritos, os objetos, enfim, os vestígios que possibilitassem ao historiador realizar o seu trabalho: compreender e construir a história apoiando-se nos documentos que garantiriam a veracidade dos acontecimentos e processos ali registrados. Os temas tratados privilegiaram os grandes movimentos e a história dos grupos dominantes das diferentes sociedades. Foi a partir de meados do século XX que grupos de historiadores começaram a questionar estes procedimentos na medida em que eles baniam da História os grupos oprimidos, minoritários e os temas relativos ao cotidiano, às mentalidades e às experiências dos diferentes grupos. Nesta perspectiva seu foco voltou-se para a memória coletiva dos grupos acessível, sobretudo, pela utilização das metodologias alternativas ao trabalho estrito com documentos, como é o caso dos trabalhos apoiados na metodologia de história oral. Desta maneira emergiram as histórias de mulheres, negros, trabalhadores, enfim, a História, ao invés de se configurar numa grande narrativa comum a todos, passou a acolher e dar existência e visibilidade às várias narrativas.

Memória individual e coletiva se alimentam e têm pontos de contato com a memória histórica e, tal como ela, são socialmente negociadas. Guardam informações relevantes para os sujeitos e têm, por função primordial, garantir a coesão do grupo e o sentimento de pertinência entre seus membros. Abarcam períodos menores do que aqueles tratados pela história. Têm na oralidade o seu veículo privilegiado, porém não necessariamente exclusivo, de troca. Já a memória histórica tem no registro escrito um meio fundamental de preservação e comunicação. Memória individual, coletiva e histórica se interpenetram e se contaminam. Memórias individuais e coletivas vivem num permanente embate pela coexistência e também pelo status de se constituírem como memória histórica.

KESSEL, Zilda. Memória e memória coletiva. *Museu da pessoa*. Disponível em: <www.museudapessoa.net/public/editor/memória_e_memória_coletiva.pdf>. Acesso em: 23 out. 2017.

Patrimônios da História

Texto 1. Os inventários como instrumentos de preservação do patrimônio imaterial

[...] No caso brasileiro, a temática do patrimônio imaterial ganha nova força a partir da redemocratização do país, especialmente no processo de feitura da nova Constituição Federal [...]. Assim, a Carta Magna brasileira define:

Art. 216 – Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I. as formas de expressão;
- II. os modos de criar, fazer e viver;
- III. as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV. as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V. os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. [...]

No entanto, não bastava definir o patrimônio de forma mais ampla: era necessário também se propor medidas efetivas para a proteção desta dimensão [...].

CASTRIOTA, Leonardo Barci (Org.). *Mestres artífices* – Minas Gerais: cadernos de memória. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColCadMem_MestresArtificeis_MinasGerais_m.pdf>. Acesso em: 23 out. 2017.

Texto 2. Patrimônio imaterial

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial. [...]

PATRIMÔNIO Imaterial. In: *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>>. Acesso em: 23 out. 2017.

A coleção e a progressão didática estabelecida pela BNCC

As unidades e capítulos desse volume acompanham a progressão didática das unidades temáticas da BNCC, fornecendo uma base segura para os primeiros passos do aluno nos seus estudos de História. O volume 1 trabalha com o mundo pessoal do aluno, fazendo-o refletir sobre seu crescimento, sua infância e os grupos sociais de que faz parte, como a família e o grupo escolar.

Esse volume também aprofunda o tema das suas relações sociais, ajudando-o a perceber a diversidade contida nos grupos dos quais ele faz parte e a refletir sobre ela. Dessa maneira, o objetivo da progressão proposta para esse volume é de que, no fim do ano, ele possa identificar e reconhecer seu lugar no mundo e identificar a função social dos grupos que o compõe. O trabalho com as unidades temáticas continuará em todos os volumes da coleção.

O volume do 2º ano aprofunda a noção do “eu” e do “outro”. Se no volume do 1º ano a relação do aluno com a sua historicidade e com as pessoas do seu entorno recebia destaque, dessa vez, as unidades e capítulos apoiam-se nas práticas e registros dos grupos sociais em que o aluno participa, analisando relatos de memória, os marcadores de tempo, as experiências que o aluno já possui dentro dos grupos sociais e como ele pode agir nas comunidades. Dessa forma, espera-se que ele desenvolva conceitos importantes como o de tempo histórico e trabalho.

O volume do 2º ano continua o trabalho de reconhecimento e identificação do volume anterior, ampliando a seleção de temas, objetos e documentos. Com isso, espera-se que o aluno compare a sua realidade com a de outros grupos e compreenda mudanças e permanências.

O volume do 3º ano da coleção conclui o trabalho sobre grupos e comunidades em que o aluno está inserido, mostrando como sua identificação com esses grupos ocorre por meio de relações históricas. Ele também perceberá que diferentes grupos sociais também fazem parte da cidade ou de uma região, compreendendo que essas comunidades registraram e ainda registram suas vivências e experiências, comparando com as maneiras de fazer e registrar atuais e valorizando os marcos de memória, a transmissão de saberes e os patrimônios. A progressão temporal e espacial do universo do aluno também está presente na discussão a respeito da noção de público e privado, e ao mapear os espaços em que vivemos e cada uma de suas funções.

Os 2 últimos volumes da coleção extrapolam os

temas e objetos de conhecimento tratados até então para pensar na trajetória dos grupos humanos desde a Antiguidade partindo, por exemplo, da sedentarização do ser humano, as transformações pelas quais os grupos humanos passaram ao longo do tempo, a circulação de mercadorias e as migrações que se sucederam. Com o objetivo de construir conceitos históricos importantes que servirão de base para o estudo de História dos anos seguintes, a coleção trabalha de forma que os alunos alcancem as habilidades de identificar e relacionar povos e processos históricos do passado, analisando e discutindo as dinâmicas que contribuíram para a formação de diferentes culturas e contextos. Até o último volume dos anos iniciais, o 5º ano, serão tratados a formação e a organização dos diferentes povos, tanto do ponto de vista sociocultural quanto do ponto de vista político. Retomamos nesse volume a importância dos marcos de memória e a transmissão de saberes, trabalhando também os conceitos de mudanças e permanências com base em documentos históricos, entrelaçando todos os volumes, anos anteriores e posteriores em um movimento de complexidade cada vez mais amplo.

O sumário de todos os volumes da coleção reflete a preocupação com a progressão da aprendizagem dos alunos, buscando ser uma ferramenta de apoio para o professor em sala de aula. Espera-se, dessa forma, que os conteúdos mínimos estabelecidos pela BNCC se tornem efetivos.

Assim como está explicitado no texto da BNCC, a base não é currículo, sendo que “BNCC e currículos têm papéis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da educação básica, uma vez que tais aprendizagens só se materializam mediante o conjunto de decisões que caracterizam o currículo em ação.” (BNCC, versão final, 2018, p. 16).

O livro didático, na medida em que é uma ferramenta de aprendizado, é o ponto de encontro das diversas instâncias e agentes do processo educativo. Ele media a relação da Base, do Currículo, dos Projetos Político-Pedagógicos, do professor e dos alunos. Assim, da mesma forma que busca garantir a progressão didática, e o desenvolvimento de competências, objetos de conhecimento e habilidades, procura igualmente facilitar o aprendizado no contexto em que professores e alunos estão inseridos.

Na página a seguir apresentamos um quadro que demonstra como a BNCC está contemplada no volume do 1º ano. Ele está organizado de modo a explicitar em quais unidades e capítulos cada habilidade e seu respectivo objeto de conhecimento é trabalhado e conduzido.

Os objetos de conhecimento e as habilidades abordadas no volume do 1º ano

Objetos de conhecimento	Habilidades	Unidade		2			
		1		1		2	
		Capítulo	1	2	3	4	
As fases da vida e a ideia de temporalidade (passado, presente, futuro)	(EF01HI01) Identificar aspectos do seu crescimento, por meio do registro das lembranças particulares ou de lembranças dos membros de sua família e/ou de sua comunidade.						
As diferentes formas de organização da família e da comunidade: os vínculos pessoais e as relações de amizade	(EF01HI02) Identificar a relação entre as suas histórias e as histórias de sua família e de sua comunidade.						
A escola e a diversidade do grupo social envolvido	(EF01HI03) Descrever e distinguir os seus papéis e responsabilidades relacionados à família, à escola e à comunidade.						
A vida em casa, a vida na escola e formas de representação social e espacial: os jogos e brincadeiras como forma de interação social e espacial	(EF01HI04) Identificar as diferenças entre os variados ambientes em que vive (doméstico, escolar e da comunidade), reconhecendo as especificidades dos hábitos e das regras que os regem.						
A vida em família: diferentes configurações e vínculos	(EF01HI05) Identificar semelhanças e diferenças entre jogos e brincadeiras atuais e de outras épocas e lugares.						
	(EF01HI06) Conhecer as histórias da família e da escola e identificar o papel desempenhado por diferentes sujeitos em diferentes espaços.						
	(EF01HI07) Identificar mudanças e permanências nas formas de organização familiar.						
A escola, sua representação espacial, sua história e seu papel na comunidade	(EF01HI08) Reconhecer o significado das comemorações e festas escolares, diferenciando-as das datas festivas comemoradas no âmbito familiar ou da comunidade.						

Bibliografia

ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. *Ensino de História: conceito, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ABUD, Katia Maria. A construção do conceito de tempo na escola fundamental. In: _____ (Coord.). *A criança e o tempo*. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1994.

_____. Um projeto de educação continuada para os professores de História. In: CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (Org.). *Formação continuada de professores: uma releitura das áreas de conteúdo*. São Paulo: Pioneira/Thomson Learning, 2003.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *História: a arte de reinventar o passado*. São Paulo: Edusc, 2007.

ANTUNES, Celso. *Abrindo as portas do futuro: aprender a aprender, relacionar-se e trabalhar*. Campinas: Papirus, 2006.

BARBERÀ, Elena. *O construtivismo na prática*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BEAUCHAMP, Jeanette et al. *Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2007.

BICUDO, Maria Aparecida. *Tempo, tempo vivido e história*. Bauru: Edusc, 2003.

BITTENCOURT, Circe. Em foco: História, produção e memória do livro didático. *Educação e pesquisa*, São Paulo, USP/FE, set./dez. 2004. v. 30, n. 3.

_____. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. *Livros didáticos: concepções e usos*. Recife: Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco, 1997.

_____. (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOCCHINI, Maria Otilia. Legibilidade visual e projeto gráfico na avaliação de livros didáticos pelo PNL. In: *Anais de Simpósio Internacional do Livro Didático: Educação e História*. São Paulo, 2007.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

_____. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

_____. *Estatuto da criança e do adolescente*. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

_____. Ministério da Educação. *Caderno 9 - Ciências Humanas no Ciclo de Alfabetização*. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Disponível em: <<http://pacto.mec.gov.br/materiais-listagem/item/64-caderno-9-ciencias-humanas-no-ciclo-de-alfabetizacao>>. Acesso em: 6 dez. 2017.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica*. Brasília, 2013.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Elementos conceituais e metodológicos para a definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento*. Ciclo de alfabetização (1ª, 2ª e 3ª anos) do Ensino Fundamental. Brasília, 2012.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Ensino Fundamental de nove anos*. Brasília, 2006.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Ensino Fundamental de nove anos: orientações gerais*. Brasília, 2007.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Guia do Livro Didático PNL 2010: História – Séries/Anos iniciais do Ensino Fundamental*. Brasília, 2009.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia*. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 5.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 9-10.

_____. Secretaria Especial dos Direitos da Pessoa com Deficiência. *Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência: viver sem limite*. Disponível em: <www.pessoa.comdeficiencia.gov.br/app/viver-sem-limite>.

CABRINI, Conceição (Org.). *Ensino de História: revisão urgente*. São Paulo: Edusc, 2005.

CALDEIRA, Jorge. *Viagem pela história do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CAMPOS FILHO, Candido Malta. *Reinvente seu bairro*. São Paulo: Editora 34, 2003.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. *Circulação do livro didático: entre práticas e prescrições*. Políticas públicas, editoras, escolas e o professor na seleção do livro escolar. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2003.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas; sobre o estado da Arte. *Educação e pesquisa*, São Paulo, USP/FE, v. 30, n. 3, set./dez. 2004.

COLL, César; MARTIN, Elena. *Aprender conteúdos & desenvolver capacidades*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____. et al. *O construtivismo na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1996.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Direito dos índios*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DE GRAMMONT, Anna Maria de. *O que é patrimônio cultural?!* Ouro Preto: do Autor, 2014.

DEL PRIORE, Mary. *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

DIMENSTEIN, Gilberto. *O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil*. 22. ed. São Paulo: Ática, 2009.

ELIAS, Roberto João. *Comentário ao Estatuto da Criança e do Adolescente*. São Paulo: Saraiva, 2004.

FAZENDA, Ivani. *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Didática e interdisciplinaridade*. Campinas: Papirus, 2004.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de História*. 4. ed. Campinas: Papirus, 2004.

- FREIRE, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FREITAG, Bárbara; MOTTA, Valéria Rodrigues; COSTA, Wanderley Ferreira da. *O livro didático em questão*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- HELM, Judy Harris; BENEKE, Sallee. *O poder dos projetos*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- _____ et al. *Aprendendo com as inovações na escola*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- HOFLING, Eloisa de Mattos. Notas para discussão quanto à implementação de programas de governo: em foco o Programa Nacional do Livro Didático. *Educação & sociedade*, Campinas, n. 70, abr. 2000.
- KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2003.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.
- LIBÂNIO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2004.
- LOUREIRO, Carlos Frederico. *Sustentabilidade e educação: um olhar da ecologia política*. São Paulo: Cortez, 2012.
- MACEDO, Lino et al. *Aprender com jogos e situações-problema*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabiola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- MEIRIEU, Philippe. *O cotidiano da escola e da sala de aula*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- MEKSENAS, Paulo. O uso do livro didático e a pedagogia da comunicação. In: PENTEADO, Heloísa (Org.). *Pedagogia da comunicação: teorias e práticas*. São Paulo: Cortez, 1998.
- MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, v. 23, n. 45, jul. 2003.
- MIRANDA, Sônia Regina. *Sob o signo da memória*. São Paulo: Ed. da Unesp; Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2006.
- MONTEIRO, Ana Maria et al. *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MUNAKATA, Kazumi. *Produzindo livros didáticos e paradidáticos*. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica/EHPS, São Paulo, 1997.
- NIKITIUK, Sônia (Org.). *Repensando o ensino de História*. São Paulo: Cortez, 1996.
- NOVAIS, Fernando A. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. v. 4.
- OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Coord.). *História: Ensino Fundamental*. Brasília: MEC/SEB, 2010. (Coleção Explorando o Ensino). _____; STAMATTO, Maria Inês Sucupira (Org.). *O livro didático de História: políticas educacionais, pesquisas e ensino*. Natal: EDUFRN, 2007.
- PAULA, Eunice Dias de et al. *História dos povos indígenas: 500 anos de luta no Brasil*. Petrópolis: Vozes/Cimi, 2001.
- PERRENOUD, Philippe. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- _____ et al. *A escola de A a Z: 26 maneiras de repensar a educação*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- _____; THURLER, Monica Gather. *As competências para ensinar no século XXI*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- POZO, Juan J. *A solução de problemas*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- RATHS, Louis et al. *Ensinar a pensar*. São Paulo: EPU, 1977.
- REY, Bernard. *As competências transversais em questão*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- ROJO, Roxane (Org.). *Alfabetização e letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- ROSSI, Vera Lúcia de; ZAMBONI, Ernesta (Org.). *Quanto tempo o tempo tem?* Campinas: Alínea, 2003.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.
- SILVA, Jeane. *A constituição de sentidos políticos em livros didáticos de Geografia na ótica da análise do discurso*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.
- SILVA, Marcos (Org.). *Repensando a História*. Rio de Janeiro: Anpuh/Marco Zero, 1984.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SPOSITO, Maria Encarnação (Org.). *Livros didáticos de História e Geografia: avaliação e pesquisa*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.
- VIEIRA, Maria do P. de Araújo et al. *A pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 2008.
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. *Pensamento e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- ZAMBONI, Ernesta. O ensino da História e a construção da identidade. *Revista História*. São Paulo: Secretaria do Estado da Educação de São Paulo, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, 1993. (Série Argumento).
- _____; CAMARGO, Dulce. *A criança, novos tempos, novos espaços: a História e a Geografia na escola*. Brasília, MEC/Inep, 1998. v. 7, n. 37.
- _____ et al. (Org.). *Memórias e histórias da escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2008.
- _____ (Org.). *Memória, história oral e razão histórica*. Itajaí: Maria do Cais, 2006.
- ZENAIDE, Maria de Fátima Tavares (Org.). *Ética e cidadania nas escolas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.

Orientações específicas

Elementos do Manual do Professor página a página

Além das Orientações gerais, o Manual do Professor traz outros recursos que auxiliam o professor a planejar aulas, atividades e mostram como os alunos poderão atingir os objetivos do ensino de História estabelecidos pela BNCC.

Objetivos da unidade e do capítulo

Estabelece metas de aprendizado, mostrando o que se espera dos alunos após o estudo do capítulo ou da unidade.

Livro do Estudante reduzido

As orientações específicas do volume são apresentadas junto da reprodução reduzida do Livro do Estudante, facilitando a consulta durante as aulas.

Atividade

Comentário para ampliar as atividades propostas no Livro do Estudante.

A BNCC na página

Relaciona os temas trabalhados nas páginas à BNCC, com o objetivo de ajudar a desenvolver, nos alunos, as habilidades exigidas por esse documento.

Objetivos do capítulo

- Iniciar o processo de compreensão de sua trajetória de vida, de sua forma de viver e de se relacionar com os outros.
- Identificar aspectos de seu crescimento por meio do registro de lembranças pessoais ou familiares.
- Identificar a relação entre sua história e a história das famílias.

Objetivos do Para iniciar

- Despertar o interesse dos alunos pelo tema.
- Levantar os conhecimentos prévios da classe.
- Proporcionar maior sociabilidade.
- Desenvolver a capacidade de se expressar e de ouvir.
- Desenvolver o respeito às outras opiniões e ao trabalho coletivo.

Para iniciar

A abertura do capítulo trabalha com um evento com o qual os alunos estão habituados: o dia do aniversário. Incentiva os alunos a relatar suas memórias sobre o assunto. Incentiva-os também a relatar outras de suas experiências passadas, trabalhando assim a primeira atividade. A segunda atividade leva os alunos a imaginar como será o futuro deles. O trabalho aqui desenvolvido auxilia o aluno a iniciar o processo de compreensão de sua trajetória de vida e da noção de passagem do tempo.

CAPÍTULO 1

A MINHA VIDA DE CRIANÇA

QUEM É VOCÊ? COMO VOCÊ É? QUANTOS ANOS VOCÊ TEM? LEIA O POEMA COM O PROFESSOR E TROQUE IDEIAS COM SEUS COLEGAS.

ANIVERSÁRIO

HOJE EU SINTO QUE CRESCI BASTANTE
HOJE EU SINTO QUE ESTOU MUITO GRANDE
SINTO MESMO QUE SOU UM GIGANTE
DO TAMANHO DE UM ELEFANTE

[...]

E QUANDO CHEGA MEU ANIVERSÁRIO
EU ME SINTO BEM MAIOR,
BEM MAIOR, BEM MAIOR
DO QUE EU ERA ANTES

PALULO TATI, LUC TATI. ANIVERSÁRIO. INTERPRETE PALAVRA CANTADA. IN PALAVRA CANTADA 10 ANOS SÃO PAULO. PALAVRA CANTADA, 2004. 1 CD. FAIXA 4.

PARA INICIAR

- VOCÊ SE LEMBRA DAS COISAS QUE ACONTECERAM QUANDO VOCÊ ERA BEM PEQUENO? *Resposta pessoal.*
- COMO VOCÊ SE IMAGINA DAQUI A ALGUNS ANOS? *Resposta pessoal.*

UNIDADE 1

A MINHA HISTÓRIA

O TEMPO PASSA RÁPIDO E A CRIANÇA LOGO DEIXA DE SER UM BEBÊ. VOCÊ TAMBÉM CRESCEU BASTANTE DEPOIS DE NASCER.

1. PINTE DE VERDE OS QUADRINHOS QUE INDICAM COMO VOCÊ É.

Resposta pessoal.

EU SOU			
<input type="checkbox"/> MENINO	<input type="checkbox"/> BAIXO	<input type="checkbox"/> ALTO	<input type="checkbox"/> NEM ALTO NEM BAIXO
<input type="checkbox"/> MENINA	<input type="checkbox"/> GORDO	<input type="checkbox"/> MAGRO	<input type="checkbox"/> NEM GORDO NEM MAGRO

MEUS CABELOS SÃO		
<input type="checkbox"/> PRETOS	<input type="checkbox"/> LISOS	<input type="checkbox"/> CURTOS
<input type="checkbox"/> LOIROS	<input type="checkbox"/> CRESPOS	<input type="checkbox"/> MÉDIOS
<input type="checkbox"/> CASTANHOS	<input type="checkbox"/> ENCARACOLADOS	<input type="checkbox"/> COMPRIDOS

MEUS OLHOS SÃO		
<input type="checkbox"/> CASTANHOS	<input type="checkbox"/> AZUIS	<input type="checkbox"/> VERDES
<input type="checkbox"/> PRETOS	<input type="checkbox"/> ARREDONDADOS	<input type="checkbox"/> PUXADOS

2. PERGUNTE ÀS PESSOAS MAIS VELHAS DA SUA CASA O QUE MUDOU FÍSICAMENTE EM VOCÊ DESDE O TEMPO EM QUE ERA BEBÊ. DEPOIS, CONVERSE COM SEUS COLEGAS SOBRE ESSAS MUDANÇAS.

Respostas pessoais.

CAPÍTULO 1

Objetos de conhecimento

As fases da vida e a ideia de temporalidade (passado, presente, futuro).	BNCC - EF01H01 Identificar aspectos do seu crescimento, por meio do registro das lembranças particulares ou de lembranças dos membros de sua família e/ou de sua comunidade.
As diferentes formas de organização da família e da comunidade; os vínculos pessoais e as relações de amizade.	BNCC - EF01H02 Identificar a relação entre as suas histórias e as histórias de sua família e de sua comunidade.

Habilidades

BNCC - EF01H05 Identificar semelhanças e diferenças entre jogos e brincadeiras atuais e de outras épocas e lugares.
BNCC - EF01H06 Conhecer as histórias da família e da escola e identificar o papel desempenhado por diferentes sujeitos em diferentes espaços.

Quadro BNCC

Mostra quais são os objetos de conhecimento e as habilidades da versão final da BNCC tratados em cada capítulo.

Pensar histórico

Destaca a importância dos temas tratados em uma página ou em um conjunto delas para a formação do pensamento histórico do aluno.

Outros recursos

Orientações didáticas

Comentários que trazem informações adicionais sobre os conteúdos das páginas do Livro do Estudante, além de advertências para temas delicados.

Textos e atividades complementares

Seleção de textos relevantes para aprofundar o tema tratado. Há também atividades complementares que podem ser desenvolvidas em sala de aula.

Indicações de leitura para o professor

Títulos ligados aos temas propostos para consulta.



Ensino Fundamental – Anos Iniciais
Componente curricular: História

Anna Maria Charlier

Bacharel e licenciada em História pela Universidade de São Paulo (USP)

Bacharel e licenciada em Geografia pela USP

Ex-professora, diretora e supervisora do Ensino Fundamental e Médio na rede pública e em escolas particulares do estado de São Paulo

Maria Elena Simielli

Bacharel e licenciada em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP)

Professora doutora em Geografia e professora livre-docente do Departamento de Geografia – Pós-graduação, USP

Ex-professora dos Ensinos Fundamental e Médio na rede pública e em escolas particulares do estado de São Paulo

2ª edição

São Paulo, 2017

Atualizado de acordo com a BNCC.

ea
editora ática

Direção geral: Guilherme Luz
Direção editorial: Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas
Gestão de projeto editorial: Tatiany Renó
Gestão e coordenação de área: Wagner Nicaretta (ger.) e Brunna Paulussi (coord.)
Edição: Carlos Eduardo Ogawa, Aline dos Reis Neves, Luciana Martinez e Tatiana F. Souza
Gerência de produção editorial: Ricardo de Gan Braga
Planejamento e controle de produção: Paula Godo, Roseli Said e Marcos Toledo
Revisão: Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.), Rosângela Muricy (coord.), Ana Paula C. Malfa, Brenda T. M. Morais, Gabriela M. de Andrade e Paula T. Jesus
Arte: Daniela Amaral (ger.), Claudio Faustino (coord.), Eber Alexandre de Souza (edição de arte), Jacqueline Ortolan, Josiane Batista, Karen Midori Fukunaga, Livia Vitta Ribeiro, Meyre Diniz e Rodrigo Bastos Marchini (edit. arte)
Iconografia: Sívio Klugin (ger.), Denise Durand Kremer (coord.), Daniela Ribeiro (pesquisa iconográfica)
Licenciamento de conteúdos de terceiros: Cristina Akisino (coord.), Luciana Sposito (licenciamento de textos), Erika Ramires e Claudia Rodrigues (analistas adm.)
Tratamento de imagem: Cesar Wolf e Fernanda Crevin
Ilustrações: Ilustra Cartoon, Lie Kobayashi, Rodrigo Paschoal, Rodval Matias e Vicente Mendonça
Design: Gláucia Correa Koller (ger. e proj. gráfico) e Talita Guedes da Silva (proj. gráfico e capa)
Ilustração de capa: ArtefatoZ

Todos os direitos reservados por Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221, 3ª andar, Setor A
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902
Tel.: 4003-3061
www.atica.com.br / editora@atica.com.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Charlier, Anna Maria
Ápis história, 1º ano : ensino fundamental, anos iniciais / Anna Maria Charlier, Maria Elena Simielli. -- 2. ed. -- São Paulo : Ática, 2017.

Bibliografia.
Suplementado pelo manual do professor.
ISBN 978-85-08-18799-7 (aluno)
ISBN 978-85-08-18800-0 (professor)

1. História (Ensino fundamental) I. Simielli, Maria Elena. II. Título.

17-10577

CDD-372.89

Índices para catálogo sistemático:

1. História : Ensino fundamental 372.89

2017

Código da obra CL 713531
CAE 623954 (AL) / 623955 (PR)
2ª edição
1ª impressão

Atualizado de acordo com a BNCC.

Impressão e acabamento





APRESENTAÇÃO

CARO ALUNO,

COM ESTE LIVRO QUEREMOS LHE PROPOR UMA MANEIRA PRAZEROSA DE APRENDER HISTÓRIA.

O PRESENTE TRAZ MARCAS DO PASSADO, ASSIM COMO O FUTURO TERÁ MARCAS DO PRESENTE. POR ISSO, É IMPORTANTE ESTUDAR O PASSADO PARA COMPREENDER O MUNDO EM QUE VIVEMOS. COMO VOCÊ VAI PERCEBER, A HISTÓRIA É VIVA.

ESTE LIVRO VAI DESPERTAR SEU INTERESSE PELA HISTÓRIA. VOCÊ VAI VIAJAR NO TEMPO POR MEIO DE TEXTOS E DE IMAGENS, LOCALIZANDO E RELACIONANDO FATOS EM DIFERENTES MOMENTOS HISTÓRICOS. ASSIM, VOCÊ VAI CONSTRUIR A SUA PRÓPRIA HISTÓRIA UTILIZANDO EXPERIÊNCIAS DO SEU DIA A DIA E COMPARANDO-AS COM EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR OUTRAS PESSOAS EM DIFERENTES ESPAÇOS E TEMPOS.

DESENVOLVER O PENSAMENTO HISTÓRICO PARA COMPREENDER E CONSTRUIR A HISTÓRIA É UM GRANDE PASSO PARA VOCÊ SE TORNAR UM CIDADÃO PARTICIPANTE DO LUGAR ONDE VIVE E DAS TRANSFORMAÇÕES DA SUA COMUNIDADE.

VOCÊ ACEITA ESSE DESAFIO?

AS AUTORAS



Vicente Mendonça/Arquivo da editora



CONHEÇA SEU LIVRO

ESTE LIVRO CONTÉM DUAS UNIDADES. CADA UNIDADE TEM DOIS CAPÍTULOS.



ABERTURA DE UNIDADE

NO INÍCIO DE CADA UNIDADE APRESENTAMOS UMA ILUSTRAÇÃO E ALGUMAS QUESTÕES PARA DESPERTAR O SEU INTERESSE PELO TEMA QUE SERÁ ESTUDADO.

MINHA COLEÇÃO DE PALAVRAS DE HISTÓRIA

AO LONGO DOS CAPÍTULOS E AO FINAL DE CADA UNIDADE, VOCÊ VAI RESOLVER ATIVIDADES QUE EXPLORAM O CONTEXTO E O SENTIDO DE ALGUMAS PALAVRAS IMPORTANTES PARA O ESTUDO DE HISTÓRIA.

PESQUISE

APRENDA A PESQUISAR, INTERPRETAR INFORMAÇÕES E AMPLIAR O SEU CONHECIMENTO.

DESAFIO

FAÇA DESCOBERTAS E COMPARAÇÕES EM GRUPO OU INDIVIDUALMENTE.

SAIBA MAIS

TEXTOS, IMAGENS E ATIVIDADES PARA VOCÊ AMPLIAR SEUS CONHECIMENTOS E AGUÇAR A SUA CURIOSIDADE.

ABERTURA DE CAPÍTULO

POR MEIO DE IMAGENS E TEXTOS LÚDICOS E DAS ATIVIDADES ORAIS DO **PARA INICIAR**, VOCÊ VAI DIALOGAR COM A SUA TURMA SOBRE OS ASSUNTOS QUE SERÃO ABORDADOS NO CAPÍTULO.

ASSIM TAMBÉM APRENDO

UMA MANEIRA LÚDICA E DIVERTIDA DE APRENDER.

GLOSSÁRIO

APRENDA O SIGNIFICADO DE TERMOS E PALAVRAS IMPORTANTES PARA O ESTUDO DE HISTÓRIA.



TECENDO SABERES

VOCÊ VAI PERCEBER QUE OS ASSUNTOS ABORDADOS NO CAPÍTULO TAMBÉM PODEM SER ESTUDADOS COM A AJUDA DE OUTRAS ÁREAS DO SABER.

TECENDO SABERES

MUITAS PESSOAS AJUDAM PARA QUE AS FESTAS NA ESCOLA SEJAM REALIZADAS: ALUNOS, PAIS, PROFESSORES, FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA E OUTRAS PESSOAS DA COMUNIDADE.

AS FESTAS JUNINAS GERALMENTE SÃO AS FESTAS MAIS POPULARES ENTRE OS ALUNOS.

1 LEIA O TEXTO:

VITOR, SARA, ANDRÉ E CAMILA FEZIAM BANDEIRINHAS PARA DECORAR A FESTA JUNINA DA ESCOLA ONDE ESTUDAM.

VITOR FEZ BANDEIRINHAS.
SARA FEZ BANDEIRINHAS.
ANDRÉ FEZ BANDEIRINHAS.
CAMILA FEZ BANDEIRINHAS.

A) QUANTAS BANDEIRINHAS CADA CRIANÇA FEZ? ESCREVA O NÚMERO DELAS DENTRO DO QUADRINHO.

VITOR	ANDRÉ
SARA	CAMILA

B) NO TOTAL, QUANTAS BANDEIRINHAS AS CRIANÇAS FIZERAM?

C) QUEM FEZ MENOS BANDEIRINHAS?

D) QUEM FEZ MAIS BANDEIRINHAS?

VOCÊ E SEUS COLEGAS TAMBÉM PODEM AJUDAR QUANDO FOR REALIZADA A FESTA JUNINA DA SUA ESCOLA.

2 AJUDE A ORGANIZAR AS LISTAS DE BRINCADEIRAS, DE DOCES E DE SALGADOS DA FESTA USANDO AS PALAVRAS DO QUADRO ABAIXO.

FRIOCA, MILHO-VERDE, CADEIA, CACHORRO-QUEIJE, TOMBA-LATA, BOLO DE MILHO, CANJICA, PASTEL, QUADRILHA, ARGOLA, BOLO DE FUBÁ, PESCARIA, PAÇOCA, PE DE MOLEQUE

SALGADOS: _____
DOCES: _____
BRINCADEIRAS: _____

3 VAMOS BRINCAR DE PASSA-CHAPÉU! PRIMEIRO VOCÊ PRECISA CONHECER AS REGRAS DA BRINCADEIRA. PARA APRENDER-LAS, COMPLETE O TEXTO COM AS PALAVRAS CORRESPONDENTES ÀS ILUSTRAÇÕES.

TODOS OS _____ DEVEM SENTAR NO CHÃO OU PICAR _____ EM LIMA _____ DE FESTA JUNINA PARA TOCAR _____ O PROFESSOR COLOCA A _____ VAI PASSANDO DE _____ EM _____ QUANDO A MÚSICA PARAR, QUEM ESTIVER COM O _____ DEVE SAIR DA BRINCADEIRA.

VENCE O _____ QUE NO FINAL DA BRINCADEIRA NÃO FOR PEGO COM O CHAPÉU NA _____ AGORA QUE VOCÊ E SEUS COLEGAS JÁ SABEM AS REGRAS, PODEM BRINCAR!

DE OLHO NA IMAGEM

AS CRIANÇAS DE TODO O MUNDO POSSUEM DIREITOS QUE PRECISAM SER RESPEITADOS PELOS PAÍSES EM QUE ELAS VIVEM. INFELIZMENTE, ESSES DIREITOS NÃO SÃO RESPEITADOS EM MUITOS LUGARES.

LEIA A SEGUIR ALGUNS DESSES DIREITOS:

- IGUALDADE, INDEPENDENTEMENTE DE RAÇA, RELIGIÃO, PAÍS E GÊNERO.
- PODER CRESCER E SE DESENVOLVER COM SAÚDE.
- ALIMENTAÇÃO ADEQUADA, MORADIA E ASSISTÊNCIA MÉDICA.
- UM NOME E UMA NACIONALIDADE.
- ACESSO A TRATAMENTO, SE FOR UMA CRIANÇA QUE PRECISA DE CUIDADOS ESPECIAIS.
- AMOR E COMPREENÇÃO.
- ESCOLA, BRINCADEIRAS E DESCANSO.
- AJUDA IMEDIATA EM CASO DE CATÁSTROFE OU EMERGENÇA.
- PROTEÇÃO CONTRA PERSEGUIÇÃO.
- PROTEÇÃO CONTRA CRISE E DESCUIDO.

1 OBSERVE AS PINTURAS ABAIXO E LEIA AS LEGENDAS.

2 QUAIS DIREITOS DAS CRIANÇAS PODEMOS ASSOCIAR ÀS PINTURAS? COPIE O DIREITO ABAIXO DE CADA IMAGEM.

3 A PALAVRA AOS SURDOS-MUDOS, DE OSCAR PEREIRA DA SILVA, 1884. ÓLEO SOBRE TELA (24 cm x 45 cm).

4 FAZENDO TORTILHAS, DE DIEGO RIVERA, 1934. ÓLEO SOBRE TELA (126 cm x 114 cm).

5 RESPONDA:

A) O QUE A PRIMEIRA PINTURA REPRESENTA?

B) O QUE A SEGUNDA PINTURA REPRESENTA?

6 TROQUE IDEIAS COM SEUS COLEGAS: VOCÊ TEM TODOS ESSES DIREITOS RESPEITADOS NA SUA VIDA?

DE OLHO NA IMAGEM

VOCÊ SABE QUE AS IMAGENS TAMBÉM SÃO FONTES HISTÓRICAS? APRENDA HISTÓRIA POR MEIO DA LEITURA DE IMAGENS.

O QUE ESTUDAMOS

EU ESCREVO E APRENDO

AS FRASES ABAIXO APARECEM NOS CAPÍTULOS DA UNIDADE 2. COPIE, ABANDE DE CADA UMA DELAS, UMA PALAVRA SOBRE O QUE VOCÊ MAIS GOSTOU DE APRENDER.

CAPÍTULO 3 – A BOA CONVIVÊNCIA

CAPÍTULO 4 – CRIANÇA GOSTA DE BRINCAR

PRIMA COLEÇÃO DE PALAVRAS DE HISTÓRIA

EM CADA CAPÍTULO DA UNIDADE, NA ÚLTIMA PALAVRA DESTACADA PARA ABRIR A COLEÇÃO DE PALAVRAS DE HISTÓRIA, VOCÊ TAMBÉM FEZ ATIVIDADES COM ESSAS PALAVRAS. PARA SABER COMO UTILIZÁ-LAS QUANDO PRECISAR ESCREVER UM PEQUENO TEXTO DE HISTÓRIA, VEJA QUANTAS DAS PALAVRAS NÃO QUADRO AO LADO.

1 O QUE VOCÊ APRENDEU COM ESSAS DUAS PALAVRAS? DISCUTA COM OS COLEGAS.

2 EM UM QUADRO NO SEU CADERNO, ESCREVA ESSAS DUAS PALAVRAS E DESENHE O SIGNIFICADO DE CADA UMA DELAS. O SIGNIFICADO DEVE ESTAR LEGADO AO QUE VOCÊ APRENDEU NO CAPÍTULO.

EU DESENHO E APRENDO

OS DESENHOS ABAIXO REPRESENTAM ASSUNTOS IMPORTANTES ESTUDADOS EM CADA CAPÍTULO DA UNIDADE. OBSERVE OS ATENTAMENTE.

CAPÍTULO 3 A BOA CONVIVÊNCIA

CAPÍTULO 4 CRIANÇA GOSTA DE BRINCAR

3 AGORA É A SUA VEZ! PARA CADA CAPÍTULO, FAÇA UM DESENHO DO QUE VOCÊ MAIS GOSTOU OU ACHOU IMPORTANTE ESTUDAR NESTA UNIDADE DO LIVRO. SE PREFERIR, FAÇA UMA COLAGEM.

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

O QUE ESTUDAMOS

É O ENCERRAMENTO DA SUA UNIDADE DE ESTUDO. NELA VOCÊ VAI TRABALHAR A ESCRITA, O DESENHO, O RESUMO DOS TEMAS ESTUDADOS, ALÉM DE VER SUGESTÕES DE LIVROS, FILMES, MÚSICAS OU SITES DE PESQUISA.

HORA DE ORGANIZAR O QUE ESTUDAMOS

NÓS PRECISAMOS ACEITAR E RESPEITAR AS PESSOAS COMO ELAS SÃO. ISSO É IMPORTANTE PARA TERCOS ANOS E CONVERSAMOS SEM COM NOSSAS PAISAS E OS COLEGAS DA ESCOLA.

HÁ MUITAS ATIVIDADES QUE NÓS REALIZAMOS MUITAS VEZES OU SEMPRE. ELAS PODEM SER CHAMADAS DE HÁBITOS OU HÁBITOS DAS PESSOAS SÃO DIFERENTES.

COMO TODAS AS PESSOAS, AS CRIANÇAS SÃO DIFERENTES ENTRE SI E DEVEM SER RESPEITADAS.

ALÉM DE SEREM DIFERENTES, AS BRINCADEIRAS DESDENCIAM A CRIATIVIDADE, A CONVIVÊNCIA COM OS OUTROS E O RESPEITO ÀS REGRAS.

ESPERA-SE QUE A CRIANÇA BRINQUE, ESTUDE E AJUDE NAS TAREFAS EM CASA. PODERÁ AJUDAR VOCÊ A AJUDAR CRIANÇAS TRABALHAR O QUE É PROIBIDO POR LEI.

HORA DE ORGANIZAR O QUE ESTUDAMOS

SUGESTÕES DE

LIVROS

EU GRANDE, VOCÊ PEQUENINHO. LULLY ABRONHO, COMPANHIA DAS LETRADAS.

MUNDO DE CRIANÇA. KATE SALVENDY, GRASSOOL.

O GRANDE DIA. PATRICIA ENGEL, SECCO, MELHORAMENTOS.

NO MADRE PODE. MARCO AUR, SONY MUSIC.

MÚSICA

PARA VOCÊ REFLETIR E CONVERSAR



SUMÁRIO

UNIDADE 1 O MEU MUNDO PESSOAL.....8

CAPÍTULO 1
A MINHA VIDA DE CRIANÇA.....10
A MINHA HISTÓRIA.....11
ESTOU CRESCENDO.....16

CAPÍTULO 2
A FAMÍLIA E A ESCOLA.....22
AS FAMÍLIAS SÃO DIFERENTES.....23
AS ESCOLAS E SUAS HISTÓRIAS.....30
TECENDO SABERES.....36
O QUE ESTUDAMOS.....38



Vicente Mendonça/Aquivo da editora



UNIDADE
2

OS MEUS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA.....42

CAPÍTULO 3

A BOA CONVIVÊNCIA.....44

NORMAL É SER DIFERENTE.....45

HÁBITOS E REGRAS
DE CONVÍVIO.....52

CAPÍTULO 4

CRIANÇA GOSTA DE BRINCAR.....62

JOGOS E BRINCADEIRAS.....63

NEM SEMPRE AS CRIANÇAS
BRINCAM.....68

DE OLHO NA IMAGEM.....72

O QUE ESTUDAMOS.....74

GLOSSÁRIO.....78

BIBLIOGRAFIA.....80

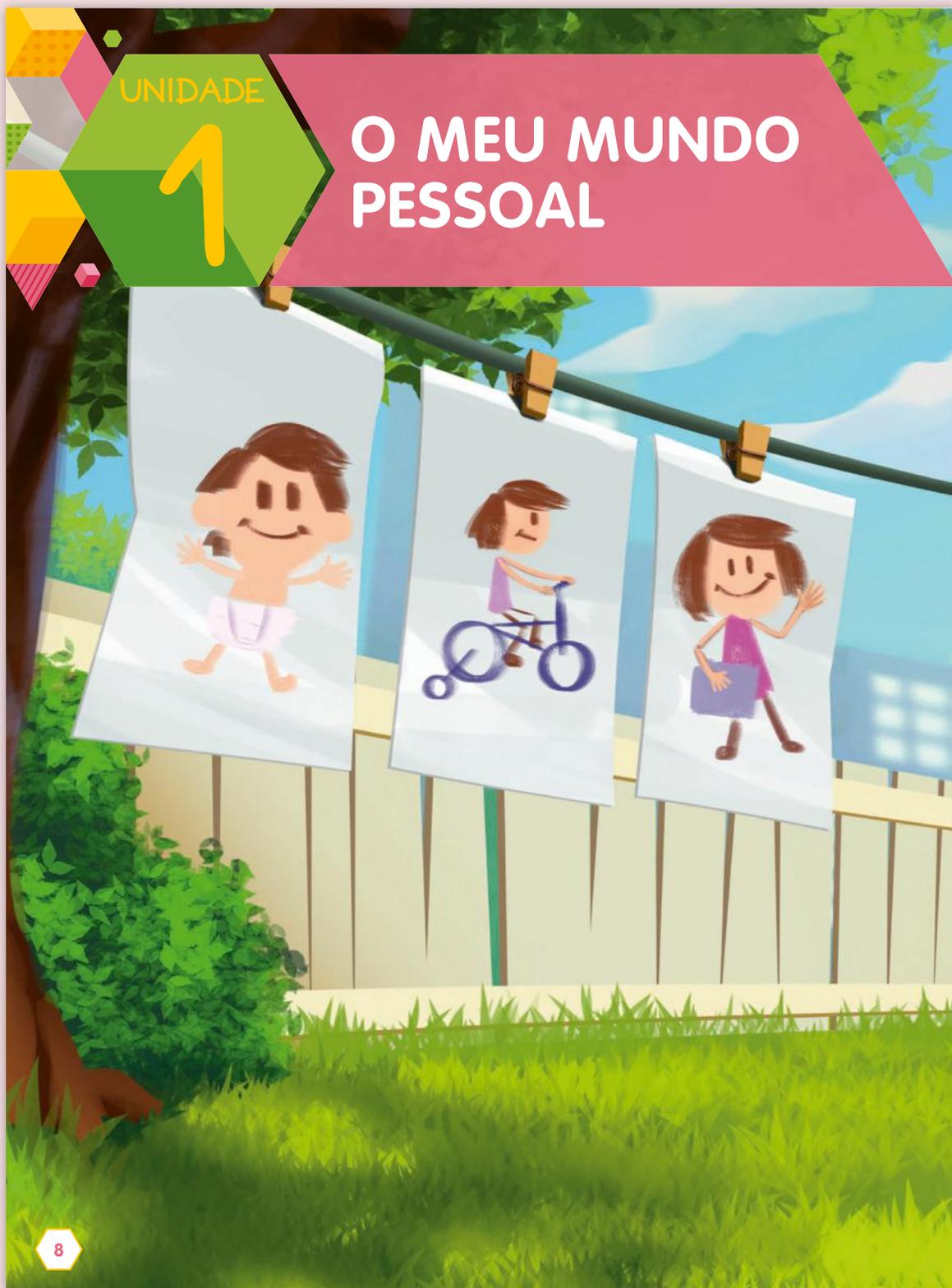


Visante Mendonça/Arquivo da editora

Objetivos desta unidade

1. Reconhecer a relação do “eu” com os grupos sociais em que o aluno está inserido, considerando o tempo em que essas relações ocorrem.
2. Relacionar o crescimento do aluno às relações sociais que ele desenvolve.
3. Identificar a família e a escola como grupos sociais distintos e desenvolver noções de colaboração e respeito às normas de convivência da família e da escola.

Neste volume, busca-se articular o mundo pessoal do aluno, sua identidade, as fases de seu crescimento, o seu lugar no mundo e os grupos sociais aos quais pertence. Por meio de exemplos, ele poderá reconhecer suas vivências cotidianas e, ao realizar atividades lúdicas, poderá refletir sobre o seu lugar na família e na escola.



Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.



Rodrigo Paes/Arquivo de editores

Comentário para a abertura de unidade

A ilustração e as questões propostas nesta dupla de páginas sensibilizam os alunos para os temas que serão tratados na unidade. A criança apresenta desenhos sobre suas diferentes atividades diárias e sobre o que acredita fazer em seu futuro. As questões propostas na abertura levam o aluno a pensar nos grupos sociais de que faz parte – por exemplo, família e escola – e nas suas próprias atividades diárias.

Este momento de conversa prepara o aluno para os conteúdos abordados nos capítulos que compõem a unidade. O capítulo 1 trata da história da criança e de suas fases de crescimento, enquanto o capítulo 2 aborda a família e a escola.

- COM QUAIS PESSOAS VOCÊ CONVIVE?
- QUE ATIVIDADES VOCÊ FAZ NO SEU DIA A DIA? **Respostas pessoais.**

Objetivos do capítulo

1. Iniciar o processo de compreensão de sua trajetória de vida, de sua forma de viver e de se relacionar com os outros.
2. Identificar aspectos de seu crescimento por meio do registro de lembranças pessoais ou familiares.
3. Identificar a relação entre sua história e a história das famílias.

Objetivos do Para iniciar

1. Despertar o interesse dos alunos pelo tema.
2. Levantar os conhecimentos prévios da classe.
3. Proporcionar maior sociabilidade.
4. Desenvolver a capacidade de se expressar e de ouvir.
5. Desenvolver o respeito às outras opiniões e ao trabalho coletivo.

Para iniciar

A abertura do capítulo trabalha com um evento com o qual os alunos estão habituados: o dia do aniversário. Incentive os alunos a relatar suas memórias sobre o assunto. Incentive-os também a relatar outras de suas experiências passadas, trabalhando assim a primeira atividade. A segunda atividade leva os alunos a imaginar como será o futuro deles. O trabalho aqui desenvolvido auxilia o aluno a iniciar o processo de compreensão de sua trajetória de vida e da noção de passagem do tempo.



A MINHA VIDA DE CRIANÇA

QUEM É VOCÊ? COMO VOCÊ É? QUANTOS ANOS VOCÊ TEM?
LEIA O POEMA COM O PROFESSOR E TROQUE IDEIAS COM SEUS COLEGAS.

ANIVERSÁRIO

HOJE EU SINTO QUE CRESCI BASTANTE
HOJE EU SINTO QUE ESTOU MUITO GRANDE
SINTO MESMO QUE SOU UM GIGANTE
DO TAMANHO DE UM ELEFANTE

[...]

E QUANDO CHEGA MEU ANIVERSÁRIO
EU ME SINTO BEM MAIOR,
BEM MAIOR, BEM MAIOR
DO QUE EU ERA ANTES

PAULO TATIT; LUIZ TATIT. ANIVERSÁRIO. INTÉRPRETE:
PALAVRA CANTADA. IN: **PALAVRA CANTADA 10 ANOS**.
SÃO PAULO: PALAVRA CANTADA, 2004. 1 CD. FAIXA 4.



PARA INICIAR

1. VOCÊ SE LEMBRA DAS COISAS QUE ACONTECERAM QUANDO VOCÊ ERA BEM PEQUENO? *Resposta pessoal.*
2. COMO VOCÊ SE IMAGINA DAQUI A ALGUNS ANOS? *Resposta pessoal.*

10 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Objetos de conhecimento	Habilidades
As fases da vida e a ideia de temporalidade (passado, presente, futuro).	BNCC EF01HI01 Identificar aspectos do seu crescimento, por meio do registro das lembranças particulares ou de lembranças dos membros de sua família e/ou de sua comunidade.
As diferentes formas de organização da família e da comunidade: os vínculos pessoais e as relações de amizade.	BNCC EF01HI02 Identificar a relação entre as suas histórias e as histórias de sua família de sua comunidade.

▶ A MINHA HISTÓRIA

O TEMPO PASSA RÁPIDO E A CRIANÇA LOGO DEIXA DE SER UM BEBÊ. VOCÊ TAMBÉM CRESCER BASTANTE DEPOIS DE NASCER.

1 PINTA DE VERDE OS QUADRINHOS QUE INDICAM COMO VOCÊ É.
Resposta pessoal.

EU SOU							
<input type="checkbox"/>	MENINO	<input type="checkbox"/>	BAIXO	<input type="checkbox"/>	ALTO	<input type="checkbox"/>	NEM ALTO NEM BAIXO
<input type="checkbox"/>	MENINA	<input type="checkbox"/>	GORDO	<input type="checkbox"/>	MAGRO	<input type="checkbox"/>	NEM GORDO NEM MAGRO

MEUS CABELOS SÃO					
<input type="checkbox"/>	PRETOS	<input type="checkbox"/>	LISOS	<input type="checkbox"/>	CURTOS
<input type="checkbox"/>	LOIROS	<input type="checkbox"/>	CRESPOS	<input type="checkbox"/>	MÉDIOS
<input type="checkbox"/>	CASTANHOS	<input type="checkbox"/>	ENCARACOLADOS	<input type="checkbox"/>	COMPRIDOS

MEUS OLHOS SÃO					
<input type="checkbox"/>	CASTANHOS	<input type="checkbox"/>	AZUIS	<input type="checkbox"/>	VERDES
<input type="checkbox"/>	PRETOS	<input type="checkbox"/>	ARREDONDADOS	<input type="checkbox"/>	PUXADOS

2 PERGUNTE ÀS PESSOAS MAIS VELHAS DA SUA CASA O QUE MUDOU FISICAMENTE EM VOCÊ DESDE O TEMPO EM QUE ERA BEBÊ. DEPOIS, CONVERSE COM SEUS COLEGAS SOBRE ESSAS MUDANÇAS.
Respostas pessoais.

▶ CAPÍTULO 1 **11**

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC na página 11

As atividades desta página visam trabalhar a identificação dos aspectos físicos do aluno e as mudanças ocorridas desde seu nascimento por meio da observação do próprio corpo e das lembranças dos membros de sua família, atendendo à habilidade **EF01HI01**.

Atividade 1

Se possível, peça que cada aluno traga uma foto recente dele para a escola. Em duplas, cada aluno deve analisar a foto que trouxe e a de seu colega. Isso facilita na hora de responder às questões. Oriente o diálogo entre os alunos. Atente-se à formação de estereótipos e a brincadeiras pejorativas (por exemplo, com aqueles muito magros, muito gordos, etc.), para que as diferenças individuais sejam respeitadas.

Atividade 2

Para facilitar a troca entre os alunos, peça a eles que registrem, com a ajuda dos pais, as respostas que obtiveram em casa.

Pensar histórico

A construção da identidade da criança, a identificação de aspectos de seu crescimento por meio de registros de lembranças e a valorização do respeito pelas diferenças entre as pessoas e as famílias são trabalhadas nos textos e nas atividades deste capítulo. Esse trabalho é realizado com base no dia a dia da criança, valorizando o lugar em que ela vive e o grupo social com o qual ela convive.

Objetos de conhecimento	Habilidades
A vida em casa, a vida na escola e formas de representação social e espacial: os jogos e brincadeiras como forma de interação social e espacial.	BNCC EF01HI05 Identificar semelhanças e diferenças entre jogos e brincadeiras atuais e de outras épocas e lugares.
A vida em família: diferentes configurações e vínculos.	BNCC EF01HI06 Conhecer as histórias da família e da escola e identificar o papel desempenhado por diferentes sujeitos em diferentes espaços.

A BNCC nas páginas 12 e 13

A mudança no uso de roupas, brinquedos e outros objetos pessoais do aluno, bem como o trabalho com fotos e histórias da primeira infância atendem à habilidade **EF01HI01**. Além disso, o compartilhamento das histórias recolhidas de relatos de pessoas da família se liga à habilidade **EF01HI02**.

Atividade 1

Encaminhe a conversa com os alunos de modo que eles se lembrem de algum brinquedo ou objeto antigo que tenha marcado a vida deles.

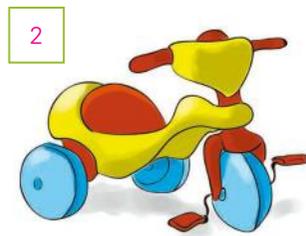
Atividade 2

A atividade promove a integração entre a alfabetização do aluno e a noção de tempo diacrônico, relacionando cada objeto com uma fase da infância.

VOCÊ JÁ PERCEBEU QUE, COM O TEMPO, AS SUAS ROUPAS VÃO FICANDO PEQUENAS E É PRECISO TROCÁ-LAS POR OUTRAS? VOCÊ TEM ALGUM BRINQUEDO DE QUE GOSTAVA MUITO QUANDO ERA MENOR E, HOJE, NÃO BRINCA MAIS COM ELE? NA VERDADE, NADA MUDOU NOS OBJETOS, VOCÊ É QUE CRESCEU.

PODEMOS REPARAR EM NOSSO CRESCIMENTO OBSERVANDO NOSSOS OBJETOS ANTIGOS. ELES TAMBÉM CONTAM PARTE DE NOSSA HISTÓRIA.

- 1** QUE OBJETO VOCÊ SE LEMBRA DE TER USADO QUANDO ERA MENOR E QUE HOJE NÃO USA MAIS? **Resposta pessoal. Exemplos:** chupeta, mamadeira, etc.
- 2** JOÃO ENCONTROU EM UM DEPÓSITO DA SUA CASA ALGUNS DE SEUS OBJETOS ANTIGOS GUARDADOS POR SEUS PAIS. VEJA QUAIS SÃO ELES NAS ILUSTRAÇÕES A SEGUIR.
 - A)** ESCREVA, ABAIXO DE CADA ILUSTRAÇÃO, O NOME DO OBJETO QUE JOÃO ENCONTROU.
 - B)** NUMERE AS ILUSTRAÇÕES DE 1 A 4, COMEÇANDO PELO OBJETO DE QUANDO JOÃO ERA BEBÊ, ATÉ CHEGAR ÀQUELE DE QUANDO JOÃO ENTROU NA ESCOLA.



Velocípede/Velotrol



Mochila



Chupeta



Bicicleta

Atividade complementar

Propomos a atividade "Álbum de recordações de minha infância".

Cada aluno deverá confeccionar um pequeno álbum com fotos e pequenas frases sobre a sua primeira infância, desde o nascimento até a entrada no Ensino Fundamental.

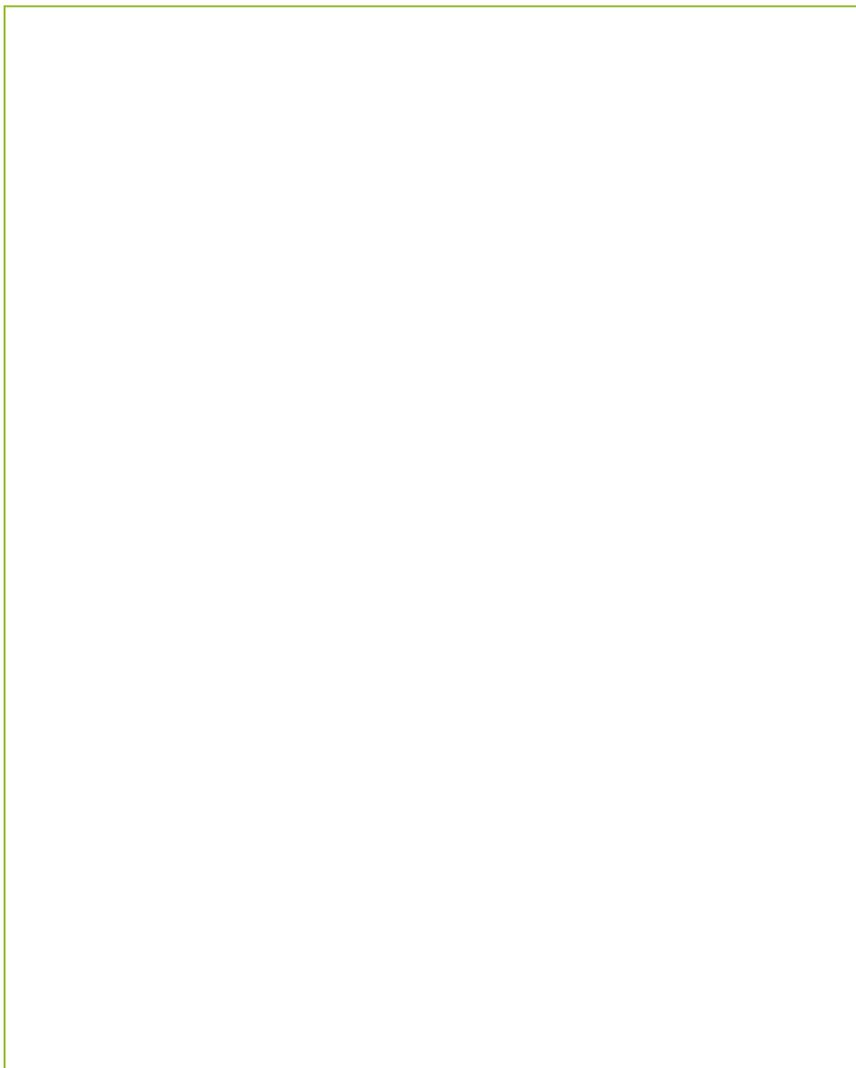
Providencie capas duras para cada álbum e distribua-as aos

alunos. Elas podem ser feitas de papelão recortado na medida do álbum e recoberto com papel sulfite, para que os alunos a decoram como quiserem. Neste pequeno álbum, o aluno deve juntar algumas fotos de quando era bebê ou bem pequeno e, para cada foto e página, escrever pequenas frases relacionadas a sua história e às fotos escolhidas.

Peça previamente aos pais que enviem cópias de fotografias e disponibilize aos alunos material para recorte e colagem.

3 PEÇA A UM ADULTO DA FAMÍLIA QUE CONTE ALGUMA HISTÓRIA DE QUANDO VOCÊ ERA PEQUENO. EM SEGUIDA, FAÇA O QUE SE PEDE.

A) COLE CÓPIAS DE FOTOGRAFIAS DESSA ÉPOCA NO QUADRO ABAIXO OU FAÇA UM DESENHO.



B) MOSTRE A COLAGEM OU O SEU DESENHO AOS COLEGAS E CONTE A HISTÓRIA DO PERÍODO REPRESENTADO.

» CAPÍTULO 1 13

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Pode-se também fazer, com os alunos, uma lista de “temas” para cada página. Na capa: nome da criança; na primeira folha: Eu nasci em... (data e local de nascimento da criança); na segunda folha: Minhas medidas quando eu nasci; na terceira folha: A primeira palavra que eu falei foi... (idade) e eu estava em companhia de...; na quarta folha: Quando eu tinha... (idade), eu fiz a minha primeira travessura.

No álbum o aluno pode também copiar pequenos recados ou colar figurinhas, adesivos, cartões de aniversário ou pequenas lembranças.

Procure auxiliar os alunos a escrever frases divertidas e criativas, de forma que cada um preserve a sua memória e guarde momentos especiais, que fazem parte de sua história, de forma prazerosa.

Atividade 3

Nesta atividade, a ajuda dos pais ou responsáveis pelos alunos será necessária. Peça a eles previamente que selecionem e tirem cópias das fotografias para a execução da atividade. Oriente os alunos a registrar a história com a ajuda dos pais ou de outro adulto da família.

A BNCC nas páginas 14 e 15

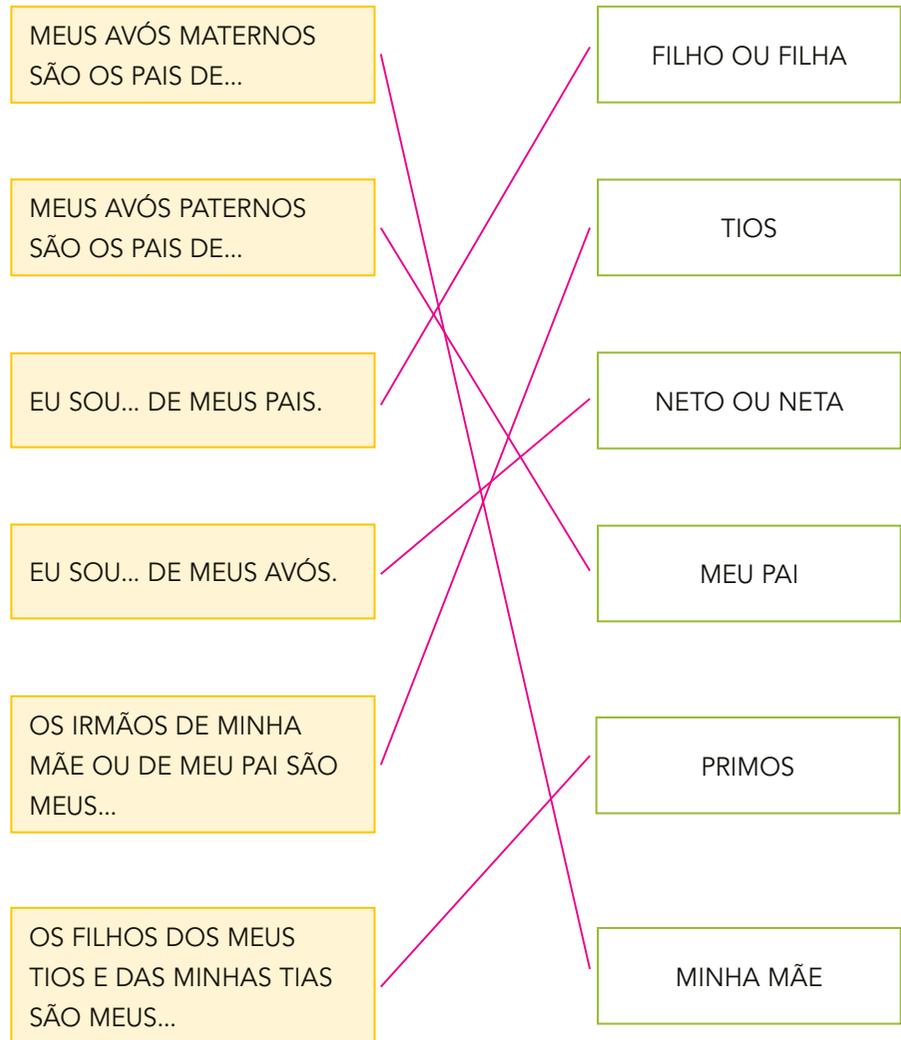
O conteúdo destas páginas relaciona as histórias individuais dos alunos com as de suas famílias por meio do trabalho com graus de parentesco e as diferenças familiares por suas histórias e formações. Assim, trabalhamos as habilidades **EF01HI02** e **EF01HI06**.

Atividade 1

Faça a atividade com os alunos como se fosse um jogo. Pergunte a eles: "Quem sabe quem é?"; "Quem poderia dizer?"; "Quem sabe responder?". Eles podem trabalhar em grupo para obter as respostas.

AS NOSSAS LEMBRANÇAS ESTÃO LIGADAS TAMBÉM ÀS LEMBRANÇAS DE NOSSA FAMÍLIA. A NOSSA FAMÍLIA PODE SER FORMADA POR PAI, MÃE, PADRASTO, MADRASTA, IRMÃOS, AVÓS, TIOS, PRIMOS E OUTRAS PESSOAS. COM TANTA GENTE, SEMPRE HÁ MUITAS HISTÓRIAS PARA CONTAR E LEMBRAR.

1 VOCÊ SABE RESPONDER OU PRECISA ADIVINHAR? JUNTO COM SEUS COLEGAS, LIGUE OS QUADROS FORMANDO FRASES CORRETAS.



14

UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

Para iniciar o trabalho com árvore genealógica, que será feito no segundo volume dessa coleção, cada aluno deverá montar em folha avulsa como a família é formada.

O desenho pode ser em formato de árvore: os galhos maiores representando os adultos mais velhos da família (avós); os galhos médios, os outros adultos da família (pais, tios); e os menores, as crianças da família (os próprios alunos, irmãos, primos, etc.).

Cuide para que todas as crianças se sintam à vontade para desenvolver a atividade, pois sabemos que os alunos são provenientes de grupos familiares diversos e todos eles precisam ser respeitados.

Essa não é uma árvore genealógica tradicional, apenas um exercício para os alunos desenvolverem a noção de pertencimento ao seu primeiro grupo social, a família.

2 RESPONDA:

A) QUEM SÃO AS PESSOAS DE SUA FAMÍLIA? ESCREVA O NOME DELAS ABAIXO.

Resposta pessoal.

B) VOCÊ CONHECE ALGUMA HISTÓRIA SOBRE UM DE SEUS FAMILIARES? FAÇA UM DESENHO SOBRE ELA NO QUADRO ABAIXO. DEPOIS CONTE A HISTÓRIA PARA SEUS COLEGAS.

Atividade 2

Com a atividade desta página pode-se trabalhar o letramento da criança. Auxilie-o a escrever no caderno uma pequena frase sobre o desenho que confeccionou e sobre a história que contou aos colegas.

Socialize as frases de todos os alunos, pedindo a cada um que leia o que escreveu, ajudando-os na leitura. Em seguida, coloque no quadro algumas frases feitas por eles, ensinando-lhes como bem escrever uma ou outra palavra que seja considerada oportuna para o aluno conhecer.

Evite constrangimentos ao realizar esta atividade. Pode acontecer de algum aluno não se sentir à vontade para falar dos membros de sua família porque o pai não mora com a família, ou porque um dos genitores é falecido ou por inúmeros outros motivos. Nesse caso, o aluno deve se sentir livre e não obrigado a realizar a atividade. O mesmo vale para as histórias da família.

A BNCC nas páginas 16 e 17

Nestas páginas retomamos o tema das fases do crescimento por meio de lembranças particulares. A leitura da tirinha na página 17 também trabalha a percepção das mudanças corporais ao longo do tempo, reforçando a habilidade EF01HI01.

Atividades 1 e 2

Enfatize a noção de passagem do tempo, assim como as de passado, presente e futuro, relacionando-as ao tempo cronológico. Compare as respostas dos alunos ressaltando as diferenças e as semelhanças.

Minha coleção de palavras de História

Aqui se iniciam as atividades com as palavras da **Minha coleção de palavras de História**. Em cada capítulo há uma atividade com uma dessas palavras, totalizando duas por unidade. No final desta unidade, em **O que estudamos**, as duas palavras serão retomadas.

Nesta atividade, os alunos vão perceber que, de modo geral, a noção de **mudança** (explorada nas atividades deste capítulo) está ligada à ideia de passagem do tempo. Essa percepção é importante para os estudos desenvolvidos neste volume e auxilia os alunos a refletir sobre o **tempo histórico**. Trabalho conjunto com Língua Portuguesa.

Os alunos podem se referir a uma mudança física (nascimento dos dentes, perda dos primeiros dentes de leite, crescimento do cabelo, aprender a andar e a falar, etc.) ou a uma mudança de casa, de quarto, de cidade, de gostos e preferências, entre outras.

Leia mais sobre a **Minha coleção de palavras de História** na página XXII das Orientações gerais.

▶ ESTOU CRESCENDO

VOCÊ JÁ CRESCEU BASTANTE DESDE QUE NASCEU E CONTINUARÁ CRESCENDO ATÉ FICAR ADULTO. AO CRESCER, MUITAS MUDANÇAS OCORREM NO SEU CORPO, E VOCÊ APRENDE COISAS NOVAS.

1 FAÇA TRÊS DESENHOS QUE MOSTREM:

<p>1 COMO VOCÊ ERA QUANDO BEBÊ</p>	<p>2 COMO VOCÊ É AGORA</p>	<p>3 COMO VOCÊ ACHA QUE SERÁ QUANDO ADULTO</p>
------------------------------------	----------------------------	--

2. A) Exemplos: era pequeno, tinha pouco cabelo, chorava muito, chupava chupeta, usava fralda, etc.

2 QUAIS MUDANÇAS OCORRERAM EM SEU CORPO? COMPLETE:

A) QUANDO EU ERA BEBÊ, EU Resposta pessoal.

B) AGORA, QUE JÁ TENHO 6, 7, etc. ANOS, EU Resposta pessoal.

2. B) Exemplos: cresci, não chupo mais chupeta, não uso mais fralda, ando de bicicleta, etc.

C) QUANDO FOR ADULTO, EU Resposta pessoal.

2. C) Exemplos: vou trabalhar, serei grande, terei filhos, vou cuidar dos meus pais, etc.

MINHA COLEÇÃO DE PALAVRAS DE HISTÓRIA

A PALAVRA ABAIXO É IMPORTANTE PARA ESTUDAR HISTÓRIA.

MUDANÇA



CONVERSE COM SEUS COLEGAS E SEU PROFESSOR SOBRE UMA MUDANÇA QUE ACONTECEU NA SUA VIDA ENQUANTO VOCÊ CRESCIA.

16 UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

Selecione imagens de pessoas, plantas ou animais em diferentes fases da vida, apresente-as em sala de aula e peça às crianças que as coloquem em ordem cronológica.

Sugestões de imagens:

- um bebê, uma criança, um jovem, um adulto ainda jovem, um adulto mais velho e uma pessoa bem idosa;

- semente, plantinha e árvore;
- ovo, pintinho e galinha/galo;
- filhote de cachorro mais crescido e cachorro velho.

Apresente as imagens de modo aleatório e peça aos alunos que associem uma à outra, de acordo com a fase de crescimento.

ASSIM TAMBÉM APRENDO



MAURICIO DE SOUSA. ZÉ LELÉ, [S.D.].

- 1 OBSERVE A HISTÓRIA E CONVERSE COM OS COLEGAS SOBRE O QUE ACONTECEU COM O PERSONAGEM. **O menino cresceu até poder alcançar a fruta na árvore.**
- 2 INVENTE UM TÍTULO PARA ESSA HISTÓRIA.
Resposta pessoal.
- 3 ESCREVA CORRETAMENTE A PALAVRA **FINARMENTE**.
Finalmente.
- 4 ASSIM COMO AS PESSOAS, AS PLANTAS TAMBÉM SE DESENVOLVEM COM O PASSAR DO TEMPO. DESENHE NOS QUADROS O CRESCIMENTO DE UMA PLANTA DESDE QUANDO ELA ERA APENAS UMA SEMENTE.

--	--	--

Pensar histórico

Neste capítulo, a noção de mudança é trabalhada de forma associada ao desenvolvimento da própria criança, valorizando seu crescimento e suas diferentes etapas de aprendizado. Ao mesmo tempo, há um trabalho significativo no sentido de analisar mudanças e permanências no grupo social como um todo, fazendo com que a criança perceba a si mesma como parte integrante desse grupo. Esse trabalho também é realizado em outras oportunidades neste volume.

Assim também aprendo

Converse previamente com os alunos sobre como todos os seres vivos (animais e plantas) se transformam com o passar do tempo. No caso das plantas, elas se desenvolvem a partir de sementes ou raízes. Atenção para as noções de crescimento e desenvolvimento, que são diferentes. Um ser vivo pode crescer, mas não se desenvolver, e vice-versa. Trabalho em conjunto com Ciências.

A BNCC nas páginas 18 a 21

Na página 18, inicia-se o trabalho com as brincadeiras antigas, comparando as brincadeiras que os alunos conhecem atualmente com as de outras épocas, desenvolvendo a habilidade **EF01HI05**. Nesse sentido, o trabalho com a habilidade **EF01HI01** continua por meio do reconhecimento de objetos que marcam as fases da vida de uma pessoa. O trabalho com essa habilidade continua nas páginas 20 e 21.

Orientações didáticas

Desenvolva atividades com histórias, brincadeiras de roda, jogos e canções infantis comuns para as crianças do passado e quase desconhecidas pelas de hoje. Traga outras cantigas de roda da tradição de seu estado ou região. Algumas têm coreografia própria. “Ciranda, cirandinha”, de origem portuguesa, é uma das mais antigas. Incentive os alunos a lembrar-se de canções de quando eram menores, perguntando se seus pais ou outros familiares cantavam para eles cantigas de ninar ou outras cantigas infantis. Cante-as com a classe.

Saiba um pouco mais sobre como trabalhar cantigas de roda na alfabetização no vídeo *Professoras usam cantigas para ajudar na alfabetização de alunos*, da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (disponível em: <www.youtube.com/watch?v=Y7ecomYtHEA>. Acesso em: 7 ago. 2017).

ALGUNS JOGOS E BRINCADEIRAS FORAM INVENTADOS HÁ MUITO TEMPO E, AINDA HOJE, ALEGRA MUITAS CRIANÇAS. UM EXEMPLO É A BRINCADEIRA DE RODA.

VOCÊ CONHECE A CANÇÃO ABAIXO?

LEIA COM SEU PROFESSOR E, SE SOUBER, CANTE.

CIRANDA, CIRANDINHA

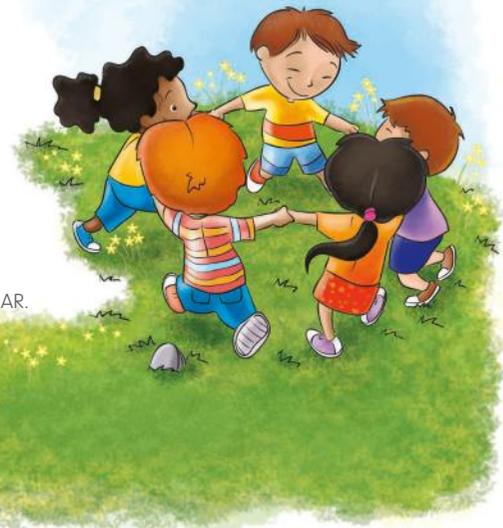
CIRANDA, CIRANDINHA,
VAMOS TODOS CIRANDAR.
VAMOS DAR A MEIA-VOLTA,
VOLTA E MEIA VAMOS DAR.

O ANEL QUE TU ME DESTES
ERA VIDRO E SE QUEBROU.
O AMOR QUE TU ME TINHAS
ERA POUCO E SE ACABOU.

POR ISSO, DONA ROSA,
ENTRE DENTRO DESSA RODA,
DIGA UM VERSO BEM BONITO,
DIGA ADEUS E VÁ-SE EMBORA.

A DEFINIÇÃO DAS PALAVRAS DESTACADAS ESTÁ NO GLOSSÁRIO, PÁGINA 78.

DOMÍNIO POPULAR.



1 VOCÊ E SEUS AMIGOS COSTUMAM BRINCAR DE RODA?
Resposta pessoal.

2 FAÇA UMA RODA COM OS COLEGAS DE CLASSE E CANTEM OUTRAS CANTIGAS DE RODA.

3 A BRINCADEIRA DE QUE VOCÊ MAIS GOSTA É *Resposta pessoal.*

18 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

O texto a seguir fala sobre a utilização de cantigas de roda no processo de ensino-aprendizagem.

As cantigas de roda apresentam variedades de versos, melodias e performances, apresentando-se ricas e altamente valorosas quanto a sua intenção e objetivos, podendo contribuir muito para o desenvolvimento da criança em vários aspectos, envolvendo atividade física, fantasia ou verbalização. [...]

Também desenvolvem variações coreográficas e de movimentação sendo que cada participante é convidado a fazer vários movimentos, como rodar: “... roda, roda, caranguejo peixe é...”; rebolar: “... rebola pai, rebola mãe, rebola filho, eu também sou da família também quero rebolar...”; sambar: “... samba, samba, samba, ô Lelê, pisa na barra da saia, ô Lelê...”; remexer: “... dá um remelexo no corpo...”; requebrar: “... Como ele vem todo requebrado, parece um boneco desengonçado...”, entre muitas outras variações que dão ordem aos movimentos corporais. Outro ponto a destacar é a possibilidade de a cantiga de roda apre-

ALGUNS OBJETOS MARCAM AS FASES DA NOSSA VIDA.

- 1 O QUE VOCÊ USAVA QUANDO ERA BEBÊ? COMPLETE O DIAGRAMA COM AS PALAVRAS DO QUADRO ABAIXO.

	CHUPETA	CHOCALHO	BERÇO	FRALDA
--	---------	----------	-------	--------

Ilustrações: Vivente Mandando/Arquivo da Editora

- 2 OBSERVE A ILUSTRAÇÃO A SEGUIR E ASSINALE O QUE EXISTE DE ESTRANHO NESTA SALA DE AULA DE 1º ANO.



» CAPÍTULO 1 19

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

sentar em sua dinâmica convites implícitos ou explícitos no sentido de os componentes da brincadeira se abraçarem, desenvolvendo, assim, o contato físico, fraterno ou de diversão [...].

Salienta-se que esse contato físico trocado entre as crianças é necessário para o pleno desenvolvimento infantil.

[...]

São cantigas carregadas de repetições, ritmo marcado e cadenciado, auxiliando para o bom desenvolvimento físico e mental da criança [...]

Desse modo, como se pode constatar, as cantigas de roda não representam simplesmente canções populares despidas de conteúdos importantes para a formação da criança; ao contrário, elas ensinam, dignificam, contam histórias, são meios para realizar diversos tipos de debates no espaço escolar. [...]

BORGES, Madalena Tommasi. *Cantigas de roda: cultura popular e espaço escolar*. Monografia. Criciúma: Unesc, 2008. Disponível em: <www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000039/0000392E.pdf>.

Acesso em: 15 nov. 2017.

Atividade 3

Trabalhe com os alunos outros exemplos do que eles não faziam quando eram menores e agora conseguem fazer.

Peça para que os alunos escrevam no caderno algumas dessas atividades.

Espera-se que as opções de atividades apresentadas e escritas por eles sejam, por exemplo: hoje eu sei ler algumas palavras; eu escrevo meu nome; eu frequento a escola; eu jogo *videogame*; eu tenho muitos colegas na escola; eu ajudo em casa, etc.

É aconselhável que eles trabalhem em dupla, para que um possa auxiliar e estimular o outro na escrita a ser feita. Auxilie os alunos durante o exercício. Cuide para que escrevam corretamente as palavras. Complemente o trabalho escrevendo na lousa as atividades mencionadas pelos alunos.

3 MARQUE COM UM X O QUE VOCÊ FAZ AGORA E NÃO FAZIA QUANDO ERA BEM PEQUENO.



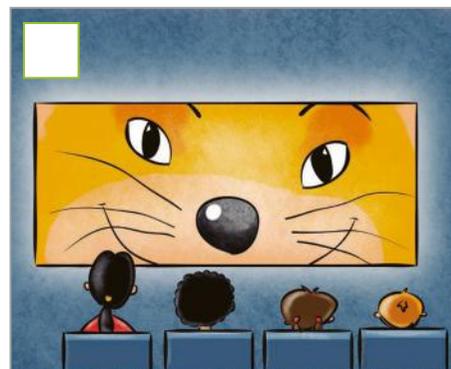
▶ TOMAR BANHO SOZINHO.



▶ ANDAR DE BICICLETA.



▶ ESTUDAR.



▶ IR AO CINEMA SOZINHO.



▶ DORMIR.

20 UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

4 AGORA, VAMOS PENSAR EM QUANDO VOCÊ CRESCER. *Respostas pessoais.*

A) ESCREVA DUAS COISAS QUE VOCÊ NÃO FAZ AGORA, MAS QUE PODERÁ FAZER QUANDO FOR MAIOR.

B) O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER? ESCOLHA UMA PROFISSÃO E RESPONDA A ESSA PERGUNTA COM UM DESENHO. SE PREFERIR, FAÇA UMA COLAGEM.



C) CONTE AOS COLEGAS POR QUE VOCÊ ESCOLHEU ESSA PROFISSÃO.

Atividade complementar

Divida a classe em dois grupos: equipe 1 e equipe 2. Explique-lhes a atividade a ser feita: Qual é a profissão?

Um aluno da equipe 1 pergunta a um aluno da equipe 2: Qual é a profissão que...? Os alunos devem escrever o que a pessoa daquela profissão faz. Exemplo: Qual é a profissão que ensina os alunos a ler, escrever, contar e aprender muitas outras coisas importantes?

Depois que o aluno da equipe 2 responder, ele deve escrever na lousa, de forma correta, o nome da profissão. Quem

errar perde ponto para o grupo: um, caso erre a profissão; ou dois, caso erre a ortografia.

Em seguida, é a vez de um aluno da equipe 2 perguntar e um aluno da equipe 1 responder e escrever a profissão na lousa.

O jogo segue até que todos os alunos tenham perguntado e respondido uma vez.

Os alunos podem ser ajudados pelos colegas da equipe, tanto na sua vez de perguntar, como na sua vez de responder.

Essa atividade estimula o raciocínio e a cooperação e trabalha a oralidade e a escrita.

Atividade 4

b) Explore com os alunos as diferentes profissões, ensinando-os a respeitar e a valorizar todas igualmente. Peça aos alunos que procurem algumas profissões e as diferentes atividades relacionadas a elas. Estimule-os a lembrar de profissões usando a ordem alfabética. Eles poderão também trazer imagens de profissionais exercendo suas atividades. Auxilie-os a fazer um mural em ordem alfabética com as profissões encontradas, escrevendo o nome de cada profissão ao lado das imagens.

Objetivos do capítulo

1. Reconhecer e distinguir o ambiente familiar do ambiente escolar, identificando as regras e os hábitos de cada um, bem como desenvolver noções de colaboração e respeito às normas de convivência dentro desses grupos sociais.
2. Reconhecer permanências e mudanças culturais no cotidiano da família, da escola e de outros grupos sociais.
3. Reconhecer e valorizar o significado das comemorações familiares e escolares.

Para iniciar

Trabalhe as questões com cuidado, porque há crianças que muitas vezes ficam sozinhas e não têm nenhum programa especial com os pais durante o período de férias. Valorize as brincadeiras com os colegas e com a família durante as férias. Como muitas crianças passam as férias sendo cuidadas pelos avós, pode-se também explorar esse fato.

CAPÍTULO 2

A FAMÍLIA E A ESCOLA

A FAMÍLIA E A ESCOLA SÃO MUITO IMPORTANTES PARA UMA CRIANÇA. GERALMENTE UMA CRIANÇA VIVE COM SUA FAMÍLIA E PASSA ALGUMAS HORAS NA ESCOLA.

LEIA O POEMA COM SEU PROFESSOR:

CHEGARAM AS FÉRIAS

CHEGARAM AS FÉRIAS
QUE BOM QUE VAI SER!
EU VOU PASSEAR, PULAR E CORRER!
EU VOU DORMIR TARDE,
VOU BRINCAR LÁ FORA...
VER TELEVISÃO ATÉ FORA DE HORA.
VOU LER O QUE EU QUERO,
DE NOITE E DE DIA...
BRINCAR COM O CACHORRO,
OU FAZER FOLIA!
COM TODOS AMIGOS
VOU FICAR DE BEM,
SÓ VOLTO PRA ESCOLA
NO ANO QUE VEM!



RUTH ROCHA; HÉLIO ZISKIND. CHEGARAM AS FÉRIAS. INTÉRPRETE: FORTUNA. IN: **NA CASA DA RUTH**. SÃO PAULO: SESC, 2009. 1 DVD. FAIXA 2.

PARA INICIAR

1. COM QUEM VOCÊ PASSA A MAIOR PARTE DO SEU TEMPO? *Resposta pessoal.*
2. VOCÊ FAZ ALGUM PROGRAMA ESPECIAL COM SUA FAMÍLIA NAS FÉRIAS ESCOLARES? *Resposta pessoal.*
3. DO QUE VOCÊ GOSTA MAIS: DE IR À ESCOLA OU DE FICAR COM SUA FAMÍLIA? *Resposta pessoal.*

22 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Objetos de conhecimento	Habilidades
As diferentes formas de organização da família e da comunidade: os vínculos pessoais e as relações de amizade.	BNCC EF01HI03 Descrever e distinguir os seus papéis e responsabilidades relacionados à família, à escola e à comunidade.
A escola e a diversidade do grupo social envolvido.	BNCC EF01HI04 Identificar as diferenças entre os variados ambientes em que vive (doméstico, escolar e da comunidade), reconhecendo as especificidades dos hábitos e das regras que os regem.

▶ AS FAMÍLIAS SÃO DIFERENTES

UMA CRIANÇA PRECISA DA FAMÍLIA OU DE OUTRAS PESSOAS ADULTAS QUE A AMEM E CUIDEM DELA PARA QUE POSSA CRESCER DE MANEIRA SAUDÁVEL. A ESCOLA AJUDA A FAMÍLIA NESTA TAREFA.

A FAMÍLIA GERALMENTE É O MAIS IMPORTANTE GRUPO DE CONVIVÊNCIA DE UMA CRIANÇA. VEJA ALGUMAS FAMÍLIAS A SEGUIR.



▶ FAMÍLIA TOMA CAFÉ DA MANHÃ EM SÃO PAULO, NO ESTADO DE SÃO PAULO, EM 2016.



▶ FAMÍLIA INDÍGENA DA ALDEIA IKPENG, LOCALIZADA EM FELIZ NATAL, NO ESTADO DE MATO GROSSO, EM 2016.



▶ FAMÍLIA OBSERVA ÁLBUM DE FOTOS EM SÃO PAULO, NO ESTADO DE SÃO PAULO, EM 2016.



▶ CASAL COM FILHA RECÉM-NASCIDA EM SÃO PAULO, NO ESTADO DE SÃO PAULO, EM 2013.

AS FAMÍLIAS SÃO MUITO DIFERENTES ENTRE SI. HÁ CRIANÇAS QUE MORAM:

- COM O PAI E A MÃE;
- SÓ COM O PAI;
- SÓ COM A MÃE;
- COM UM CASAL DE PAIS;
- COM UM CASAL DE MÃES;
- COM OS AVÓS;
- COM OUTROS PARENTES;
- COM O PADRASTO;
- COM A MADRASTA;
- COM PESSOAS QUE NÃO SÃO PARENTES, MAS AS TRATAM COMO FILHOS;
- NOS LARES PARA CRIANÇAS OU EM **ORFANATOS**, COM OUTRAS CRIANÇAS E COM OS RESPONSÁVEIS POR ELAS.

● **ORFANATO:** LOCAL DESTINADO A DAR ABRIGO E EDUCAÇÃO A ÓRFÃOS (CRIANÇAS E ADOLESCENTES CUJOS PAIS FALECERAM) E/OU CRIANÇAS ABANDONADAS.

▶ CAPÍTULO 2 23

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC na página 23

Iniciamos o tópico sobre diversas configurações familiares de forma a mostrar aos alunos que não há regra sobre como uma família deve ser, contribuindo, assim, para que o aluno alcance a habilidade **EF01HI07**.

Orientações didáticas

Explore o tema “família”, permitindo que os alunos se expressem sobre a própria família. Comente sobre os vários tipos de família, ensinando os alunos a aceitá-los sem discriminação. Aborde da mesma forma os casos de meio-irmãos. Comente também que mesmo crianças em situação de rua vivem com familiares e convivem com outras crianças.

Converse sobre a importância do nome e do sobrenome para nos identificar com nosso grupo familiar e como os adquirimos. Os pais, familiares ou responsáveis podem escolher o nome dos filhos, mas os sobrenomes são herdados da família. Trabalhe com naturalidade o fato de algumas crianças possuírem o sobrenome de apenas um dos pais.

Escreva, em ordem alfabética, o nome e o sobrenome dos alunos na lousa. Pode-se ampliar essa atividade oferecendo a cada aluno uma ficha de papel-cartão para que ele escreva o nome e o sobrenome dele (e, se possível, da mãe e/ou do pai). Auxilie-os na confecção das fichas e depois coloque todas elas em um mural, na sala de aula, em ordem alfabética. Na ficha poderá ser acrescentada a data de aniversário da criança.

Objetos de conhecimento	Habilidades
A vida em família: diferentes configurações e vínculos.	<p>BNCC EF01HI06 Conhecer as histórias da família e da escola e identificar o papel desempenhado por diferentes sujeitos em diferentes espaços.</p> <p>BNCC EF01HI07 Identificar mudanças e permanências nas formas de organização familiar.</p>
A escola, sua representação espacial, sua história e seu papel na comunidade.	<p>BNCC EF01HI08 Reconhecer o significado das comemorações e festas escolares, diferenciando-as das datas festivas comemoradas no âmbito familiar ou da comunidade.</p>

A BNCC nas páginas 24 a 26

Propomos a identificação do papel desempenhado por diferentes sujeitos ao longo do tempo, no caso desta página, o pai e a mãe, em diferentes espaços, por meio de duas obras de arte, uma de meados do século XX e outra do final do século XIX, desenvolvendo a habilidade **EF01HI06**. As imagens das páginas 23, 24 e 25 promovem a comparação e a identificação das mudanças e permanências das famílias brasileiras por parte dos alunos. A seção **Saiba mais**, da página 26, traz um relato de Oscar Niemeyer de como era o momento do jantar em sua casa quando ele ainda era criança. Esse relato também serve de comparação sobre as famílias no passado e no presente. Assim, trabalhamos também a habilidade **EF01HI07**.

Orientações didáticas

Trabalhe as imagens com os alunos. Auxilie-os a identificar os elementos da imagem fazendo as seguintes perguntas: "Onde estão, nas fotos, o pai, a mãe e os filhos?"; "Quantos filhos há em cada foto?"; "O que as pessoas estão fazendo?".

Converse com os alunos sobre a diferença entre o modelo de família que costumava ser aceito como ideal antigamente e a diversidade de arranjos familiares de hoje. Até a primeira metade do século XX, era vista como legítima a família patriarcal, em que o pai era a figura central nas decisões. Esse não era o único arranjo existente, mas era o único considerado legítimo. Na família atual, as decisões podem ser tomadas por todos os adultos, e as tarefas domésticas e a criação dos filhos também são divididas.

AS FAMÍLIAS DE HOJE SÃO BEM DIFERENTES DAS FAMÍLIAS DE ANTIGAMENTE.

VEJA COMO ALGUNS PINTORES REPRESENTARAM FAMÍLIAS ANTIGAS:



► **RETRATO DE FAMÍLIA**, DE LULA CARDOSO AYRES, 1943. NANQUIM E AQUARELA (40 cm x 61 cm).



► **CENA DA FAMÍLIA DE ADOLFO AUGUSTO PINTO**, DE JOSÉ FERRAZ DE ALMEIDA JÚNIOR, 1891. ÓLEO SOBRE TELA (106 cm x 137 cm).

- 1 CONVERSE COM A CLASSE: QUEM PARECE SER A PESSOA MAIS IMPORTANTE NESSAS PINTURAS? **O pai.**
- 2 PROCURE EM REVISTAS E JORNAIS FOTOS DE FAMÍLIAS E COLE-AS EM UMA FOLHA AVULSA. DEPOIS, COM A AJUDA DO PROFESSOR, COMPARE-AS COM AS FAMÍLIAS REPRESENTADAS NAS IMAGENS DESTA PÁGINA. CONVERSE SOBRE O QUE VOCÊS NOTAM DE DIFERENTE NAS IMAGENS.

24 UNIDADE 1 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Pensar histórico

Neste capítulo, ao estudar particularidades do grupo familiar e da escola, incentivamos os alunos a situarem-se no meio social em que vivem. Ao mesmo tempo, um trabalho de comparação de acontecimentos no tempo e no espaço é realizado, especialmente nas atividades, permitindo que eles reflitam sobre permanências, mudanças e sobre passado, presente e futuro.

HOJE AS FAMÍLIAS TÊM, EM GERAL, POUCOS FILHOS. MAS ANTIGAMENTE AS FAMÍLIAS ERAM MUITO NUMEROSAS.

- Q** OBSERVE ESTA FOTO E COMPARE-A COM AS FOTOS DA PÁGINA 23. DEPOIS, RESPONDA ÀS QUESTÕES.



▶ FAMÍLIA DA CIDADE DE BELÉM, NO ESTADO DO PARÁ, FOTOGRAFADA EM 1915.

- A)** AS FAMÍLIAS DA PÁGINA 23 TÊM O MESMO NÚMERO DE CRIANÇAS DA FAMÍLIA DESSA FOTO? **Não; nessa foto há mais crianças.**
- B)** SUA FAMÍLIA SE PARECE COM A DESSA FOTO? EXPLIQUE AS DIFERENÇAS. **Resposta pessoal.**

MINHA COLEÇÃO DE PALAVRAS DE HISTÓRIA

A PALAVRA NO QUADRO ABAIXO APARECE NESTE CAPÍTULO.

CONVIVÊNCIA

- 1** DIGA UMA FRASE USANDO A PALAVRA **CONVIVÊNCIA**.
- 2** SERÁ QUE ESSA PALAVRA TEM ALGO A VER COM RESPEITO?

Atividade

Proponha aos alunos que observem e analisem a foto. Para ajudá-los na observação, faça perguntas como: "Quando foi tirada a foto?"; "Como se vestem as pessoas retratadas?"; "Como se penteiam?"; "Aparecem brinquedos na foto?". Assim, eles terão elementos para analisar a foto criticamente, e não simplesmente olhar para ela.

Minha coleção de palavras de História

A valorização do convívio social, do respeito e da tolerância é algo fundamental para o aprendizado dos alunos. Desse modo, o objetivo aqui é o de mostrar uma palavra nova aos alunos (**convivência**), relacionando-a com a ideia de respeito explorada nas demais atividades desta página.

Leia mais sobre a **Minha coleção de palavras de História** na página XXII das Orientações gerais.

Saiba mais

Leia o texto e analise-o com os alunos para que eles conheçam os hábitos dessa época e as diferenças em relação aos dias de hoje. Contextualize a vida de Oscar informando-os de que ele nasceu em 1907 e faleceu em 2012, aos 104 anos. Dê algumas referências para que eles entendam melhor o período de cem anos. Por exemplo, há cem anos, provavelmente, nasceram os tataravós (os avós dos avós) dos alunos.

Explique que os arquitetos são os responsáveis pela criação de projetos de casas e edifícios. É importante também explicar aos alunos a forma como se costumam apresentar os anos de nascimento e morte de pessoas.

Valorize os momentos de reunião familiar. Comente como é importante uma família trocar ideias, contar como cada um passou o dia. Observe com os alunos que o fato de ligar a televisão durante a refeição dificulta às pessoas conversar e trocar experiências. Pode ser que haja alunos cujos pais trabalhem à noite ou cheguem em casa muito tarde. Assim, é mais adequado tomar como referência a refeição que fazem em família.

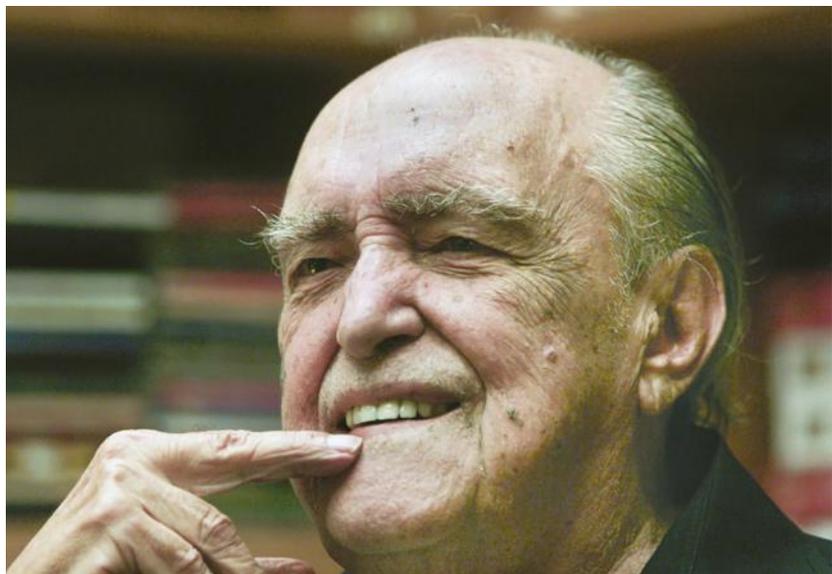
SAIBA MAIS >>

VOCÊ SABE COMO ERA A CONVIVÊNCIA EM UMA FAMÍLIA HÁ POUCO MAIS DE CEM ANOS? O TEXTO A SEGUIR, DO ARQUITETO OSCAR NIEMEYER, CONTA COMO ERA O COTIDIANO DA FAMÍLIA DELE QUANDO ERA PEQUENO.

NA CASA DO OSCAR

NÃO FALÁVAMOS À MESA, LIMITANDO-NOS A OUVIR A CONVERSA DOS MAIS VELHOS. LOGO QUE O JANTAR ACABAVA, EU CORRIA PARA A RUA E, SE O PORTÃO ESTAVA FECHADO, PULAVA A GRADE [...]. DEPOIS DO JANTAR A FAMÍLIA DESCANSAVA NA VARANDA.

OSCAR NIEMEYER. **AS CURVAS DO TEMPO**. RIO DE JANEIRO: REVAN, 2000. P. 14.



Ana Carolina Hernandez/Folhas

> OSCAR NIEMEYER (1907-2012) FOI UM DOS MAIS FAMOSOS ARQUITETOS DO BRASIL. PROJETOU DIVERSAS CONSTRUÇÕES MODERNAS, MUITAS DELAS FAMOSAS E CONHECIDAS NO BRASIL E NO MUNDO.

- 1 VOCÊ CONHECE ALGUMA CONSTRUÇÃO DE OSCAR NIEMEYER? CONVERSE COM O PROFESSOR E OS COLEGAS. **Resposta pessoal.**
- 2 A ROTINA DO JANTAR DESCRITA NO TEXTO É PARECIDA COM A DA SUA FAMÍLIA? **Resposta pessoal.**

PARA VIVER BEM EM FAMÍLIA, É PRECISO OBEDECER REGRAS. TAMBÉM É PRECISO QUE TODOS COLABOREM COM AS TAREFAS DIÁRIAS.

MAS NÃO É SÓ PARA OBEDECER ÀS REGRAS QUE A FAMÍLIA EXISTE. É IMPORTANTE QUE AS PESSOAS DA FAMÍLIA ESTEJAM JUNTAS PARA APRENDER, FESTEJAR, DIVERTIR-SE E, PRINCIPALMENTE, SENTIREM-SE UNIDAS E SEGURAS UMAS COM AS OUTRAS.

- 1 FAÇA COM O PROFESSOR, NA LOUSA, UMA LISTA DE REGRAS DE UMA CASA.
- 2 FORME UM GRUPO COM MAIS TRÊS COLEGAS E CONVERSEM SOBRE A SITUAÇÃO MOSTRADA NA FOTO ABAIXO.



▶ PAI BRINCANDO COM AS FILHAS AO AR LIVRE EM SANTA MARIA, NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, EM 2014.

ASSIM TAMBÉM APRENDO

LEIA A TIRINHA ABAIXO. DEPOIS, ANOTE A REGRA QUE APARECE NA HISTÓRIA.



MAURICIO DE SOUSA. O ESTADO DE S. PAULO. SÃO PAULO, 29 ABR. 2014.

Limpar o quarto.

A BNCC nas páginas 27 a 29

As páginas que se seguem dão continuidade ao trabalho em relação à habilidade **EF01HI06**. Trabalhar com regras de família e de uma casa aprofunda o reconhecimento dos papéis desempenhados por diferentes sujeitos em um grupo. Além de regras, tratamos do convívio e de comemorações familiares, conforme a habilidade **EF01HI08**.

Atividade 1

Exemplos: não entrar em casa com os pés ou os sapatos sujos; fazer silêncio quando a mãe, a avó, o bebê ou outra pessoa estiver dormindo; recolher os brinquedos depois de brincar; respeitar os horários estabelecidos para cada atividade diária, etc.

Assim também aprendo

As crianças são, desde cedo, atraídas pelas histórias em quadrinhos, pois são coloridas, com enredo dinâmico, de fácil compreensão e, muitas vezes, desenhadas e escritas com muito humor. Esse aspecto precisa ser valorizado, pois contribui para despertar na criança o gosto pela leitura, que passa a ser um ato prazeroso.

As histórias em quadrinhos podem ser usadas em sala de aula de forma interessante e dinâmica, motivando os alunos a ler, discutir, relacionar (imagem e texto), compreender, criar, pesquisar, escrever, entrevistar, dramatizar, interpretar, entre outros, além de habilidades sociais.

Com elas pode-se realizar um cantinho de leitura em sala de aula algumas vezes por semana. E pode-se trabalhar com determinadas histórias em quadrinhos, previamente escolhidas, para desenvolver trabalhos sobre um tema utilizando-se de roda de conversa, pesquisa, apresentações de vídeo, relação entre as imagens dos quadrinhos com os textos dos balões (ou ausência deles) e as expressões dos personagens, textos narrativos escritos pelos alunos e apresentação em mural na sala de aula.

Orientações didáticas

As festas de família e, posteriormente, as festas de escola serão abordadas sem menção ao mês em que elas são realizadas, tendo em vista que apenas no 2º ano os alunos aprenderão noções relacionadas à contagem de tempo em meses.

Atividade 4

Estimule os alunos a primeiro mencionar os elementos que associam a festas de aniversário e depois localizar esses elementos no quadro.

AS PESSOAS DE UMA FAMÍLIA COSTUMAM SE ENCONTRAR PARA COMEMORAR E FESTEJAR ALGUMAS DATAS IMPORTANTES PARA ELAS. OBSERVE A ILUSTRAÇÃO E RESPONDA ÀS QUESTÕES.



- 1 ESCREVA QUAL ACONTECIMENTO ESTÁ SENDO COMEMORADO PELA FAMÍLIA:

A FESTA É DE aniversário.

- 2 CONTE PARA SEUS COLEGAS COMO SE COSTUMA COMEMORAR O ANIVERSÁRIO DAS PESSOAS DA SUA FAMÍLIA.

- 3 EM QUAL DIA VOCÊ FAZ ANIVERSÁRIO?

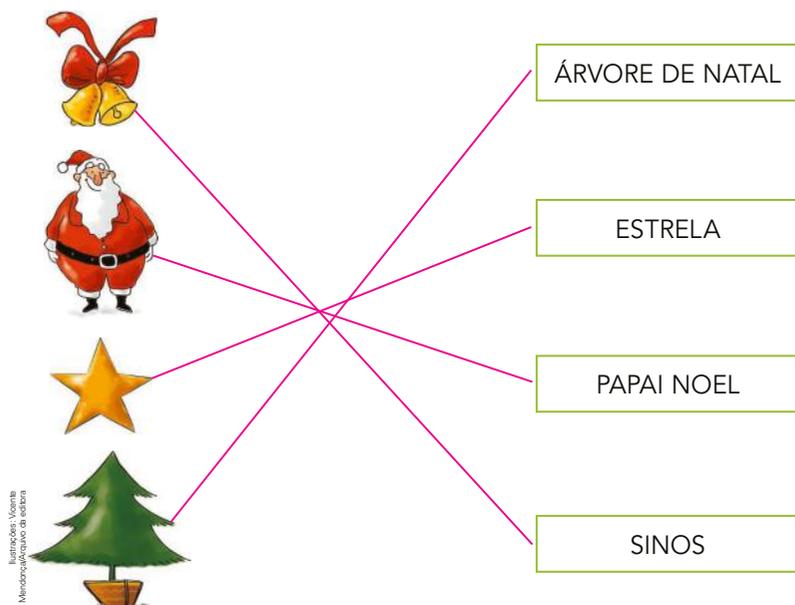
Resposta pessoal.

- 4 CIRCULE NO QUADRO ABAIXO AS PALAVRAS QUE ESTÃO LIGADAS A FESTAS DE ANIVERSÁRIO:

BOLO	SAPATO	JANELA	GATO	PARABÉNS
RELÓGIO	FAMÍLIA	LAGO	AMIGOS	

O NATAL É OUTRA DATA QUE A MAIORIA DAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS COSTUMA COMEMORAR. MESMO SENDO UMA DATA RELIGIOSA, É UMA OCASIÃO EM QUE MUITAS FAMÍLIAS, CRISTÃS OU NÃO, SE ENCONTRAM E FESTEJAM. É COMUM QUE RUAS, PRÉDIOS, CASAS E LOJAS SEJAM DECORADOS PARA CELEBRAR O NATAL.

1 LIGUE OS SÍMBOLOS DO NATAL COM A PALAVRA CORRETA:



2 CONVERSE COM SEUS COLEGAS: VOCÊ COMEMORA O NATAL COM SUA FAMÍLIA? DE QUE MANEIRA? *Resposta pessoal.*

3 AGORA, DESENHE NO ESPAÇO ABAIXO OUTRA COMEMORAÇÃO EM QUE SUA FAMÍLIA COSTUMA SE REUNIR.

Orientações didáticas

A festa de Natal é tratada aqui como uma festa de confraternização familiar, respeitando a laicidade do ensino no Brasil. Fica a cargo dos professores e das escolas comentar seu aspecto religioso. Trabalhe com os alunos o espírito de confraternização do Natal, e não o seu lado comercial ou de consumismo exagerado.

A BNCC nas páginas 30 a 32

Assim como o tema da família foi abordado, a escola também será, de modo a apresentar as suas histórias, o papel que ela e seus funcionários desempenham na nossa vida e as mudanças e permanências que podemos observar na comparação de escolas antigas com escolas atuais, subsidiando o alcance por parte dos alunos às habilidades **EF01HI04** e **EF01HI06**.

Orientações didáticas

Converse com os alunos sobre a grande mudança em relação à educação formal nos dias de hoje, pois todos têm o direito – e devem fazê-lo – de frequentar a escola. Antigamente, as meninas estudavam em salas separadas dos meninos e havia poucas vagas nas escolas públicas. Muitas crianças de famílias pobres não frequentavam a escola, por trabalharem ou por causa da distância. Com esse texto e o da página seguinte pretende-se fazer um exercício de comparação entre a escola do passado e a em que os alunos estudam atualmente. O primeiro texto pode levantar discussões sobre horários de estudo e tratamento com os professores, além de como se conduzia a aula. O segundo pode ser usado como comparação da estrutura escolar.

Verifique se os alunos sabem o significado da expressão “Bença, mestra”. “Bênção” é o ato de abençoar ou benzer. Antigamente era comum pedir a bênção às pessoas mais velhas, como pais e professores, em sinal de respeito.

AS ESCOLAS E SUAS HISTÓRIAS

ASSIM COMO AS FAMÍLIAS, AS ESCOLAS MUDARAM MUITO. HOJE TODAS AS CRIANÇAS DEVEM IR PARA A ESCOLA, MAS ANTIGAMENTE NÃO ERA ASSIM. HAVIA UM NÚMERO MUITO MENOR DE ESCOLAS, E ALGUMAS CRIANÇAS MAIS RICAS ERAM EDUCADAS EM CASA. COM A AJUDA DO PROFESSOR, LEIA O TEXTO DESTA PÁGINA E O DA PÁGINA SEGUINTE. ELES FALAM SOBRE DUAS ESCOLAS DO PASSADO.

A ESCOLA DA MESTRA SILVINA

MINHA ESCOLA PRIMÁRIA...
ESCOLA ANTIGA DE ANTIGA **MESTRA**
REPARTIDA EM DOIS PERÍODOS
PARA A MESMA MENINADA,
DAS 8 ÀS 11, DA 1 ÀS 4.

[...]

A GENTE CHEGAVA “– BENÇA, MESTRA”.
SENTAVA EM BANCOS COMPRIDOS,
ESCORRIDOS, SEM ENCOSTO.

[...]

NÃO SE USAVA QUADRO-NEGRO.
AS CONTAS SE FAZIAM
EM PEQUENAS LOUSAS
INDIVIDUAIS.

CORA CORALINA.
A ESCOLA DA MESTRA SILVINA.
POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E
ESTÓRIAS MAIS. SÃO PAULO: GLOBAL,
1993. P. 75.

MESTRA:
PROFESSORA.



30 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

Os textos apresentados no livro do aluno são depoimentos. Apresente aos alunos um texto ficcional sobre a escola, extraído do livro *Pippi Meialonga*.

Leia o texto com os alunos e, em seguida, faça as perguntas a seguir.

Tom e Aninha tinham avisado a professora que a escola ia ganhar uma nova aluna chamada Píppi Meialonga. [...] E como era uma professora muito legal e muito competente, tinha resolvido fazer tudo o que pudesse para que Píppi gostasse da escola. Sem que ninguém a convidasse, Píppi se instalou numa carteira vazia, mas a professora não deu a mínima [...]. Simplesmente falou, com voz muito amistosa: — Bem-vinda à escola, pequena Píppi. Espero que você goste, e que aprenda uma porção de coisas. — É, e eu espero entrar em férias de Natal — disse Píppi. — Foi por isso que resolvi vir à escola. [...]

Atividade 1

Incentive os alunos a tentar escrever as palavras. Exemplos: colegas, amigos, professora, diretora, recreio, o nome de um amigo da turma, etc. Trabalho conjunto com Língua Portuguesa.

CAETANO DE CAMPOS

EM 1964 TINHA EU MEUS SEIS ANOS DE IDADE E ACABADO DE INGRESSAR NO PRIMEIRO ANO DO CAETANO DE CAMPOS. EU QUE VINHA DE UM EXTERNATO DE BAIRRO EM PINHEIROS, COM POUCOS ALUNOS, ONDE BRINCÁVAMOS DE PEGAR TATU-BOLA NUM CANTEIRO DURANTE OS RECREIOS E A PROFESSORA, DONA ISAURA, ERA TAMBÉM DIRETORA E RECEPCIONISTA. ERA ELA QUEM RECEBIA AS CRIANÇAS QUE CHEGAVAM NAS MÃOS DE SEU PAIS. O CAETANO, COMO NÓS ALUNOS O TRATÁVAMOS NA INTIMIDADE, ERA UM SONHO. PRÉDIO IMPONENTE DE TRÊS ANDARES, COM FACHADA AMPLA PARECENDO UM TEMPLO GREGO, COM COLUNAS, PAREDES ALVAS IMITANDO MÁRMORE E JANELAS ALTAS, BEM NO CORAÇÃO DA CIDADE, CERCADA POR ALGUNS MARCOS ARQUITETÔNICOS, CARTÕES POSTAIS, ATÉ HOJE.

LUIZ FONSECA BATISTA. ESCOLA. MUSEU DA PESSOA. DISPONÍVEL EM: <www.museudapessoa.net/pt/conteudo/historia/escola-40262>. ACESSO EM: 17 OUT. 2017.



1 DO QUE VOCÊ MAIS GOSTA EM SUA ESCOLA?

Resposta pessoal.

» CAPÍTULO 2 31

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

— Mas agora a gente pode conversar um pouco e ver quais são seus conhecimentos — continuou. [...] Você sabe me dizer quanto é sete mais cinco? Pippi olhou muito impressionada para a professora. Depois respondeu: — Bom, se você mesma não sabe, não fique achando que vou lhe dizer! [...]. A professora explicou a ela que não era assim que se respondia na escola. — Então me desculpe! — disse Pippi, séria. — Eu não sabia. Não vou fazer mais isso [...]

LINDGREEN, Astrid. *Pippi Meialonga*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.

Troque ideias sobre o texto com os alunos:

- Por que Pippi resolveu ir para a escola?
Resposta esperada: Para poder entrar em férias de Natal.
- E vocês, por que vêm para a escola?
Respostas esperadas: Para aprender, para conhecer amigos, para conviver com pessoas diferentes, etc.
- O que vocês acham do comportamento de Pippi?
Resposta pessoal.

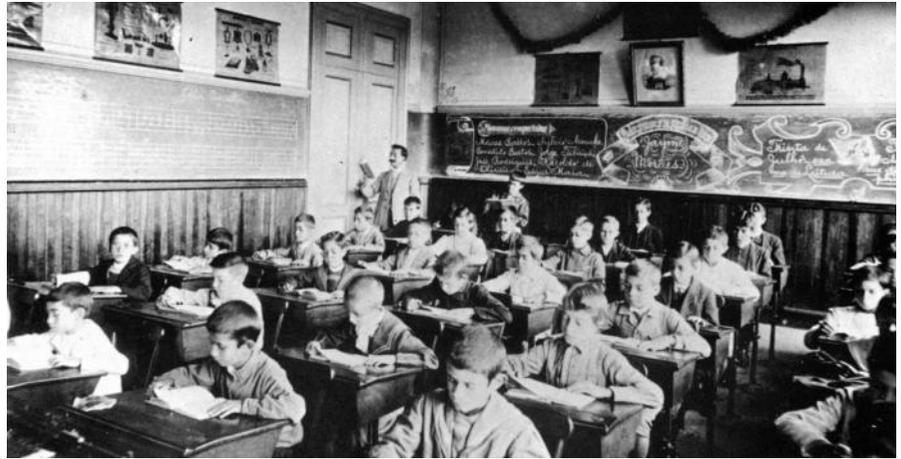
Aproveite para discutir sobre comportamento e respeito na sala de aula.

Atividade 2

Oriente os alunos na análise das fotos. “O que elas mostram?”; “Como são os móveis?”; “Os alunos usam uniformes?”; “Há meninos e meninas na sala?”; “Quais são os objetos escolares?”; etc. Chame a atenção para o fato de que antigamente as classes não eram mistas. Além disso, ressalte a própria característica da foto antiga – em preto e branco e menos nítida, em razão do tipo de tecnologia disponível na época.

- Os alunos podem comparar os móveis; a classe só de meninos na primeira foto e a classe mista na segunda.
- Os alunos poderão dizer que a sala de aula deles não se parece com nenhuma das apresentadas e descrevê-la. Trabalhe com a turma a possibilidade de existirem outros tipos de escola no Brasil. Comente com eles que, de todas as mudanças ocorridas nas escolas, a mais importante foi a democratização do ensino no país, que há décadas era privilégio de uma elite social.

- 2** OBSERVE ESTAS FOTOS DE ESCOLAS EM DIFERENTES ÉPOCAS. ENTÃO, RESPONDA ÀS PERGUNTAS QUE SE SEGUEM.



➤ SALA DE AULA DA ESCOLA CAETANO DE CAMPOS, EM SÃO PAULO, NO ESTADO DE SÃO PAULO, HÁ CERCA DE CEM ANOS.



➤ SALA DE AULA NA ESCOLA DO POVOADO DE VARGEM FUNDA, EM SANTA LUZ, NO ESTADO DA BAHIA, 2014.

- QUE DIFERENÇAS VOCÊ VÊ ENTRE ESSAS SALAS DE AULA?
Resposta pessoal.
- QUAIS SÃO AS SEMELHANÇAS? Todas as crianças estão na escola, estudando com os colegas, sob a orientação do professor.
- A CLASSE EM QUE VOCÊ ESTUDA SE PARECE COM QUAL DAS DUAS SALAS DE AULA? Resposta pessoal.

32 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

As diversas fontes históricas, documentos escritos, fotografias, objetos e outros são base para o ensino de História. Elas servem não apenas como ferramentas para o ofício do historiador, mas têm também função pedagógica. O trecho a seguir, escrito pelo historiador Lucien Febvre no livro *Combates pela História*, aponta a possibilidade de investigar por meio de outras fontes históricas, além dos já amplamente utilizados documentos escritos.

A História faz-se com documentos escritos, sem dúvida, quando eles existem; mas ela pode fazer-se sem documentos escritos, se não os houver. Com tudo o que o engenho do historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu mel, à falta das flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas. Com formas de cultivo e ervas daninhas. Com eclipses da Lua e cangas de bois. Com exames de pedras por geólogos e análises de espadas de metal por químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve ao homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.

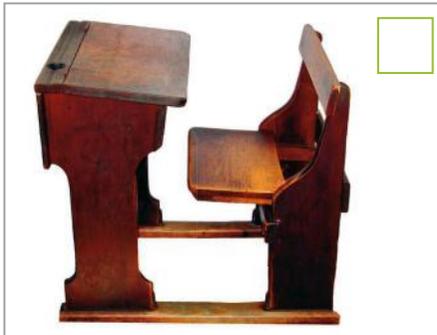
FEBVRE, Lucien. Profissões de fé à hora da partida. In: *Combates pela História*. Lisboa: Presença, 1985. p. 249.

OS MATERIAIS ESCOLARES TAMBÉM MUDARAM COM O PASSAR DO TEMPO.



▶ TABLET.

AS IMAGENS NÃO ESTÃO REPRESENTADAS EM PROPORÇÃO



▶ CARTEIRA ESCOLAR ANTIGA.



▶ CANETA BICO DE PENA.



▶ CARTEIRA ESCOLAR ATUAL.



▶ LOUSA, GIZ E APAGADOR.

▶ **CANETA BICO DE PENA:**
CANETA QUE POSSUI UMA PONTA DE METAL QUE, DEPOIS DE SER MERGULHADA NO TINTEIRO, FAZ A TINTA ESCORRER PARA O PAPEL.

- 1 PINTE DE **AMARELO** O QUADRINHO DOS OBJETOS USADOS SOMENTE NO PASSADO. *Caneta bico de pena; carteira escolar antiga.*
- 2 PINTE DE **ROXO** O QUADRINHO DOS OBJETOS USADOS ATUALMENTE. *Tablet; carteira escolar atual.*
- 3 PINTE DE **VERMELHO** O QUADRINHO DOS OBJETOS USADOS TANTO NO PASSADO QUANTO ATUALMENTE. *Lousa, giz e apagador.*

A BNCC nas páginas 33 a 35

A páginas que se seguem trabalham com o reconhecimento dos objetos da escola de antigamente e da escola moderna, abordando os conceitos de permanências e mudanças nas escolas, além do reconhecimento da própria realidade escolar, apoiando-se na organização espacial e na história de sua escola, desenvolvendo, assim, as habilidades **EF01HI03**, **EF01HI04** e **EF01HI06**.

Orientações didáticas

Trabalhe com os alunos as diferenças e as desigualdades entre as escolas brasileiras de hoje: algumas bem equipadas, outras com o mínimo essencial.

Incentive os alunos a comparar os objetos usados nas escolas do passado com os do presente fazendo a seguinte pergunta: "Eles continuam iguais?". Em alguns casos, há modelos mais novos de objetos que continuam sendo usados.

O giz, a lousa e o apagador podem ser considerados antigos ou atuais, de acordo com o contexto e os recursos de que a escola dispõe atualmente. Diga também que a caneta bico de pena é usada ainda hoje por algumas pessoas.

Atividade 5

Propicie um encontro dos alunos com o diretor da escola ou com algum funcionário da administração que possa fornecer dados para o preenchimento da ficha.

Desafio

Explique aos alunos que no Brasil, há cem anos, muitas crianças não podiam ir à escola. Elas precisavam trabalhar para ajudar no sustento da casa. Além disso, não havia escola para todas. Explique também, usando exemplos, o que significa esse período de duração de tempo de cem anos. Em nossos dias, frequentar a escola até a conclusão do Ensino Médio é obrigatório mas, ainda assim, muitas crianças e jovens abandonam a escola para trabalhar. Promova o debate em classe; essa questão é um desafio para os alunos nessa faixa etária. Auxilie-os a buscar uma resposta, sensibilizando-os para o tema.

4 LEIA AS PALAVRAS ABAIXO. PINTE DE **VERDE** O QUADRINHO REFERENTE AO QUE EXISTE EM SUA ESCOLA. *Resposta pessoal.*

LÁPIS

BORRACHA

CANETA BICO DE PENA

LOUSA

LÁPIS DE COR

APARELHO DE DVD

COMPUTADOR

RETROPROJETOR

CARTEIRA INDIVIDUAL

TABLET

5 CAMINHE PELA ESCOLA COM O PROFESSOR PARA CONHECÊ-LA MELHOR. VISITE A CANTINA, O PÁTIO, A SECRETARIA, A DIRETORIA, A BIBLIOTECA E OUTRAS DEPENDÊNCIAS. COM A AJUDA DO PROFESSOR, ESCREVA AS SEGUINTE INFORMAÇÕES SOBRE A SUA ESCOLA:

● NOME DA ESCOLA: _____

● NOME DO SEU PROFESSOR: _____

● QUANTOS ALUNOS ESTUDAM NELA: _____

DESAFIO

ATÉ HOJE HÁ CRIANÇAS QUE DEIXAM DE IR À ESCOLA PORQUE PRECISAM TRABALHAR.



TROQUE IDEIAS COM O PROFESSOR E COM SEUS COLEGAS: O QUE É PRECISO FAZER PARA QUE TODAS AS CRIANÇAS POSSAM FREQUENTAR A ESCOLA? *Resposta pessoal.*

6 COMPLETE COM AS SÍLABAS DO QUADRO ABAIXO AS PALAVRAS QUE INDICAM ALGUMAS DEPENDÊNCIAS DE ESCOLA.

SE	DIR	BA	BI	PÁ	LA
QUA	LAN	JAR	RE	CO	SA

Dir__ETORIA Ba__NHEIRO Qua__DRA DE ESPORTES

Se__CRETARIA Co__ZINHA Re__FEITÓRIO

Pá__TIO Jar__DIM La__BORATÓRIO

Bi__BLIOTECA Lan__CHONETE Sa__LA DE AULA

7 CIRCULE AS DEPENDÊNCIAS QUE SUA ESCOLA POSSUI. *Resposta pessoal.*

PESQUISE

ENTREVISTE UMA PESSOA IDOSA QUE VOCÊ CONHEÇA PARA SABER COMO ERA A ESCOLA ONDE ELA ESTUDAVA QUANDO CRIANÇA. SIGA ESTE ROTEIRO DE PERGUNTAS. ANOTE AS RESPOSTAS EM UMA FOLHA AVULSA:

- COMO ERA O PRÉDIO DA ESCOLA?
- COMO ERA A SALA DE AULA?
- COMO ERAM OS MÓVEIS DA SALA DE AULA?
- COMO ERA O UNIFORME ESCOLAR?
- O QUE O(A) SENHOR(A) USAVA PARA ESCREVER?
- HAVIA CASTIGOS EM SUA ESCOLA?
- O(A) SENHOR(A) CONHECIA CRIANÇAS QUE NÃO IAM À ESCOLA?

LEIA PARA OS COLEGAS AS INFORMAÇÕES QUE VOCÊ CONSEGUIU NA ENTREVISTA.

Atividade 6

Se na região em que você mora os termos usuais forem diferentes dos utilizados aqui, substitua-os oralmente.

Pesquisa

Oriente os alunos a registrar as respostas com palavras ou pequenas frases. Exemplo: para a primeira questão, podem responder "Era um prédio grande." ou responder, apenas, "Grande.". Organize a apresentação dos alunos de forma que todos possam se expressar, trabalhando assim o letramento e a linguagem oral.

Objetivo da seção Tecendo saberes

O objetivo desta seção é estudar temas relacionados aos conteúdos abordados na unidade por meio de relações interdisciplinares. Ao “tecer saberes”, espera-se que os alunos se conscientizem de que as áreas de conhecimento estão em frequente contato e diálogo. Assim, espera-se que desenvolvam a análise de fenômenos recorrendo a conceitos e procedimentos de mais de uma disciplina.

A BNCC nas páginas 36 e 37

Ao trabalhar as diversas profissões existentes na comunidade escolar e como elas colaboram para a realização das festas juninas, os alunos poderão desenvolver as habilidades **EF01HI03** e **EF01HI08**. A seção apresenta a participação das pessoas em um contexto de festa escolar.

Atividade 1

Explique aos alunos que determinadas datas são celebradas na escola por serem uma expressão do patrimônio cultural do país, fortalecendo, dessa forma, o aprendizado e estimulando o sentimento de pertencimento nos alunos. A celebração de uma data deve ter sempre uma função educativa.

Trabalho conjunto com Matemática, Língua Portuguesa e Arte.

TECENDO SABERES

MUITAS PESSOAS AJUDAM PARA QUE AS FESTAS NA ESCOLA SEJAM REALIZADAS: ALUNOS, PAIS, PROFESSORES, FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA E OUTRAS PESSOAS DA COMUNIDADE.

AS **FESTAS JUNINAS** GERALMENTE SÃO AS FESTAS MAIS POPULARES ENTRE OS ALUNOS.

1 LEIA O TEXTO:

VÍTOR, SARA, ANDRÉ E CAMILA FIZERAM BANDEIRINHAS PARA DECORAR A FESTA JUNINA DA ESCOLA ONDE ESTUDAM.

VÍTOR FEZ  BANDEIRINHAS.

SARA FEZ  BANDEIRINHAS.

ANDRÉ FEZ  BANDEIRINHAS.

CAMILA FEZ  BANDEIRINHAS.

A) QUANTAS BANDEIRINHAS CADA CRIANÇA FEZ? ESCREVA O NÚMERO DELAS DENTRO DO QUADRINHO:

VÍTOR

ANDRÉ

SARA

CAMILA

B) NO TOTAL, QUANTAS BANDEIRINHAS AS CRIANÇAS FIZERAM?

C) QUEM FEZ MENOS BANDEIRINHAS?

Sara (3).

D) QUEM FEZ MAIS BANDEIRINHAS?

Camila (6).

36

UNIDADE 1 »

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

VOCÊ E SEUS COLEGAS TAMBÉM PODEM AJUDAR QUANDO FOR REALIZADA A FESTA JUNINA DA SUA ESCOLA.

- 2 AJUDE A ORGANIZAR AS LISTAS DE BRINCADEIRAS, DE DOCES E DE SALGADOS DA FESTA USANDO AS PALAVRAS DO QUADRO ABAIXO.

PIPOCA, MILHO-VERDE, CADEIA, CACHORRO-QUENTE, TOMBA-LATA, BOLO DE MILHO, CANJICA, PASTEL, QUADRILHA, ARGOLA, BOLO DE FUBÁ, PESCARIA, PAÇOÇA, PÉ DE MOLEQUE

SALGADOS: Pipoca, milho-verde, cachorro-quente e pastel.

DOCES: Bolo de milho, canjica, bolo de fubá, paçoça e pé de moleque.

BRINCADEIRAS: Cadeia, tomba-lata, quadrilha, argola e pescaria.

- 3 VAMOS BRINCAR DE PASSA-CHAPÉU? PRIMEIRO VOCÊ PRECISA CONHECER AS REGRAS DA BRINCADEIRA. PARA APRENDÊ-LAS, COMPLETE O TEXTO COM AS PALAVRAS CORRESPONDENTES ÀS ILUSTRAÇÕES.

TODOS OS  alunos DEVEM SENTAR NO CHÃO OU

FICAR  em pé EM UMA  roda.

O PROFESSOR COLOCA A  música DE FESTA JUNINA PARA TOCAR.

O  chapéu VAI PASSANDO DE  mão EM  mão.

QUANDO A MÚSICA PARAR, QUEM ESTIVER COM O  chapéu DEVE SAIR DA BRINCADEIRA.

VENCE O  aluno QUE NO FINAL DA BRINCADEIRA NÃO FOR PEGO COM O CHAPÉU NA  mão.

AGORA QUE VOCÊ E SEUS COLEGAS JÁ SABEM AS REGRAS, PODEM BRINCAR!

Ilustrações: Vitoria Mendonça/Arquivo da editora

Orientações didáticas

O principal objetivo das festas na escola é, promovendo o aprendizado dos alunos, desenvolver neles a capacidade de cooperação e participação e integrar escola, famílias e comunidade, além de propiciar divertimento, pelo seu caráter lúdico e prazeroso.

Elas podem ser trabalhadas como projetos integradores de várias disciplinas. Cabe à escola e aos seus educadores escolher as datas mais representativas para serem comemoradas, levando sempre em conta a pluralidade cultural e religiosa do país e atendendo às habilidades e objetos de estudo da BNCC.

As festas populares devem ser apresentadas aos alunos no âmbito social e cultural, valorizando a sua importância para a manutenção de hábitos e tradições, dentro de uma sociedade ameaçada de perdê-los.

Atividade 2

Esta atividade, ao mesmo tempo que é prazerosa, auxilia os alunos a exercitar as habilidades de leitura, interpretação, seleção e organização.

Atividade 3

Para a realização da brincadeira, providencie com antecedência os seguintes materiais: um chapéu de palha, CDs com canções de festa junina e um dispositivo para tocar os CDs. Antes de iniciar a atividade, escreva na lousa as palavras que nomeiam as ilustrações.

Objetivos das páginas 38 e 39

As páginas a seguir permitem fazer uma retrospectiva dos temas desenvolvidos na unidade e, para isso, trabalham as atividades de escrita e coleção de palavras de História em **Eu escrevo e aprendo**; e atividades de desenho em **Eu desenho e aprendo**.

Eu escrevo e aprendo

Objetivo: Sistematizar noções desenvolvidas na unidade usando a **linguagem escrita**.

Nesta atividade, deve-se trabalhar o que foi importante para os alunos em cada capítulo ou o que eles mais gostaram de aprender. Eles terão oportunidade de retomar, registrar e organizar o que foi estudado. Como esta é uma das atividades que fecham a unidade, é o momento ideal para os próprios alunos selecionarem as palavras que mais lhes chamaram a atenção durante o estudo. Assim, eles vão identificar os temas centrais de um texto e trabalhar a linguagem escrita.

As frases selecionadas estão nas páginas 12 e 25.

Minha coleção de palavras de História

Veja, na página XXII das Orientações gerais, como trabalhar a seção **Minha coleção de palavras de História** em sala de aula.

Alguns alunos podem ter dificuldade para realizar as atividades, pois as palavras trabalhadas são abstratas. Auxilie-os na tarefa, dando-lhes exemplos e explicações que os ajudem a compreender o significado da palavra e de que modo ela poderia ser representada.

A partir dessa conversa eles podem escolher uma ação para desenhar. Exemplos: mudar de roupa, apresentar uma situação de crescimento onde a mudança física é visível, desenhar uma família reunida ou diferentes pessoas convivendo no mesmo espaço, etc.

O QUE ESTUDAMOS

EU ESCREVO E APRENDO

- AS FRASES ABAIXO APARECEM NOS CAPÍTULOS DA UNIDADE 1. COPIE, EMBAIXO DE CADA UMA DELAS, UMA PALAVRA SOBRE O QUE VOCÊ MAIS GOSTOU DE APRENDER.

CAPÍTULO 1 – A MINHA VIDA DE CRIANÇA

PODEMOS REPARAR EM NOSSO CRESCIMENTO OBSERVANDO NOSSOS OBJETOS ANTIGOS. ELES TAMBÉM CONTAM PARTE DE NOSSA HISTÓRIA.

Resposta pessoal.

CAPÍTULO 2 – A FAMÍLIA E A ESCOLA

HOJE AS FAMÍLIAS TÊM, EM GERAL, POUCOS FILHOS. MAS ANTIGAMENTE AS FAMÍLIAS ERAM MUITO NUMEROSAS.

Resposta pessoal.

MINHA COLEÇÃO DE PALAVRAS DE HISTÓRIA

EM CADA CAPÍTULO DA UNIDADE HÁ UMA PALAVRA DESTACADA PARA A MINHA COLEÇÃO DE PALAVRAS DE HISTÓRIA. VOCÊ TAMBÉM FEZ ATIVIDADES COM ESSAS PALAVRAS PARA SABER COMO UTILIZÁ-LAS QUANDO PRECISAR ESCREVER UM PEQUENO TEXTO DE HISTÓRIA.

VEJA QUAIS SÃO ESSAS PALAVRAS NO QUADRO AO LADO.

- 1 O QUE VOCÊ APRENDEU COM ESSAS DUAS PALAVRAS? DISCUTA COM OS COLEGAS.
- 2 EM UM QUADRO NO SEU CADERNO, ESCREVA ESSAS DUAS PALAVRAS E DESENHE O SIGNIFICADO DE CADA UMA DELAS. O SIGNIFICADO DEVE ESTAR LIGADO AO QUE VOCÊ APRENDEU NO CAPÍTULO.

MUDANÇA,
PÁGINA 16.
CONVIVÊNCIA,
PÁGINA 25.

38

UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

EU DESENHO E APRENDO

- 1 OS DESENHOS ABAIXO REPRESENTAM ASSUNTOS IMPORTANTES ESTUDADOS EM CADA CAPÍTULO DA UNIDADE 1. OBSERVE-OS ATENTAMENTE.

CAPÍTULO 1 A MINHA VIDA DE CRIANÇA



CAPÍTULO 2 A FAMÍLIA E A ESCOLA

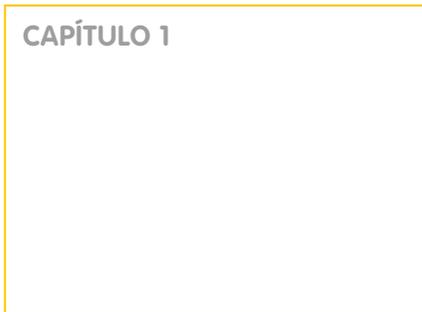


Ilustrações: Ilustr. Cartoon/Arquivo da editora

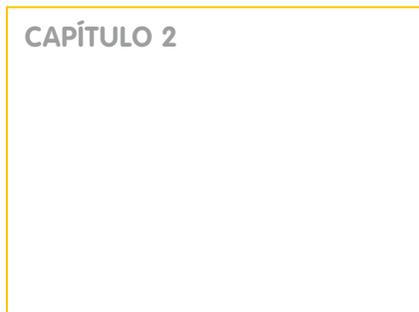


- 2 AGORA É A SUA VEZ! PARA CADA CAPÍTULO, FAÇA UM DESENHO DO QUE VOCÊ MAIS GOSTOU OU ACHOU IMPORTANTE ESTUDAR NESTA UNIDADE DO LIVRO. SE PREFERIR, FAÇA UMA COLAGEM.

CAPÍTULO 1



CAPÍTULO 2



Eu desenho e aprendo

Objetivo: Sistematizar noções desenvolvidas na unidade utilizando a **linguagem gráfica**.

Incentive os alunos a usar a criatividade e a construir uma vinheta conclusiva. Lembre-se de que as representações gráficas são muito importantes para as crianças, pois permitem manifestações e estruturas do pensamento de forma mais lúdica e natural.

Objetivos das páginas 40 e 41

As páginas a seguir permitem fazer uma retrospectiva dos temas desenvolvidos na unidade e, para isso, promovem a leitura e a síntese em **Hora de organizar o que estudamos** e **Sugestões de leitura** e autoavaliação em **Para você refletir e conversar**.

Com estas páginas, pretende-se avaliar o progresso pessoal dos alunos e o processo coletivo de ensino-aprendizagem. Essa avaliação tem como objetivos:

- permitir a intervenção do professor para auxiliar os alunos em suas características individuais;
- determinar o grau de obtenção de resultados de acordo com os objetivos estabelecidos e as habilidades a serem atingidas.

Trabalha-se aqui a avaliação somatória, através da medição dos resultados da aprendizagem, observando se as habilidades e os objetivos estabelecidos foram atingidos ou não.

Leia mais sobre o tema avaliação na página XIII das Orientações gerais.

HORA DE ORGANIZAR O QUE ESTUDAMOS

- NÓS MUDAMOS MUITO COM O TEMPO E PODEMOS PERCEBER ISSO NAS MUDANÇAS DO NOSSO CORPO.
- OBJETOS ANTIGOS PODEM CONTAR PARTES DA NOSSA HISTÓRIA.
- AS NOSSAS LEMBRANÇAS ESTÃO LIGADAS ÀS LEMBRANÇAS DE NOSSA FAMÍLIA.
- AS FAMÍLIAS SÃO MUITO DIFERENTES ENTRE SI E, HOJE EM DIA, SÃO DIFERENTES DAS FAMÍLIAS DE ANTIGAMENTE.
- AS FAMÍLIAS TAMBÉM TÊM REGRAS. É IMPORTANTE OBEDECER A ELAS E COLABORAR COM AS TAREFAS DE CASA.



MAURICIO DE SOUSA. O ESTADO DE S. PAULO. SÃO PAULO, 29 ABR. 2014.

- A ESCOLA TAMBÉM MUDOU COM O PASSAR DO TEMPO, ASSIM COMO OS MATERIAIS ESCOLARES.
- HÁ MUITAS FESTAS QUE PODEMOS COMEMORAR COM A FAMÍLIA OU NA ESCOLA.



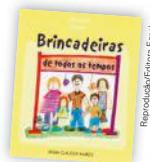
▶ SALA DE AULA DA ESCOLA CAETANO DE CAMPOS, EM SÃO PAULO, NO ESTADO DE SÃO PAULO, HÁ CERCA DE CEM ANOS.

SUGESTÕES DE...

LIVROS

BRINCADEIRAS DE TODOS OS TEMPOS. ANNA CLAUDIA RAMOS, ESCALA EDUCACIONAL.

O QUE PODE ACONTECER QUANDO CRIANÇAS E SEUS AVÓS SE REÚNEM PARA BRINCAR? O LIVRO FALA SOBRE BRINCADEIRAS ANTIGAS E ATUAIS, PARA GENTE DE TODAS AS ÉPOCAS E IDADES.



Reprodução/Editora Escala

O CABELO DE CORA. ANA ZARCO CÂMARA, PALLAS EDITORA.

CORA ADORA IR À ESCOLA E TEM MUITO ORGULHO DE SEUS CABELOS. ELES SÃO CRESPOS, IGUAZINHOS AOS DE SUA TIA E DE SUA AVÓ. COM CORA, APRENDEMOS QUE TODOS SOMOS DIFERENTES E QUE ISSO É DIVERTIDO.



Reprodução/Pallas

AS AVENTURAS DA PROFESSORA MALUQUINHA EM QUADRINHOS. ZIRALDO, EDITORA GLOBO.

NA ESCOLA, TODOS OS ALUNOS GOSTAM MUITO DA PROFESSORA CATARINA. POR CAUSA DELA, AS CRIANÇAS ATÉ DIZEM QUE QUEREM SE TORNAR PROFESSORES QUANDO CRESCEREM!



Reprodução/Editora Globo

A BISA FALA CADA COISA! CARMEN LUCIA CAMPOS, PANDA BOOKS.

UMA MENINA MUITO CURIOSA CONVIVE COM SUA BISAVÓ E PERCEBE QUE ELA USA TERMOS E DITADOS MUITO DIFERENTES. A GAROTA FICA ENCANTADA E PROCURA DESCOBRIR O SIGNIFICADO DELES.

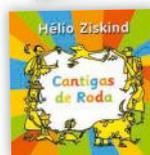


Reprodução/Panda Books

MÚSICA

CANTIGAS DE RODA. HÉLIO ZISKIND, MC MUSIC.

NESSE ÁLBUM, O ARTISTA HÉLIO ZISKIND REÚNE MUITAS CANTIGAS DE RODA INFANTIS, ANTIGAS E ATUAIS, PARA QUE AS CRIANÇAS DE HOJE POSSAM TER CONTATO COM ESSA VALIOSA PARTE DA CULTURA BRASILEIRA.



Reprodução/Mc Music

PARA VOCÊ REFLETIR E CONVERSAR

- DE QUAL ASSUNTO VOCÊ GOSTOU MAIS NESTA UNIDADE?
- VOCÊ TEVE DIFICULDADE PARA ENTENDER ALGUMA ATIVIDADE OU ALGUMA EXPLICAÇÃO?
- ESCOLHA A IMAGEM DE QUE VOCÊ MAIS GOSTOU NESTA UNIDADE. CONTE AOS COLEGAS O MOTIVO DE SUA ESCOLHA.

Respostas pessoais.

» O QUE ESTUDAMOS

41

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestões de... (PARA O ALUNO)

O trem da história. Kátia Canton. Companhia das Letrinhas, 2003.

Malala: a menina que queria ir para a escola. Adriana Carranca. Companhia das Letrinhas, 2015.

É tudo família! Alexandra Maxeiner; Anke Kuhl. L&PM Editores.

Quando eu era pequena. Adélia Prado. Record, 2013.

Indicações de leitura para o professor

- MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, v. 23, n. 45, jul. 2003.

Neste artigo, o autor explora a produção historiográfica das últimas décadas sobre o uso de imagens como fontes históricas.

- ZAMBONI, Ernesta et al. (Org.). *Memórias e histórias da escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

Nos últimos anos, pesquisadores de educação destacaram a importância da trajetória escolar do professor durante a infância e a juventude para o seu desempenho em sala de aula.

Objetivos da unidade

1. Conscientizar sobre os vínculos pessoais, sobre as formas de convívio social e as relações de amizade.
2. Estimular nos alunos o respeito às diferenças entre as pessoas e os grupos sociais como base para a construção do papel de cidadãos na sociedade em que vivem.
3. Descrever e distinguir as diferentes regras e hábitos de convívio, bem como a responsabilidade de cada um pela boa convivência.
4. Incentivar a participação dos alunos em jogos com regras e a aproximação deles dos primeiros conhecimentos, valores e práticas sociais constituídos de nossa cultura.



Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.



- COM QUEM VOCÊ MAIS GOSTA DE CONVIVER? **Resposta pessoal.**
- VOCÊ CONHECE ALGUMA REGRA DE SUA CASA OU DE SUA ESCOLA? **Resposta pessoal.**
- VOCÊ GOSTA DE BRINCAR COM SEUS COLEGAS? **Resposta pessoal.**

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Comentário para a abertura de unidade

Na unidade 2, os alunos são incentivados a compreender as relações de seu eu com seus grupos de convivência.

Trabalha-se a noção de que os seres humanos são diferentes, mas que a boa convivência entre todos é possível e fundamental para a vida em sociedade. São abordados alguns hábitos e regras que favorecem a boa convivência entre as pessoas, bem como jogos e brincadeiras que favorecem essa prática.

Trabalha-se ainda a discrepância entre o tempo de lazer que é considerado ideal para o bom desenvolvimento de uma criança e a realidade de muitas delas que, apesar da proibição por lei, são exploradas como força de trabalho.

A ilustração da abertura desta unidade retrata a mesma criança da abertura da unidade 1, anteriormente apresentada em seu mundo pessoal, agora inserida em um de seus grupos de convivência, interagindo com pessoas com as quais realiza atividades diárias. As questões visam à sensibilização dos alunos: para a criança entender e respeitar o outro, ela precisa primeiramente conhecer a si mesma. Dessa maneira, pode-se verificar pelas atividades propostas se os alunos já conseguem identificar seus grupos de convivência, se já entendem que há regras para o bom convívio e como se sentem inseridos nesses meios.

Objetivos do capítulo

1. Identificar nos colegas de classe outros sujeitos, com histórias pessoais próprias.
2. Reconhecer e valorizar as diferenças, o encontro e as trocas de experiências com os colegas.
3. Distinguir e descrever os papéis de responsabilidade perante os grupos de convivência e identificar diferentes regras e hábitos de convívio em casa e na escola.

Para iniciar

Oriente os alunos a observar nos personagens da ilustração as características descritas em cada estrofe do poema. Pode-se trabalhar oralmente a noção de contrário usando as palavras do poema.

Aproveite a atividade 2 para trabalhar possíveis situações de *bullying* existentes na sala decorrentes de diferenças físicas, emocionais e sociais entre os alunos.

O *bullying* é um comportamento agressivo entre pessoas, que, embora possa acontecer em qualquer fase da vida, ocorre principalmente na infância e na adolescência. Na escola, manifesta-se por comportamentos de agressão física, verbal e psicológica (por exemplo, desprezo, exclusão em trabalhos de grupo, chacotas) de um ou mais alunos contra um único aluno ou um grupo. Esse tipo de comportamento, além de colocar em risco a segurança e a integridade física e mental, interfere nos processos de ensino-aprendizagem e de sociabilidade das vítimas.

CAPÍTULO 3

A BOA CONVIVÊNCIA

PARA TER AMIGOS E CONVIVER BEM COM NOSSA FAMÍLIA E COM OS COLEGAS DA ESCOLA, PRECISAMOS ACEITAR E RESPEITAR AS PESSOAS COMO ELAS SÃO.

LEIA O POEMA COM O PROFESSOR E TROQUE IDEIAS COM SEUS COLEGAS.

DIVERSIDADE

UM É MAGRELO
OUTRO É GORDINHO
UM É CASTANHO
OUTRO É RUIVINHO

[...]
DE PELE CLARA
DE PELE ESCURA
UM, FALA BRANDA
O OUTRO, DURA

OLHO REDONDO
OLHO PUXADO [...]
BEM DIFERENTE [...]
TODOS SÃO GENTE.

TATIANA BELINKY.
DIVERSIDADE. SÃO PAULO:
QUINTETO EDITORIAL, 1999.
P. 6, 22, 24, 32.



RUIVO:
QUE TEM CABELO AVERMELHADO.

PARA INICIAR

1. QUAIS SÃO AS DIFERENÇAS ENTRE AS PESSOAS DO POEMA?
Há diferenças de constituição corporal, cor de cabelo, formato dos olhos e voz.
2. VOCÊ RESPEITA OS SEUS COLEGAS DE ESCOLA? Resposta pessoal.

44 UNIDADE 2

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Objetos de conhecimento	Habilidades
As diferentes formas de organização da família e da comunidade: os vínculos pessoais e as relações de amizade.	BNCC EF01HI03 Descrever e distinguir os seus papéis e responsabilidades relacionados à família, à escola e à comunidade.
A escola e a diversidade do grupo social envolvido.	BNCC EF01HI04 Identificar as diferenças entre os variados ambientes em que vive (doméstico, escolar e da comunidade), reconhecendo as especificidades dos hábitos e das regras que os regem.
A vida em família: diferentes configurações e vínculos.	BNCC EF01HI06 Conhecer as histórias da família e da escola e identificar o papel desempenhado por diferentes sujeitos em diferentes espaços.

➤ NORMAL É SER DIFERENTE

COMO TODAS AS PESSOAS, AS CRIANÇAS SÃO DIFERENTES ENTRE SI E DEVEM SER RESPEITADAS. O RESPEITO FAZ PARTE DA BOA CONVIVÊNCIA.

1 ENCONTRE E CIRCULE NO DIAGRAMA AS PALAVRAS DESTACADAS ABAIXO.

RESPEITO	A	F	B	T	R	A	J	U	D	A	D	W	H	K
	T	T	O	L	E	R	Â	N	C	I	A	O	J	C
AJUDA	K	M	H	F	G	S	V	A	M	I	Z	A	D	E
	B	U	Q	C	L	K	I	C	A	M	R	J	M	D
AMIZADE	C	N	B	R	E	S	P	E	I	T	O	X	Q	A
	C	B	O	P	V	R	F	D	J	U	Q	T	R	I
TOLERÂNCIA	S	T	Y	I	H	B	Z	A	T	C	V	M	P	B

2 APROVEITE AS LETRAS DA PALAVRA **IGUAIS** PARA ESCREVER OUTRAS PALAVRAS QUE MOSTREM RESPEITO AOS OUTROS. SIGA O EXEMPLO:

AJUDA RESPEITO AMOR IGUALDADE ACEITAÇÃO

P	A	C	I	Ê	N	C	I	A						
		I	G	U	A	L	D	A	D	E				
	A	J	U	D	A									
			A	M	O	R								
A	C	E	I	T	A	Ç	Ã	O						
	R	E	S	P	E	I	T	O						

A BNCC na página 45

Nesta página os alunos são levados a reconhecer a importância do respeito à família, aos amigos e aos colegas de escola para obter uma boa convivência nos seus grupos sociais. Também aprendem que o respeito às diferenças é fundamental para a harmonia na vida em comunidade. Isso atende às habilidades **EF01HI03** e **EF01HI04** da BNCC.

Atividades 1 e 2

As atividades desta página, além dos aspectos lúdicos, têm o objetivo de auxiliar os alunos a reconhecer as diferenças entre as pessoas, aceitá-las e respeitá-las, pois esse é um aspecto fundamental da formação ética dos alunos e dos futuros cidadãos. Para realizar este trabalho, se houver a possibilidade, recomendamos ouvir com a turma a história "Romeu e Julieta", de Ruth Rocha, disponível no link: <www.youtube.com/watch?v=28G4v-6hk9c&list=PLiqdcLSB5qJk9Ku-ii_MWASzQXzzTVmwY> e com eles cantar a canção "Ninguém é igual a ninguém", de Milton Karam, disponível no link: <www.youtube.com/watch?v=JCiat8biDFM>. Acesso em: 19 out. 2017.

Texto complementar

O professor deve exercer um papel fundamental na detecção de casos de *bullying* e na busca de solução para o problema.

Com o avanço na produção científica específica, o conhecimento sobre o *bullying* foi aumentando e sofisticando-se. Com isso, novas práticas e posicionamentos em relação a ele têm surgido. Atualmente, por exemplo, considera-se que sempre existem três categorias de participantes envolvidas na sua prática: vítimas, agressores e observadores. Ele é, ainda, classificado como direto ou indireto. As mani-

festações diretas acontecem na presença da vítima e envolvem agressões físicas, verbais, roubos ou ataques a bens pessoais e outras humilhações. As manifestações indiretas, por sua vez, geralmente ocorrem quando a vítima está ausente e envolvem ações como fazer fofoca, espalhar boatos ou difamações, cujo objetivo principal é prejudicar a posição social da vítima no grupo de pares, com vistas a desprestigiá-la, provocando seu isolamento social. [...].

SILVA, Jorge Luiz et alii. *Bullying* na sala de aula: percepção e intervenção de professores. *Arquivos brasileiros de psicologia*, n. 1, v. 65, 2013. Disponível em: <<http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/790/749>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

A BNCC nas páginas 46 e 47

Nessas páginas, os vínculos pessoais dos alunos são abordados por meio do trabalho com as relações de amizade e o respeito às diferenças entre os alunos da escola, abordando a habilidade **EF01HI03** da BNCC. A escola é apresentada como um dos grupos de convivência dos alunos com grande diversidade social, desenvolvendo a habilidade **EF01HI04** da BNCC. O texto citado permite trabalhar a identificação do papel desempenhado por diferentes sujeitos em diferentes espaços, um trabalho com a habilidade **EF01HI06** da BNCC.

Orientações didáticas

As atividades desta dupla de páginas são uma boa ocasião para os alunos ampliarem as experiências já adquiridas em casa e em seu meio social, estabelecendo contato com outros costumes, hábitos e expressões culturais e aprendendo a respeitá-los.

Pode-se também aproveitar a oportunidade para fazer um jogral com os alunos, caso eles já consigam ler pequenos textos com alguma fluência.

Atividade 1

Leia o poema com os alunos e ajude-os a identificar cada bloco de texto (estrofe) para realizarem as atividades da página seguinte. Verifique se eles entenderam o tema central do poema (respeito às diferenças) e o que é dito em cada um dos blocos: (1) o respeito às diferenças na escola; (2) o respeito às características físicas e à classe social de cada um; (3) o respeito às diferentes origens de cada um; (4) a importância de desconstruir os preconceitos.

SOMOS IGUAIS OU DIFERENTES? COMO SÃO AS PESSOAS COM AS QUAIS VOCÊ CONVIVE?
LEIA O POEMA ABAIXO.

1 NUMERE DE 1 A 4 OS QUADRINHOS AO LADO DE CADA BLOCO DE TEXTO DO POEMA.



NA MINHA ESCOLA TODO MUNDO É IGUAL

1 LÁ NA MINHA ESCOLA NINGUÉM É DIFERENTE CADA UM TEM O SEU JEITO O QUE IMPORTA É IR PRA FRENTE

2 TEM CRIANÇA GORDA, MAGRA, ALTA, BAIXA, RICA E POBRE MAS TODAS SÃO IMPORTANTES COMO PRATA, OURO E COBRE.

3 TEM NORDESTINO, SULISTA, CARIOCA E MINEIRO, AMAZONENSE, GOIANO, TEM PAULISTA E **ESTRANGEIRO**

4 QUE BOM SE TODO MUNDO PUDESSE ENTENDER DIREITO QUE TUDO FICA MAIS FÁCIL SEM O TAL DO PRECONCEITO [...]

ROSSANA RAMOS. **NA MINHA ESCOLA TODO MUNDO É IGUAL.**
SÃO PAULO: CORTEZ, 2004. P. 4, 12, 15, 17.

46 UNIDADE 2 »

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

As crianças adquirem conhecimentos sobre a vida social através das práticas sociais exercidas diariamente. A escola propicia a ampliação das experiências de casa e de outros grupos sociais, estabelecendo novas e diferentes relações com outros costumes, hábitos e expressões. Para que isso aconteça, é preciso que se desenvolva um trabalho que ensine o aluno a respeitar as diferenças e a reconhecer as semelhanças entre as variadas culturas, incentivando a igualdade e não a discriminação.

O *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*: conhecimento de mundo indica para o desenvolvimento desse trabalho:

2 COPIE ABAIXO AS DUAS PRIMEIRAS LINHAS DO BLOCO 1.

"Lá na minha escola/ninguém é diferente."

3 COPIE AS PALAVRAS DO BLOCO 2 QUE MOSTRAM AS DIFERENÇAS ENTRE AS CRIANÇAS.

"Gorda" e "magra"; "alta" e "baixa"; "rica" e "pobre".

4 CONVERSE COM SEUS COLEGAS SOBRE O BLOCO 3 DO POEMA. JUNTOS, PROCUREM SABER SE VOCÊS CONHECEM PESSOAS QUE VIERAM DE OUTROS LUGARES, MAS QUE MORAM NA MESMA CIDADE QUE VOCÊS.
Resposta pessoal.

5 O BLOCO 4 FALA DE PRECONCEITO. TER PRECONCEITO É NÃO GOSTAR DO QUE NÃO SE CONHECE DIREITO OU DO QUE É DIFERENTE DE NÓS. FAÇA ABAIXO UM DESENHO COM UMA SITUAÇÃO EM QUE **NÃO** EXISTA PRECONCEITO.

Resposta pessoal.

» CAPÍTULO 3 47

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

- participação em atividades que envolvam histórias, brincadeiras, jogos e canções que digam respeito às tradições culturais de sua comunidade e de outras;
- conhecimento de modos de ser, viver e trabalhar de alguns grupos sociais do presente e do passado;
- identificação de alguns papéis sociais existentes em seus grupos de convívio, dentro e fora da instituição;
- valorização do patrimônio cultural do seu grupo social e interesse por conhecer diferentes formas de expressão cultural.

BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: conhecimento de mundo*. Brasília: MEC-SEF, 1998. p. 181-182.

Atividade 4

Auxilie os alunos nessa tarefa. Explique a eles que as pessoas podem se mudar de um lugar para outro e que isso é comum em nosso país. Com a ajuda de um mapa político do Brasil, mostre aos alunos os estados e as regiões dos quais são provenientes as pessoas referidas na estrofe do poema e as pessoas que eles conhecem e que vieram de outros lugares. Por exemplo: Goiás para "goiano", Nordeste para "nordestino", e assim por diante.

Atividade 5

Antes de os alunos desenvolverem esta atividade, trabalhe oralmente várias situações de preconceito e enfatize que elas não devem ser admitidas (exemplos: contra idosos, afrodescendentes, mulheres, pessoas com deficiência, etc.). Com base nesses exemplos, eles podem elaborar uma situação em que não há preconceito para compor o desenho proposto na atividade.

A BNCC nas páginas 48 e 49

Nestas páginas, ao se comparar com outras pessoas de seu grupo escolar, os alunos começam a identificar as diferenças entre as pessoas por meio de seus vínculos pessoais, contemplando os objetos de conhecimento relacionados à habilidade **EF01HI03** da BNCC. Esta dupla de páginas também permite a continuação do trabalho de identificação do papel desempenhado por diferentes sujeitos em diferentes espaços, contemplando a habilidade **EF01HI06** da BNCC.

Atividade 2

Pode-se iniciar aqui o trabalho sobre as regras e os hábitos necessários para a boa convivência nos diferentes grupos sociais dos quais os alunos fazem parte.

AGORA, VAMOS TRABALHAR COM O RESPEITO ÀS DIFERENÇAS ENTRE AS PESSOAS.

1 ESCREVA:

- A) DUAS PALAVRAS OU UMA FRASE SOBRE O QUE VOCÊ MAIS GOSTA EM SEUS AMIGOS.

Resposta pessoal.

- B) DUAS PALAVRAS OU UMA FRASE SOBRE COISAS DE QUE SEU AMIGO GOSTA E VOCÊ NÃO, MAS VOCÊ RESPEITA O GOSTO DELE.

Resposta pessoal.

2 PROCURE EM JORNAIS OU REVISTAS E RECORTE:

- A) DUAS PALAVRAS QUE COMECEM COM A PRIMEIRA LETRA DA PALAVRA **RESPEITO**.

- B) DUAS PALAVRAS QUE COMECEM COM A SEGUNDA LETRA DA PALAVRA **AMIZADE**.

- C) COLE AS QUATRO PALAVRAS NO ESPAÇO ABAIXO.

Atividade complementar

O professor deve auxiliar os alunos a tomar consciência das regras de convivência. Uma maneira é não lhes dar essas regras já prontas. Desenvolva um trabalho oral com os alunos apresentando-lhes várias questões que serão discutidas e respondidas por todos. A resposta de cada questão será uma regra em sala de aula a ser redigida por eles e, depois, será ilustrada e transcrita em um mural a ser afixado na sala. Propomos algumas sugestões de questões a seguir:

O que você faz quando...

1. Chega à escola?
Resposta: Diga sempre Bom dia!/Boa tarde!
2. Quer perguntar algo na sala de aula?
Resposta: Levante a mão.
3. Quer falar, mas já tem um colega falando?
Resposta: Espere a sua vez de falar.
4. Quer ajudar a manter a sala de aula limpa?
Resposta: Não jogue lixo no chão.

ASSIM TAMBÉM APRENDO

VOCÊ GOSTA DE SORVETE? SERÁ QUE VOCÊ E SEUS COLEGAS GOSTAM DO MESMO SABOR DE SORVETE?



LILIANA IACOCCA; MICHELE IACOCCA. O QUE FAZER? FALANDO DE CONVIVÊNCIA. SÃO PAULO: ÁTICA, 2010. P. 42 E 43.

CONVERSE COM OS COLEGAS E DESCUBRA O SABOR DE SORVETE DE QUE ELES MAIS GOSTAM.

▶ CAPÍTULO 3 49

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

5. Quer pedir um favor a um colega?
Resposta: Diga por favor.
6. Alguém lhe faz um favor?
Resposta: Agradeça às pessoas.
7. Você faz alguma coisa errada?
Resposta: Peça desculpas.
8. Algo não é seu e você gostaria de usar?
Resposta: Peça emprestado.

Assim também aprendo

Analise a atividade com os alunos e estimule cada um a revelar sua preferência. Pode-se fazer uma contagem simples e descobrir qual é o sorvete mais “votado” pela turma. Converse com os alunos e explique a eles que os gostos são diferentes e que todos eles precisam ser respeitados. Isso faz parte da boa convivência.

Orientações didáticas

Nesta dupla de páginas, introduz-se o tema da boa convivência. Como sugestão para o trabalho, aborde também o tópico de conflitos entre os alunos.

Caberá ao professor estar atento ao que acontece em sala de aula, observar o comportamento dos alunos, detectar possíveis problemas e intervir para que eles sejam solucionados de forma eficiente. As intervenções do professor devem estar vinculadas ao esclarecimento de situações concretas em sala de aula e à busca de soluções que envolvam empatia, fraternidade, respeito e tolerância, promovendo a construção de valores morais e o desenvolvimento integral dos alunos.

Assim que o problema for detectado, deve-se levar os envolvidos a pensar em si próprios e na sua relação com o outro dentro e fora da sala de aula. E convidar os envolvidos dos dois lados para uma conversa, conduzida por eles próprios, para que possam ouvir atentamente todos os argumentos contrários. Só assim é possível avaliar a seriedade do conflito e procurar uma solução em conjunto.

É importante que o professor sempre converse com os alunos sobre as regras de comportamento e sobre a boa convivência entre eles, que estão juntos diariamente na sala de aula e em outros ambientes da escola. O bom relacionamento entre os alunos contribui de modo eficaz para o sucesso do processo ensino-aprendizagem.

A BNCC nas páginas 50 e 51

Nesta dupla de páginas, os alunos acompanham a história de dois amigos que se desentendem por torcerem para times de futebol diferentes e realizam uma entrevista a fim de comparar suas preferências com as de um colega. Estas atividades permitem aprofundar o trabalho que está sendo encaminhado no capítulo sobre as relações de amizade e o respeito às diferenças entre as crianças da escola, contemplando a habilidade **EF01HI03** da BNCC.

Atividades 1 e 2

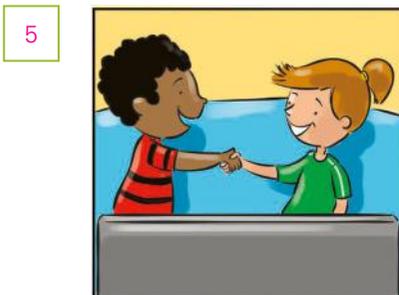
Pergunte aos alunos como eles reagiriam na situação vivenciada pelos personagens da tirinha e como resolveriam o conflito.

Reforce o diálogo para incentivá-los a entender que a preferência do outro não precisa ser igual para ser válida e que todos podem viver em harmonia mesmo tendo diferenças. Trabalhe e valorize os diferentes aspectos do bom convívio social, da tolerância e do respeito, fatores fundamentais para o aprendizado dos alunos.

Este é um bom momento para trabalhar pequenos problemas de agressividade e de não aceitação entre colegas ou pequenos grupos da classe.

LARA E VÍTOR HOJE SÃO BONS AMIGOS. VOCÊ QUER SABER COMO ELAS APRENDERAM A SE RESPEITAR E TER BOA CONVIVÊNCIA?

- 1 OBSERVE AS ILUSTRAÇÕES ABAIXO. ELAS CONTAM A HISTÓRIA DE LARA E VÍTOR, MAS ESTÃO FORA DE ORDEM.
- 2 NUMERE AS ILUSTRAÇÕES NA SEQUÊNCIA CORRETA.



- 3 COM SEUS COLEGAS, INVENTE UMA HISTÓRIA PARECIDA COM A DE LARA E VÍTOR. DEPOIS, CONTEM À CLASSE A HISTÓRIA CRIADA.

PESQUISE

VAMOS FAZER UMA PESQUISA EM DUPLA. ENTREVISTE SEU COLEGA DE DUPLA PARA SABER DO QUE ELE MAIS GOSTA.

- 1 PREENCHA O QUADRO ABAIXO COM AS RESPOSTAS DE SEU COLEGA. ELE DEVE FAZER O MESMO COM O QUE VOCÊ CONTAR A ELE.

NOME DO COLEGA: _____
QUAIS SÃO AS PREFERÊNCIAS DELE?
COR: _____
DOCE: _____
COMIDA: _____
BRINQUEDO: _____
PASSEIO: _____

- 2 ESCREVA ABAIXO AS SUAS RESPOSTAS. CIRCULE AS RESPOSTAS QUE SÃO IGUAIS ÀS DO COLEGA.

QUAIS SÃO SUAS PREFERÊNCIAS?
COR: _____
DOCE: _____
COMIDA: _____
BRINQUEDO: _____
PASSEIO: _____

- 3 VOCÊS TÊM MUITAS DIFERENÇAS? CONVERSEM SOBRE ELAS. *Resposta pessoal.*

Pesquisa

Trabalhe os resultados da atividade com toda a classe. Peça aos alunos que exponham oralmente as respostas do colega de dupla. Analise as diferenças e as semelhanças, respeitando sempre as opiniões e os gostos dos alunos, estimulando a autoconfiança necessária ao desenvolvimento pessoal deles.

A BNCC nas páginas 52 e 53

Inicia-se aqui um trabalho mais aprofundado com os hábitos e as regras que favorecem a boa convivência entre as pessoas.

Por meio do reconhecimento de seus hábitos e da comparação com os de crianças indígenas, os alunos são levados a compreender que os hábitos das pessoas são diferentes e que todos devem ser respeitados, contemplando a habilidade **EF01HI04** da BNCC.

Atividade

Trabalhe oralmente com os alunos as diferentes atividades representadas nesta página. Eles devem reconhecer quais delas são de lazer, de estudo ou de contribuição para o trabalho doméstico. Valorize a participação deles nos trabalhos domésticos e o empenho nos estudos.

Incentive-os a falar de outras atividades por eles executadas. Ressalte que as atividades de cada um podem ser diferentes das dos colegas. Os alunos podem listar, com sua ajuda, os trabalhos domésticos que realizam para ajudar a família. Podem também listar os realizados por cada membro da família. Explique a eles que as tarefas domésticas são responsabilidade de todos os moradores de uma casa, não importa se homens ou mulheres, adultos ou crianças – cada um dentro de suas possibilidades.

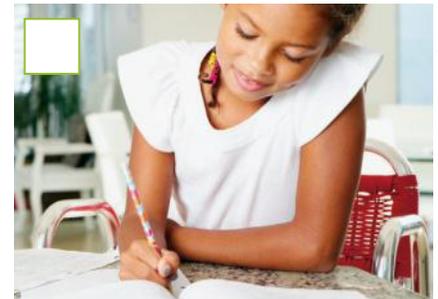
▶ HÁBITOS E REGRAS DE CONVÍVIO

HÁ MUITAS ATIVIDADES QUE NÓS REALIZAMOS SEMPRE OU QUASE SEMPRE. ELAS PODEM SER CHAMADAS DE **HÁBITOS**.

AS PESSOAS TÊM HÁBITOS DIFERENTES. OS HÁBITOS DE UMA PESSOA PODEM MUDAR COM O TEMPO.

O QUE VOCÊ COSTUMA FAZER?

▶ PINTE DE **VERDE** OS QUADRINHOS DAS IMAGENS QUE REPRESENTAM ALGUNS HÁBITOS QUE VOCÊ TEM. **Respostas pessoais.**



52 UNIDADE 2 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Pensar histórico

Diferentes hábitos e regras são apresentados aos alunos neste capítulo. Esses hábitos e atitudes são trabalhados em direta associação com a realidade em que os alunos estão inseridos, uma vez que são abordados como parte do cotidiano deles, de seus familiares e de seus colegas de escola.

AS CRIANÇAS QUE VIVEM EM ALDEIAS INDÍGENAS TÊM HÁBITOS DIFERENTES DAS CRIANÇAS QUE MORAM NAS CIDADES.

É COMUM NAS ALDEIAS INDÍGENAS AS CRIANÇAS ACORDAREM BEM CEDO, ANTES MESMO DE O SOL APARECER.

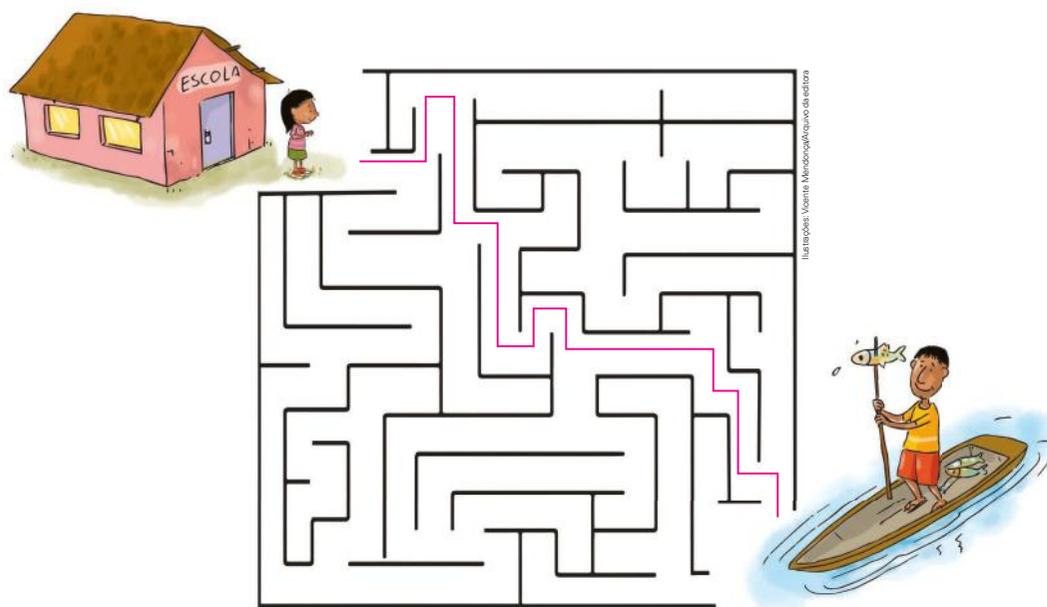
ELAS COMEM MANDIOCA, PEIXE E BANANA E DEPOIS VÃO PARA A ESCOLA.

AO VOLTAR, ELAS APRENDEM A SEMEAR, A COLHER, A PESCAR E A FAZER REDES E CESTOS ENQUANTO OBSERVAM OS MAIS VELHOS FAZENDO ESSAS ATIVIDADES.

DURANTE O DIA BRINCAM MUITO E À NOITE OUVEM AS HISTÓRIAS QUE OS ADULTOS CONTAM.

ESSAS SÃO ALGUMAS ATIVIDADES QUE AS CRIANÇAS INDÍGENAS FAZEM TODOS OS DIAS.

- 1 A MENINA INDÍGENA ACABOU DE SAIR DA ESCOLA E AGORA VAI AJUDAR SEU PAI A PESCAR. MOSTRE O CAMINHO QUE ELA DEVE PERCORRER ATÉ O RIO.



- 2 CONVERSE COM SEUS COLEGAS: QUAIS CAMINHOS VOCÊS COSTUMAM FAZER?
Resposta pessoal.

► CAPÍTULO 3 53

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Partindo da temática indígena, proposta na página, converse com os alunos sobre a pluralidade cultural brasileira e os variados grupos sociais que compõem nossa sociedade. Articule o trabalho com Geografia e Língua Portuguesa.

[...] a família, a escola, a realização, o entorno social (bairro, comunidade, povoado), o campo, a cidade, o país e o mundo são esferas da vida humana que comportam inúmeras relações, configurações e organizações. Propor atividades em que as crianças possam ampliar

a compreensão da sua própria história, da sua forma de viver e de se relacionar. Identificar diferenças e semelhanças entre as histórias vividas pelos colegas e por outras pessoas e grupos sociais próximos ou distantes [...] histórias individuais e coletivas que participam da construção da história da sociedade. [...]

CORSINO, Patrícia. As crianças de seis anos e as áreas do conhecimento. In: BRASIL. Ministério da Educação. *Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade*. Brasília: MEC-SEB. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

Atividade 1

Analise com os alunos as diferenças entre os hábitos das crianças indígenas e os deles. Ajude-os a comparar os dois modos de vida. Explique-lhes que este é apenas um exemplo, mas que há muitos outros modos indígenas de viver.

Aproveite a oportunidade para debater com os alunos sobre os diferentes hábitos de cada um deles: “Qual caminho você toma para vir à escola?”; “E seu colega também faz o mesmo percurso?”; “Passa pela praça, vem pela rua da igreja, pela rua do correio, etc.?”.

A BNCC nas páginas 54 a 57

Essas páginas criam condições para que os alunos desenvolvam o senso de responsabilidade e de pontualidade nas atividades diárias por eles realizadas e aprendam a respeitar as regras sociais. Com esse estudo, dá-se sequência ao trabalho com as habilidades **EF01HI03** e **EF01HI04** da BNCC.

Orientações didáticas

Para trabalhar os conteúdos desta página, incentive cada aluno a expressar suas diferentes atividades diárias, a diferenciar a natureza de cada uma das atividades e a dizer em quais dias ou momentos elas são geralmente realizadas. Verifique também se eles sabem quais são realizadas individualmente, com a família ou com um grupo social. Esclareça que, como não vivemos sozinhos, muitas de nossas atividades são feitas em companhia de outras pessoas, sejam elas da nossa família ou não.

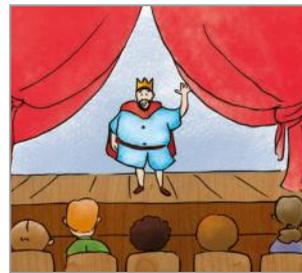
Atividade 1

Até agora abordamos os dias em que os alunos vão à escola e os dias em que não vão. Conforme o desenvolvimento dos alunos, pode-se trabalhar os conceitos de dias da semana e feriados.

TODOS OS DIAS CADA UM DE NÓS REALIZA DIFERENTES ATIVIDADES. MUITAS DELAS REPETIMOS SEMPRE E FAZEM PARTE DO NOSSO COTIDIANO. OUTRAS FAZEMOS SÓ DE VEZ EM QUANDO.

1 OBSERVE AS ILUSTRAÇÕES ABAIXO. ELAS MOSTRAM A MESMA CRIANÇA EM ATIVIDADES DIFERENTES. AGORA, FAÇA O QUE SE PEDE:

- A)** ASSINALE COM UM **X** NO QUADRINHO **AZUL** AS ATIVIDADES QUE O MENINO FAZ TODOS OS DIAS.
- B)** ASSINALE COM UM **X** NO QUADRINHO **VERMELHO** AS ATIVIDADES QUE O MENINO FAZ PREFERENCIALMENTE NOS DIAS EM QUE VAI À ESCOLA.
- C)** ASSINALE COM UM **X** NO QUADRINHO **VERDE** AS ATIVIDADES QUE O MENINO FAZ COMUMENTE NOS DIAS EM QUE NÃO VAI À ESCOLA.



2 AGORA É SUA VEZ! COMO É O SEU COTIDIANO?

A) DESENHE UMA ATIVIDADE QUE VOCÊ FAZ NOS DIAS EM QUE VAI À ESCOLA.

B) DESENHE UMA ATIVIDADE QUE VOCÊ SÓ FAZ QUANDO NÃO VAI À ESCOLA.

MINHA COLEÇÃO DE PALAVRAS DE HISTÓRIA

A PALAVRA ABAIXO É IMPORTANTE PARA ESTUDAR HISTÓRIA.

COTIDIANO

1 QUAL DAS ATIVIDADES ABAIXO VOCÊ FAZ NO SEU COTIDIANO? *Resposta pessoal.*

IR À ESCOLA

ESCOVAR OS DENTES

IR À PRAIA

BRINCAR COM OS AMIGOS

2 VOCÊ GOSTARIA DE SABER O QUE AS PESSOAS DE OUTRAS ÉPOCAS FAZIAM DIARIAMENTE? *Resposta pessoal.*

Atividade 2

Sempre que os alunos se expressarem pelo desenho, incentive-os a fazê-lo também oralmente, mas não os obrigue. Assim, estimula-se a comunicação espontânea, a criatividade e o desenvolvimento da linguagem oral.

Minha coleção de palavras de História

É esperado que os alunos percebam que ao estudar o **cotidiano**, ou seja, o dia a dia das pessoas do passado e a rotina de suas atividades e seus hábitos diários, é possível conhecer mais sobre o passado e comparar hábitos e costumes de outros períodos com os de hoje.

Leia mais sobre a **Minha coleção de palavras de História** na página XXII das Orientações gerais.

ENQUANTO AS CRIANÇAS VÃO À ESCOLA OU FAZEM OUTRAS ATIVIDADES EM CASA, OS ADULTOS TRABALHAM.

EM UMA FAMÍLIA, ÀS VEZES O PAI, A MÃE OU OUTROS ADULTOS TRABALHAM FORA O DIA TODO. ALÉM DISSO, ELES PRECISAM FAZER MUITAS TAREFAS EM CASA. TUDO ISSO FAZ PARTE DA **ROTINA** DA FAMÍLIA. VEJA A ROTINA DA FAMÍLIA DO VÍTOR:



A ROTINA DO PAI DO VÍTOR

DE MANHÃ: LEVANTA CEDO, TOMA BANHO, TOMA CAFÉ COM A ESPOSA E O FILHO, TRABALHA E ALMOÇA NA EMPRESA.

À TARDE: TRABALHA, VAI AO BANCO, PASSA NO SUPERMERCADO E VOLTA PARA CASA.

À NOITE: FAZ GINÁSTICA, CONVERSA COM A MÃE DO VÍTOR, PREPARA O JANTAR, JANTA COM A FAMÍLIA, FAZ TRABALHOS DOMÉSTICOS, LÊ UMA HISTÓRIA PARA VÍTOR E O COLOCA NA CAMA.



A ROTINA DA MÃE DO VÍTOR

DE MANHÃ: LEVANTA CEDO, TOMA BANHO, ACORDA VÍTOR PARA ELE IR À ESCOLA, TOMA CAFÉ COM O MARIDO E O FILHO, LEVA VÍTOR À ESCOLA E VAI TRABALHAR.

À TARDE: VOLTA PARA CASA, ALMOÇA COM VÍTOR, AJUDA-O NOS DEVERES DE CASA, FAZ TRABALHOS DOMÉSTICOS.

À NOITE: AJUDA VÍTOR A ORGANIZAR A MOCHILA DA ESCOLA, BRINCA COM ELE, JANTA COM A FAMÍLIA, ARRUMA A COZINHA E VAI DAR BOA-NOITE AO FILHO ANTES DE ELE DORMIR.

- 1** SEU PAI, SUA MÃE E OS OUTROS ADULTOS DA SUA FAMÍLIA TAMBÉM TÊM UMA ROTINA DE TRABALHO E AFAZERES. CONTE AOS COLEGAS COMO É A ROTINA DELES. **Resposta pessoal.**
- 2** E COMO É A SUA ROTINA? COM A AJUDA DO PROFESSOR, ESCREVA NO QUADRO ABAIXO O QUE VOCÊ FAZ TODOS OS DIAS E QUAIS SÃO OS SEUS AFAZERES. **Respostas pessoais.**

A MINHA ROTINA

DE MANHÃ: _____

À TARDE: _____

À NOITE: _____

56 UNIDADE 2 »

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

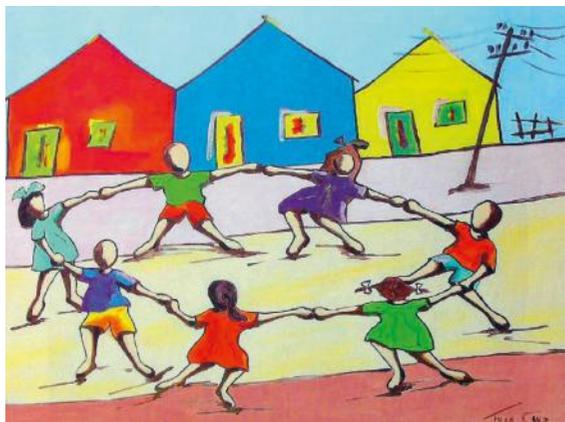
Atividade complementar

Em uma folha de cartolina, desenhe o Sol e, em outra, a Lua com as estrelas. Recorte de jornais e revistas imagens de pessoas exercendo várias atividades diurnas e noturnas. Disponha no chão, no centro da sala de aula, as folhas de cartolina com os desenhos do Sol e da Lua. Forneça uma ima-

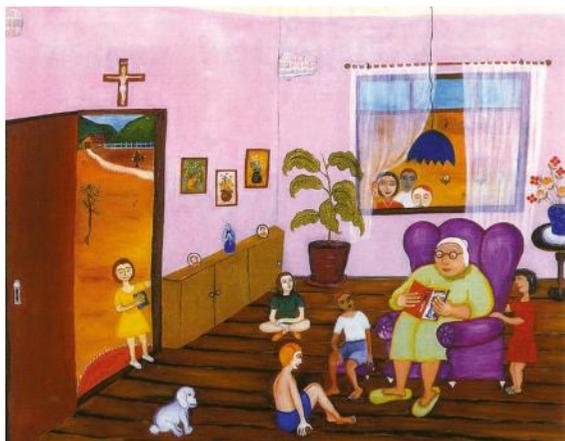
gem para cada aluno. Peça a eles que analisem a imagem recebida e coloquem-na ao lado do Sol ou da Lua, de acordo com o horário em que essa atividade costuma ser realizada. Explique aos alunos que há muito mais atividades a serem executadas durante o dia porque a noite é o período geralmente reservado ao descanso.

DESAFIO

AS PINTURAS ABAIXO RETRATAM DIFERENTES HÁBITOS DAS CRIANÇAS. OBSERVE-AS ATENTAMENTE.



► CIRANDA II, DE IVAN CRUZ, 2005. ACRÍLICO SOBRE TELA (30 cm x 40 cm).



► A CONTADORA DE HISTÓRIAS, DE HELENA COELHO, 1996. ÓLEO SOBRE TELA (40 cm x 50 cm).

- 1 DESENHE UM ♥ AO LADO DA PINTURA QUE MOSTRA UM HÁBITO OU ATIVIDADE FEITA SÓ POR CRIANÇAS.
- 2 DESENHE UMA ★ NA PINTURA QUE MOSTRA UM HÁBITO OU ATIVIDADE FEITA TANTO POR CRIANÇAS QUANTO POR ADULTOS.

Desafio

Julgamos importante incluir reproduções de obras de arte para que os alunos as observem, as valorizem e aumentem seu repertório. Obras de arte contribuem para o desenvolvimento da sensibilidade e da criatividade dos alunos. Lembre-se de que observar uma obra de arte é uma habilidade que implica interesse dirigido e exame minucioso. Dessa maneira, peça aos alunos que descrevam o que está representado nas obras e ajude-os a analisá-las.

Artistas de obras como estas geralmente aprendem a pintar sozinhos. São chamados de pintores primitivos ou *naïfs*. Sua forma de expressão pode lembrar a de uma criança, havendo, portanto, grande identificação dos alunos com esse estilo de arte.

A BNCC nas páginas 58 e 59

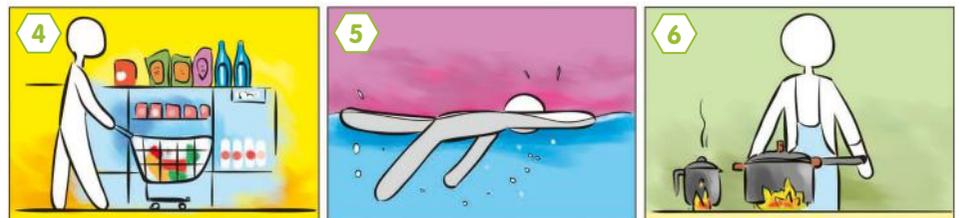
As atividades desta página trabalham os diferentes hábitos diários das pessoas de uma família, bem como levam os alunos a pensar nos próprios hábitos identificando-os por meio de desenhos. Assim, estimulando o aluno a reconhecer e distinguir os papéis relacionados às pessoas da família e as diferentes responsabilidades de cada um, estamos trabalhando a habilidade **EF01HI03** da BNCC.

Atividade 1

Nesta atividade, várias relações feitas pelos alunos devem ser consideradas corretas. Aproveite para debater sobre o que é tradicionalmente considerado papel de cada membro da família e a cooperação entre eles. Se predominarem situações consideradas "padrão" (avô lendo livro, mãe fazendo compras, avó cozinhando, etc.), questione os alunos sobre outras situações possíveis. Explique a eles que algumas situações não são adequadas para crianças, como estar desacompanhada no ponto de ônibus, no supermercado e operando o fogão. Entre os adultos, qualquer pessoa da família poderia exercer as atividades propostas, pois não são atreladas ao gênero nem à idade.

MUITAS PESSOAS TÊM O HÁBITO DE TOMAR CAFÉ DA MANHÃ EM FAMÍLIA. DEPOIS, CADA UM VAI REALIZAR UMA ATIVIDADE DIFERENTE.

1 OBSERVE AS ILUSTRAÇÕES ABAIXO.



58 UNIDADE 2 »

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividades 2 e 3

Ao realizar estas atividades, tome cuidado com os estereótipos que podem ser mencionados: a mãe que cozinha, o pai que trabalha fora de casa, a avó que faz crochê, o avô que assiste à televisão.

Explique aos alunos que não há tarefas que sejam específicas de apenas uma pessoa da família, embora antigamente fosse comum designar papéis para cada membro do grupo familiar. Assim, o pai pode cozinhar, a mãe sair para o trabalho, o avô cuidar dos netos e a avó realizar atividades de lazer livremente.

2 AGORA, NUMERE CADA MEMBRO DA FAMÍLIA DE ACORDO COM O QUE VOCÊ ACHA QUE ELE FAZ APÓS O CAFÉ DA MANHÃ. UTILIZE A NUMERAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES DA PÁGINA ANTERIOR. *Respostas pessoais.*

AVÔ

FILHA

FILHO

PAI

MÃE

AVÓ

3 QUEM VOCÊ MARCOU QUE VAI: *Respostas pessoais.*

- TOMAR O ÔNIBUS? _____
- ESTUDAR? _____
- LER UM LIVRO? _____
- FAZER COMPRAS? _____
- NADAR? _____
- COZINHAR? _____

4 DESENHE O QUE VOCÊ FAZ DEPOIS DO CAFÉ DA MANHÃ. *Respostas pessoais.*

DURANTE A SEMANA

NO FIM DE SEMANA

A BNCC nas páginas 60 e 61

Nestas páginas, trabalham-se as regras da casa e da escola e sua relação com o respeito aos direitos de todas as pessoas. A realização das atividades, a participação na roda de conversa e a oportunidade de se expressar oralmente levam os alunos a reconhecer as especificidades dos hábitos e das regras da casa e da escola e a valorizar as responsabilidades de cada um para que todas as pessoas tenham os seus direitos respeitados, atendendo às habilidades **EF01HI03** e **EF01HI04** da BNCC e trabalhando o tema contemporâneo direitos das crianças e adolescentes.

Saiba mais

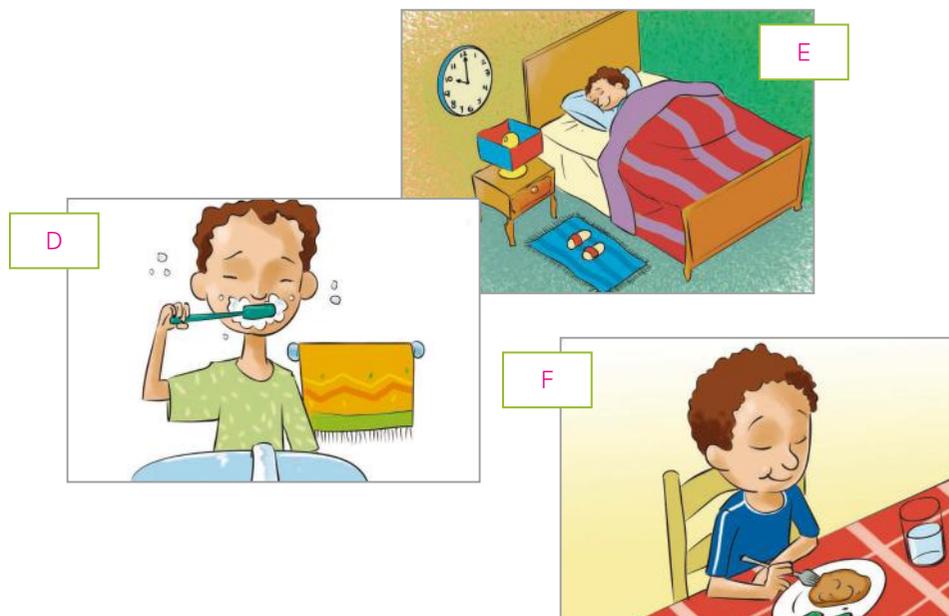
Trabalho conjunto com Língua Portuguesa e Ciências.

Fale sobre regras estabelecidas em sua escola, em seu grupo ou classe. Questione os alunos sobre regras a serem obedecidas em casa, estabelecidas pelos pais ou pelos adultos com quem moram e sobre as regras que estabelecem entre eles, como as usadas nas brincadeiras do recreio.

SAIBA MAIS >>

NÓS PRECISAMOS SEGUIR REGRAS PARA CONVIVER BEM COM NOSSA FAMÍLIA, OS COLEGAS DE ESCOLA E O PROFESSOR.

AS REGRAS SÃO FEITAS PARA QUE TODOS TENHAM OS MESMOS DIREITOS. OBSERVE ALGUMAS REGRAS QUE DEVEMOS SEGUIR NA ESCOLA E EM CASA:



- 1 LEIA AS FRASES ABAIXO E ESCREVA EM CADA LINHA SE A REGRA É DE CASA OU DA ESCOLA OU SE ELA VALE PARA OS DOIS LUGARES.
A) FAZER AS TAREFAS COM ATENÇÃO E CAPRICHOS. Escola.
B) NÃO SER EGOÍSTA. DIVIDIR O QUE TEM. Casa e escola.
C) JOGAR LIXO NO LIXO. Casa e escola.
D) ESCOVAR OS DENTES. Casa e escola.
E) DORMIR NA HORA CERTA. Casa.
F) ALIMENTAR-SE DE FORMA SAUDÁVEL. Casa e escola.
- 2 OBSERVE AS ILUSTRAÇÕES DESTA PÁGINA E DA PÁGINA AO LADO. ESCREVA A LETRA DA REGRA NO QUADRINHO DE CADA ILUSTRAÇÃO.

60 UNIDADE 2 >>

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

Proponha aos alunos a elaboração de um quadro de direitos e deveres das crianças na escola. Faça um levantamento com a classe e escreva todas as ideias na lousa.

Veja alguns direitos e deveres relacionados à escola. Observe com a classe que há direitos que são também deveres:

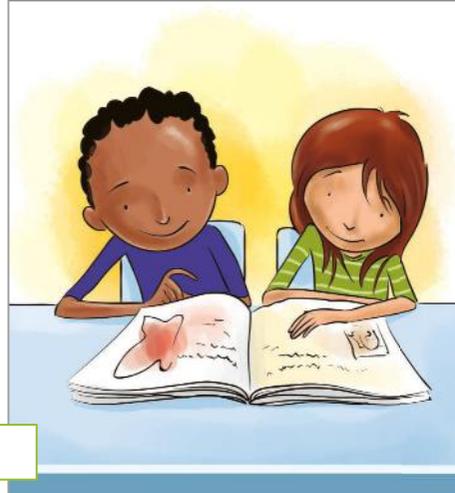
Direitos	Deveres
<ul style="list-style-type: none">• Frequentar a escola para receber educação.• Ter professores capacitados.• Opinar, fazer perguntas e receber respostas.• Ser respeitado por todos.• Receber alimentação na escola.• Estudar em uma sala limpa, arejada e iluminada.	<ul style="list-style-type: none">• Frequentar a escola diariamente.• Prestar atenção às aulas.• Fazer as tarefas pontualmente e se preparar para as avaliações.• Respeitar professores, funcionários e colegas.• Ser pontual, observando os horários escolares.• Colaborar com a limpeza e a conservação da escola.

Atividades 3 e 4

Estimule a troca de informações e as vivências entre os alunos a fim de que eles recriem na escola as relações que mantêm com seu grupo social e compreendam as suas regras de convívio, favorecendo as experiências culturais, fortalecendo os laços sociais e afetivos e construindo seus conhecimentos na interação com outras crianças da mesma faixa etária e com os adultos com os quais se relacionam.



A e C



B

- 3 CONVERSE COM SEUS COLEGAS E RESPONDA ABAIXO: QUAIS REGRAS APRESENTADAS AJUDAM VOCÊ A MANTER SUA SAÚDE?

Escovar os dentes; dormir na hora certa; alimentar-se de forma saudável.

- 4 CONTE PARA SEUS COLEGAS E PROFESSOR QUAIS SÃO AS REGRAS EM SUA CASA. Resposta pessoal.

Objetivos do capítulo

1. Explorar as brincadeiras como parte das relações sociais e familiares hoje e no passado.
2. Contribuir para que os alunos comecem a construir a noção de cidadania e se conscientizem de que todos devem ter os mesmos direitos e as mesmas obrigações.

Para iniciar

A leitura do poema “Corda” e o debate sobre ele são formas lúdicas de tratar de brincadeiras antigas que até hoje são praticadas pelas crianças.

Auxilie os alunos na leitura esclarecendo o significado das palavras mais difíceis, como **sinuosa** (uma linha ou caminho torto, em formato de onda); e **cento** (quantia que corresponde a cem). Deixe claro que pular corda é uma brincadeira muito antiga.

Atividade 1

Faça essa pergunta a cada um dos alunos. A cada resposta, questione os demais sobre o que eles acham dessa brincadeira: “É antiga?”; “Foi inventada há pouco tempo?”; “É divertida?”. Incentive os alunos a ouvir e respeitar as diferentes opiniões.

Atividade 2

Analise com os alunos que, embora o trabalho infantil seja proibido no Brasil, algumas crianças têm pouco ou nenhum tempo para brincar porque trabalham.



CRIANÇA GOSTA DE BRINCAR

EXISTEM BRINCADEIRAS MUITO DIVERTIDAS. ALGUMAS FORAM CRIADAS HÁ POUCO TEMPO; OUTRAS SÃO BASTANTE ANTIGAS.

LEIA O POEMA COM O PROFESSOR E, DEPOIS, DISCUTA AS QUESTÕES COM SEUS COLEGAS.

CORDA

VIRADA PRO ALTO
SE TORNA UM ARCO.
QUANDO ESTÁ POR BAIXO
TEM FORMA DE BARCO.
ESTICADA EM TIRA
É COBRA CAIPIRA.
SINUOSA FITA,
MINHOCA AFLITA.
É PRECISO SALTAR:
O CORPO AGUENTA
DE UM A CINQUENTA
E QUE TAL TENTAR
DE UM ATÉ CEM?
PASSAR DE UM CENTO
EXIGE TALENTO...



CARLOS URBIN; LAURA CASTILHOS.
CORDA. IN: SACO DE BRINQUEDOS.
PORTO ALEGRE: PROJETO, 2010. P. 21.

Vicente Mendonça/Arquivo da editora

PARA INICIAR >

1. QUAL É SUA BRINCADEIRA PREDILETA? **Resposta pessoal.**
2. VOCÊ ACHA QUE TODAS AS CRIANÇAS TÊM TEMPO PARA BRINCAR? **Resposta pessoal.**

62 UNIDADE 2 >

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Objetos de conhecimento	Habilidades
As diferentes formas de organização da família e da comunidade: os vínculos pessoais e as relações de amizade.	BNCC EF01HI03 Descrever e distinguir os seus papéis e responsabilidades relacionados à família, à escola e à comunidade.
A vida em casa, a vida na escola e formas de representação social e espacial: os jogos e brincadeiras como forma de interação social e espacial.	BNCC EF01HI05 Identificar semelhanças e diferenças entre jogos e brincadeiras atuais e de outras épocas e lugares.
A vida em família: diferentes configurações e vínculos.	BNCC EF01HI06 Conhecer as histórias da família e da escola e identificar o papel desempenhado por diferentes sujeitos em diferentes espaços.

A BNCC na página 63

O trabalho com as atividades feitas pelas crianças depois da escola leva os alunos a compreender a importância dos jogos e das brincadeiras para a sua saúde e a vida em grupo. Essas páginas desenvolvem a habilidade **EF01HI05** da BNCC.

▶ JOGOS E BRINCADEIRAS

VOCÊ PASSA ALGUMAS HORAS DO DIA NA ESCOLA. QUANDO VOLTA, VOCÊ FAZ SUAS TAREFAS ESCOLARES, AJUDA EM CASA E BRINCA.

ENQUANTO BRINCA, VOCÊ DESENVOLVE A IMAGINAÇÃO, APRENDE A CONVIVER COM OUTRAS CRIANÇAS E A RESPEITAR REGRAS. E TEM MAIS: BRINCAR FAZ BEM À SAÚDE!

1 VEJA AS BRINCADEIRAS NAS ILUSTRAÇÕES ABAIXO E PINTE O QUADRINHO DE CADA UMA DE:

- **AZUL** SE FOR UMA BRINCADEIRA QUE VOCÊ BRINCA COM OUTRAS PESSOAS;
- **VERMELHO** SE FOR UMA BRINCADEIRA QUE VOCÊ PODE BRINCAR SOZINHO.



▶ BRINCAR DE ESCONDE-ESCONDE.
Azul.



▶ JOGAR BOLINHA DE GUDE.
Azul.



▶ BRINCAR COM ANIMAL DE ESTIMAÇÃO.
Vermelho.



▶ JOGAR NO COMPUTADOR.
Vermelho.



▶ JOGAR BOLA NO PARQUE.
Azul.



▶ BRINCAR COM BLOQUINHOS.
Vermelho.

2 CIRCULE AS BRINCADEIRAS DE QUE VOCÊ GOSTA. *Resposta pessoal.*

Pensar histórico

Neste capítulo, o trabalho com as brincadeiras de hoje e de antigamente permite que os alunos façam comparações entre fenômenos do passado e do presente, aproximando-os das noções de tempo histórico. No item "Nem sempre as crianças brincam", na página 68, noções de cidadania e de cuidados com o próximo podem ser desenvolvidas e bem exploradas em sala de aula.

A BNCC nas páginas 64 e 65

Ao abordar os lugares e as épocas em que jogos e brincadeiras ocorrem, é possível estabelecer relações de permanências e mudanças e comparar concretamente as brincadeiras do aluno e as brincadeiras indígenas, trabalhando a habilidade **EF01HI05** da BNCC.

Orientações didáticas

Converse com os alunos sobre o tema “Onde brincar?”. Ouça a opinião deles e dê sugestões. Explique o papel da rua, no passado, como espaço comunitário onde se realizavam jogos, brincadeiras, integrações e festas, e seu papel atual, estabelecendo semelhanças e diferenças. Se a sua escola estiver localizada em uma cidade pequena, considere o contexto e estabeleça as diferenças.

Minha coleção de palavras de História

Explique aos alunos que algumas brincadeiras de **antigamente** não existem mais. Outras, porém, resistem à passagem do tempo e ainda fazem muito sucesso entre as crianças dos dias de hoje. Se algo é antigo, não quer dizer que deva ser deixado de lado. Muito pelo contrário: há costumes antigos que ainda fazem parte de nossa vida.

Leia mais sobre a **Minha coleção de palavras de História** na página XXII das Orientações gerais.

VOCÊ PODE BRINCAR EM CASA, NA ESCOLA, NO QUINTAL, EM PARQUES, EM PRAÇAS E, QUANDO POSSÍVEL, NA RUA! ANTIGAMENTE, ERA COMUM CRIANÇAS BRINCAREM FORA DE CASA, EM LUGARES PRÓXIMOS DE SUAS RESIDÊNCIAS. HOJE, ISSO AINDA ACONTECE BASTANTE NAS CIDADES PEQUENAS, MAS NAS CIDADES GRANDES ACONTECE MENOS.

OBSERVE AS FOTOS.



➤ CRIANÇAS JOGAM BOLINHA DE GUDE NO RIO DE JANEIRO, NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. FOTO DE 1940.



➤ CRIANÇAS BRINCAM EM PARQUINHO EM SÃO PAULO, NO ESTADO DE SÃO PAULO, EM 2015.

- 1 NO LUGAR EM QUE VOCÊ MORA, AS CRIANÇAS PODEM BRINCAR NA RUA OU EM PRAÇAS COMO AS CRIANÇAS DAS FOTOS? **Resposta pessoal.**
- 2 OS SEUS BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS SÃO OS MESMOS DE ANTIGAMENTE? **Resposta pessoal.**

MINHA COLEÇÃO DE PALAVRAS DE HISTÓRIA

A PALAVRA NO QUADRINHO ABAIXO APARECE NESTE CAPÍTULO.

ANTIGAMENTE

- 1 COM SEUS COLEGAS, FAÇA UMA FRASE COM ESSA PALAVRA.

Resposta pessoal.

- 2 VOCÊ CONHECE ALGUMA BRINCADEIRA DE ANTIGAMENTE? **Resposta pessoal.**

64 UNIDADE 2

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Direito de brincar deve ser garantido a toda criança

[...] Segundo o professor e mestre em Educação, João Beauclair, a utilização do lúdico nas atividades para o desenvolvimento infantil é essencial. “Ao brincar, a criança amplia as possibilidades de ir além do seu próprio ser, consegue interagir consigo mesma e com os outros, percebe que há regras para o convívio social e forma sua personalidade. Enfim, vivencia sua inserção no mundo com suas complexas possibilidades”.

“[...] Na opinião dos especialistas, esse direito de brincar está

sendo esquecido devido às agendas das crianças repletas de compromissos [...]. Os brinquedos acabam sendo deixados de lado cada vez mais cedo e as crianças alimentam o sonho de se tornarem adolescentes rapidamente. Segundo o professor João Beauclair, esse amadurecimento precoce pode ter efeitos negativos no desenvolvimento da criança, já que etapas fundamentais do processo de formação da sua personalidade são esquecidas e as descobertas aceleradas. [...]

DIMENSTEIN, Gilberto. Direito de brincar deve ser garantido a toda criança. *Folha de S. Paulo*. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/comunidade/gd060704c.htm>. Acesso em: 17 nov. 2017.

SAIBA MAIS

KABÁ DAREBU É UM PERSONAGEM CRIADO PELO ESCRITOR INDÍGENA DANIEL MUNDURUKU. NO TEXTO A SEGUIR, O MENINO FALA SOBRE AS BRINCADEIRAS DE SEU POVO.

BRINCADEIRAS INDÍGENAS

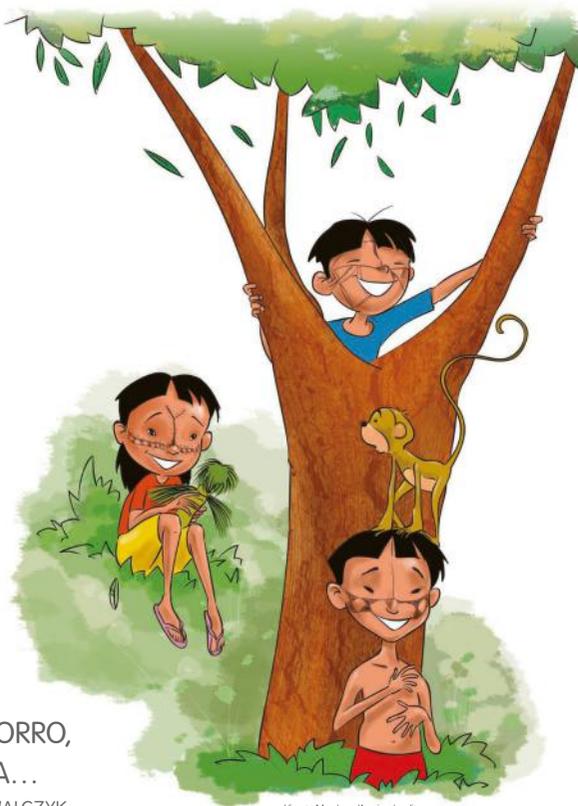
NÓS GOSTAMOS DE BRINCAR DE MUITAS COISAS.

OS MENINOS BRINCAM DE ARCO E FLECHA, ESCONDER NA MATA ENQUANTO OS OUTROS PROCURAM, PEGA-PEGA DENTRO DO RIO, SUBIR EM ÁRVORES, PESCARIA, IMITAR OS ADULTOS, JOGAR FUTEBOL.

AS MENINAS GOSTAM DE FAZER BONECAS COM ESPIGAS E FOLHAS DE MILHO, FAZER COMIDA, MEXER COM OS MENINOS, CANTAR E DANÇAR CANTIGAS DE RODA, SUBIR EM ÁRVORES, NADAR NO RIO.

TODOS NÓS TEMOS ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO COM OS QUAIS A GENTE BRINCA A TODA HORA: CACHORRO, PAPAGAIO, MACACO, TUCANO, CUTIA...

DANIEL MUNDURUKU; MARI THEREZE KOWALCZYK.
KABÁ DAREBU. SÃO PAULO: BRINQUE-BOOK, 2011.



Vicente Mendonça/Arquivo da editora

Saiba mais

Proponha aos alunos uma conversa sobre os estereótipos associados a cada gênero. Pergunte primeiramente se a divisão de brincadeiras entre “de meninas” e “de meninos”, assim como mostrada no texto de Daniel Munduruku, é familiar a eles. Eles provavelmente dirão que sim. Depois, pergunte se eles sabem por que determinadas brincadeiras são consideradas destinadas a um único gênero.

Explique a eles que essa divisão é criada por muitas sociedades, cada uma à sua maneira, e que esse hábito é tão antigo que já se tornou normal, mas que não há verdadeiramente nenhuma brincadeira que deva ser exclusivamente praticada por meninas ou por meninos. Explique que as brincadeiras são formas de eles explorarem o mundo e que não as restringir entre os gêneros torna esse aprendizado mais rico.

TROQUE IDEIAS COM SEUS COLEGAS:

- VOCÊ CONHECE AS BRINCADEIRAS DE KABÁ DAREBU E SEUS AMIGOS? DE QUAL DELAS VOCÊ GOSTA MAIS? **Resposta pessoal.**
- QUE BRINCADEIRAS VOCÊ GOSTARIA DE ENSINAR A KABÁ DAREBU E SEUS AMIGOS? **Resposta pessoal.**
- O AUTOR DO TEXTO DIZ QUE MENINOS E MENINAS DO POVO MUNDURUKU TÊM BRINCADEIRAS DIFERENTES. DIGA O QUE VOCÊ ACHA DISSO. **Resposta pessoal.**

A BNCC nas páginas 66 e 67

Relacionar jogos e brincadeiras com o uso da eletricidade é um excelente recurso para que os alunos estabeleçam comparações e reconheçam semelhanças e diferenças entre brincadeiras de nossos dias e de antigamente, contextualizando-as no tempo e no espaço. Com exemplos concretos, como a confecção do jogo de mancala e a conversa sobre os jogos e as brincadeiras dos alunos e de seus avós, estamos abordando as habilidades **EF01HI05** e **EF01HI06** da BNCC.

Atividade 1

Explique aos alunos a importância da eletricidade. Como seria uma casa sem eletricidade? Ou um hospital? Converse também sobre brinquedos e jogos de telefones celulares e *tablets*, aparelhos que precisam ser recarregados na rede elétrica.

Atividade 2

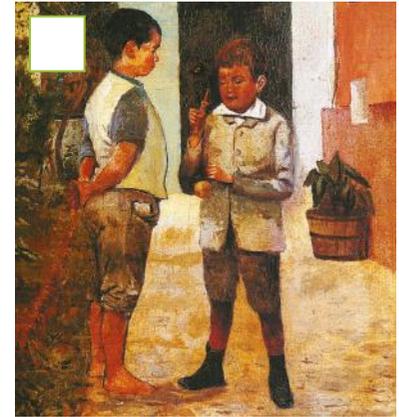
Chame a atenção dos alunos para as diferentes imagens da página: xilogravura, pintura e fotos. Fale sobre a xilogravura *Menino brincando de arraia* explicando que é uma obra feita por um artista popular que trabalha de maneira simples, sem usar técnicas sofisticadas. Esse estilo é chamado de *naïf*, já descrito na página 57 deste Manual.

MUITOS BRINQUEDOS ATUAIS
PRECISAM DE ELETRICIDADE PARA
FUNCIONAR. ISSO NÃO ACONTECIA
CEM ANOS ATRÁS.

OBSERVE AS IMAGENS:



▶ **MENINO BRINCANDO DE ARRAIA**, DE SILVANO TOMAZ ROCHA, 2000. XILOGRAVURA (37 cm x 45 cm).



▶ **DOIS MENINOS JOGANDO BILBOQUÊ**, DE BELMIRO DE ALMEIDA, 1892. ÓLEO SOBRE TELA (57 cm x 24 cm).

- ▶ **ARRAIA**: BRINQUEDO TAMBÉM CONHECIDO COMO PIPA OU PAPAGAIO.
- ▶ **BILBOQUÊ**: BRINQUEDO EM QUE UMA BOLA DE MADEIRA COM UM FURO FICA AMARRADA A UM BASTÃO.



▶ **VISITANTES FREQUENTAM PARQUE DE DIVERSÕES EM CALDAS NOVAS, ESTADO DE GOIÁS**. FOTO DE 2015.



▶ **CRIANÇAS JOGANDO VIDEOGAME EM SÃO PAULO, ESTADO DE SÃO PAULO**. FOTO DE 2014.

1 ASSINALE COM UM X OS QUADRINHOS DOS BRINQUEDOS QUE
PRECISAM DE ELETRICIDADE PARA FUNCIONAR.
O videogame e os brinquedos do parque de diversões.

2 DISCUTA COM OS COLEGAS:

A) VOCÊ COSTUMA USAR BRINQUEDOS QUE PRECISAM DE ENERGIA ELÉTRICA PARA FUNCIONAR? QUAIS? *Respostas pessoais.*

B) COM QUE BRINQUEDOS VOCÊ BRINCA QUANDO NÃO HÁ ENERGIA ELÉTRICA? *Resposta pessoal.*

66 UNIDADE 2 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Consulte o site Mapa do Brincar para descobrir brincadeiras de todo o Brasil e executá-las com seus alunos. Este é um bom momento para explorar com os alunos as brincadeiras de outras regiões, não conhecidas na sua.

Como começou a brincadeira?

O Mapa do Brincar é uma iniciativa da "Folhinha", suplemento infantil do jornal *Folha de S.Paulo*. O site reúne hoje 750 brincadeiras de todo o país.

A primeira versão do projeto foi lançada em maio de 2009, quando convidou crianças de todo o país a contar quais são suas brincadeiras. Um dos objetivos era descobrir se há semelhanças e diferenças entre o brincar no Brasil. De maio a julho do mesmo ano, a "Folhinha" recebeu 10 204 inscrições de crianças das cinco regiões do país, com participação maior do Sul e do Sudeste.

Em alguns Estados, a equipe da "Folhinha" também coletou brincadeiras diretamente com as crianças, mas sempre preservando os relatos infantis. Todo esse material enviado (ou coletado) foi lido e analisado por uma equipe de especialistas na área do brincar.

MUITOS JOGOS E BRINQUEDOS SÃO SIMPLES E BARATOS E PODEM SER FEITOS PELAS PRÓPRIAS CRIANÇAS.

UM EXEMPLO É O JOGO MANCALA, UM DOS MAIS ANTIGOS DO MUNDO. ELE SE ORIGINOU PROVAVELMENTE NO ANTIGO EGITO. COM O TEMPO, ESPALHOU-SE PELO CONTINENTE AFRICANO E, AINDA HOJE, É JOGADO EM PAÍSES COMO NIGÉRIA, SUDÃO, SENEGAL, GANA E QUÊNIA.

OS TABULEIROS DO JOGO MANCALA PODEM SER FEITOS DE DIFERENTES MATERIAIS: MADEIRA, PLÁSTICO, PAPELÃO E ATÉ OURO. PODEM TAMBÉM SER ESCAVADOS NA AREIA. AS PEÇAS USADAS SÃO, EM GERAL, SEMENTES. O MOVIMENTO DAS PEÇAS NO JOGO MANCALA REPRESENTA A **SEMEADURA**.

SEMEADURA:
ATIVIDADE DE PLANTAR, COLOCANDO A SEMENTE NA TERRA PARA QUE ELA GERMINHE.



▶ CRIANÇAS BRINCANDO DE MANCALA NO ZIMBÁBUE, 2014.

PESQUISE

PERGUNTE AO SEU AVÔ, À SUA AVÓ OU A OUTRA PESSOA IDOSA QUAIS ERAM AS BRINCADEIRAS OU OS BRINQUEDOS MAIS POPULARES QUANDO ELES ERAM CRIANÇAS. ANOTE QUATRO NOMES EM UMA FOLHA SEPARADA E APRESENTE AO PROFESSOR.

Orientações didáticas

Estudiosos dizem que esse jogo provavelmente existe há cerca de 7 mil anos.

Comente que o jogo mancala pode receber outras denominações (como *adi*, *aware*, *baulê* e *oware*). Os indivíduos escravizados que foram trazidos ao Brasil vindos de diferentes regiões da África introduziram o jogo no país.

Para saber as instruções do jogo mancala e de outros jogos educativos, consulte o seguinte *link* da revista *Nova Escola*: <<https://novaescola.org.br/conteudo/3582/14-jogos-que-contribuem-para-a-aprendizagem>>. Acesso em: 19 out. 2017.

Pesquisa

Com o nome de todas as brincadeiras e de todos os brinquedos, pode-se confeccionar um painel com os alunos e deixá-lo exposto na sala de aula. Comente com os alunos as permanências e as mudanças nos brinquedos e nas brincadeiras. Pergunte se eles conhecem todos os nomes pesquisados. Caso não conheçam algum deles, explique para eles.

[...]

Cada brincadeira registrada neste *site* traz a indicação de sua origem, o que não quer dizer que ela seja só daquele lugar. A origem indica a cidade em que mora o participante que mandou a brincadeira.

[...]

Mapa do Brincar. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <<http://mapadobrinca.folha.com.br/projeto/>>. Acesso em: 1º dez. 2017.

A BNCC nas páginas 68 e 69

Nessas páginas, os alunos são incentivados a se conscientizar da existência do trabalho infantil no Brasil, que leva muitas dessas crianças a não frequentar a escola. Além disso, são levados a diferenciar o trabalho infantil para ajudar no sustento da família da ajuda que a criança pode dar em casa, por meio da realização de pequenas tarefas domésticas.

Nesse par de páginas também são abordadas as brincadeiras das crianças em situação de rua e fazem-se comparações entre elas e as brincadeiras dos próprios alunos, trabalhando a realidade cotidiana deles. Contemplam-se as habilidades **EF01HI03** e **EF01HI05** da BNCC e trabalha-se o tema contemporâneo direitos da criança e do adolescente.

Atividade 1

Ajude os alunos a diferenciar os tipos de trabalho retratados nas fotos. Na foto 1, uma criança ajuda a mãe a lavar a louça em Campo Mourão, no estado do Paraná, em 2017. Na foto 2, uma menina limpa o vidro de um carro parado em semáforo no Recife, Pernambuco, em 2015. Na foto 3, um menino cuida de gado bovino em Lagoa da Prata, Minas Gerais, em 2014. Esclareça que, apesar de proibido por lei no Brasil, há crianças que trabalham porque suas famílias precisam da ajuda dos filhos para aumentar a renda. Estimule-os a diferenciar trabalho infantil, retratado nas imagens 2 e 3, de tarefas domésticas leves para ajudar a família, pois estas últimas são atitudes de colaboração importantes, como retratado na foto 1.

▶ NEM SEMPRE AS CRIANÇAS BRINCAM

ALGUMAS CRIANÇAS NÃO BRINCAM NEM ESTUDAM PORQUE TRABALHAM PARA AJUDAR A FAMÍLIA. OUTRAS VIVEM NAS RUAS DAS GRANDES CIDADES DO BRASIL PORQUE SAÍRAM DE CASA OU FORAM ABANDONADAS PELA FAMÍLIA. OUTRAS AINDA PASSAM O DIA TODO NA RUA E VOLTAM PARA CASA APENAS À NOITE.

O TRABALHO INFANTIL FOI PERMITIDO DURANTE MUITO TEMPO EM VÁRIOS PAÍSES. HOJE, O TRABALHO PARA JOVENS MENORES DE 16 ANOS É PROIBIDO POR LEI NO BRASIL.

FAZER TAREFAS DA CASA É MUITO DIFERENTE DE TRABALHAR PARA AJUDAR NO SUSTENTO DA FAMÍLIA. VEJA ESTAS FOTOS:

Menina limpa vidro de um carro em Recife, Pernambuco. Foto de 2015.



Criança ajuda a mãe a lavar a louça em Campo Mourão, no estado do Paraná. Foto de 2017.



Menino cuida de gado bovino em Lagoa da Prata, Minas Gerais. Foto de 2014.

1 RESPONDA COM OS NÚMEROS DAS FOTOS:

A) QUE CRIANÇA(S) ESTÁ(ÃO) AJUDANDO NAS TAREFAS DE CASA?

A da foto 1.

B) QUE CRIANÇA(S) ESTÁ(ÃO) TRABALHANDO PARA GANHAR DINHEIRO?

As das fotos 2 e 3.

68 UNIDADE 2 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [...] apontam que 1,8 milhão de crianças de 5 a 17 anos trabalhavam no Brasil em 2016.

Desse montante, ao menos 998 mil estavam submetidas ao trabalho infantil, sendo 190 mil crianças da faixa de cinco a 13 anos e outras 808 mil que, apesar de terem de 14 a 17 anos, não possuíam registro em carteira, conforme exigido pela legislação. [...]

O levantamento também mostrou o impacto da situação de trabalho na escolaridade das crianças. A situação tende a se agravar entre as mais velhas: 98,4% das crianças ocupadas de 5 a 13 anos continuavam estudando. Já no grupo de 14 a 17, 79,5% frequentavam escolas.

IBGE estima 1 milhão de crianças envolvidas com trabalho infantil. *Carta Capital*. Disponível em: <www.cartacapital.com.br/sociedade/IBGE-estima-1-milhao-de-criancas-envolvidas-com-trabalho-infantil>. Acesso em: 1º dez. 2017.

- 2 FAÇA UMA PEQUENA LISTA DE TRABALHOS REALIZADOS POR VOCÊ PARA COLABORAR EM CASA.

Resposta pessoal.

- 3 OBSERVE A FOTO AO LADO.



► FAMÍLIA EM SITUAÇÃO DE RUA EM SÃO PAULO, ESTADO DE SÃO PAULO, 2017.

- CONVERSE COM SEUS COLEGAS: NA CIDADE ONDE VOCÊS VIVEM HÁ CRIANÇAS QUE MORAM NAS RUAS?
- 4 AS CRIANÇAS QUE VIVEM NA RUA SÃO COMO TODAS AS OUTRAS. ELAS TAMBÉM BRINCAM E TÊM AMIGOS. VEJA ALGUMAS BRINCADEIRAS DELAS:

● BRINCAR DE PEGA-PEGA E VIVO OU MORTO.

● JOGAR BOLA NA RUA. NA FALTA DE UMA BOLA DE VERDADE, ELAS ENCHEM DE AR SACOLAS DE PLÁSTICO E AMARRAM AS ALÇAS.

● BRINCAR DE ESCONDE-ESCONDE.

- A) TROQUE IDEIAS COM SEUS COLEGAS: VOCÊS TAMBÉM BRINCAM DESSAS BRINCADEIRAS? QUAIS? Resposta pessoal.
- B) ESCREVA AQUI DE QUAL DESSAS BRINCADEIRAS VOCÊ GOSTA MAIS.

Resposta pessoal.

Atividade complementar

Leia para os alunos a entrevista com Tamy, criança que trabalhava para ajudar a família.

— Há quanto tempo você costura sapatos?

Tamy: “Há dois anos”.

— Você gosta?

Tamy: “Gosto, pois assim posso ajudar minha mãe” [...]

— Quanto tempo você trabalha por dia?

Tamy: “Cinco horas, mas tem dias que chega a sete”. [...]

FREITAS, Jaqueline. Meninas deveriam fazer balé. *Folha de S.Paulo*, 25 abr. 1998. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folhinha/dicas/di25049811.htm>. Acesso em: 17 nov. 2017.

- Explique aos alunos que, nesse tipo de atividade, as pessoas trabalham em casa e, no prazo marcado, entregam os produtos a pequenas fábricas, recebendo pelo número de pares de sapatos que fizeram. Peça aos alunos que pesquisem se há esse tipo de trabalho na sua cidade ou no seu estado.

A BNCC nas páginas 70 e 71

Esta dupla de páginas aborda o trabalho coletivo, a ajuda voluntária e a solidariedade de muitas pessoas em prol de uma sociedade melhor. Além disso, promove a identificação dos papéis que as pessoas podem desempenhar em diferentes espaços, contribuindo para a conscientização dos alunos em relação ao seu papel no grupo social em que vivem. Estas páginas tratam das habilidades **EF01HI03** e **EF01HI06** da BNCC.

Orientações didáticas

“A galinha ruiva” é uma fábula popular mundialmente conhecida e que tem diversas versões. Aproveite a oportunidade e conte outras versões da história aos alunos.

Sugira a eles que observem a ilustração da história após a leitura do texto. Os animais apresentam-se humanizados pela própria natureza do gênero fábula, que explora e questiona as ações humanas por meio de analogias com os fatos ocorridos com animais. Estas narrativas apresentam caráter educativo e se encerram com uma lição de moral que leva os alunos a se conscientizar de determinado valor ético e social. No caso desta história, o valor da participação, da solidariedade e do respeito entre os membros de um grupo social.

O texto favorece a realização de uma pequena dramatização pelos alunos. Para isso, estimule-os a participar e a criar frases e novos personagens. Priorize a comunicação oral.

Trabalho conjunto com Língua Portuguesa.

A HORA DE BRINCAR É IMPORTANTE, MAS TODOS DEVEM AJUDAR OS FAMILIARES E OS COLEGAS NAS TAREFAS. LEIA, COM A AJUDA DO SEU PROFESSOR, A FÁBULA DA GALINHA RUIVA.

A GALINHA RUIVA

UMA GALINHA, DE PENAS BEM VERMELHAS, PEDIU AJUDA DE SEUS AMIGOS RATO E PATO PARA PLANTAR, REGAR, COLHER O TRIGO E FAZER FARINHA.

MAS OS AMIGOS PREFERIRAM IR BRINCAR. SEM AJUDA DE NINGUÉM, A GALINHA FEZ TODO O TRABALHO. DEPOIS, ELA FEZ UM BOLO E O PÔS PARA ASSAR.

QUANDO O BOLO FICOU PRONTO TODOS QUISERAM PROVAR, MAS A GALINHA NÃO DEIXOU E FOI LANCHAR SOZINHA.

DOMÍNIO POPULAR.



1 INDIQUE COM UM X OS AMIGOS DA GALINHA.

PATO

CACHORRO

RATO

GATO

PAPAGAIO

PERU

2 CONVERSE COM SEUS COLEGAS PARA VER SE TODOS ENTENDERAM A HISTÓRIA COMO VOCÊ:

A) O QUE ACONTECEU NO INÍCIO DA HISTÓRIA? *A galinha achou que poderia contar com a ajuda dos amigos para plantar o trigo e fazer a farinha.*

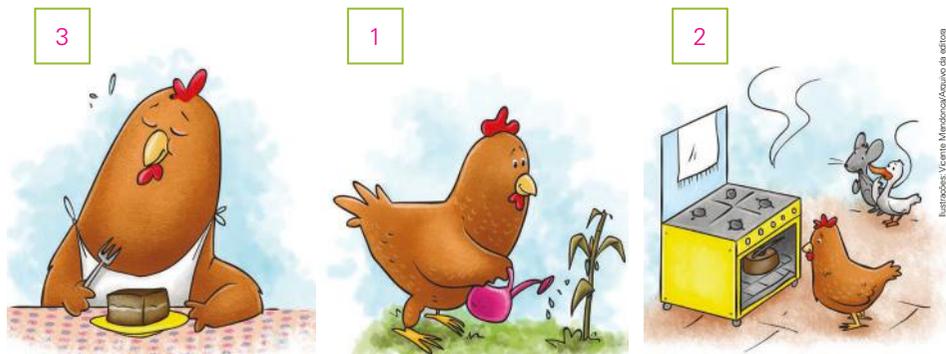
B) O QUE ACONTECEU NO MEIO DA HISTÓRIA? *Os amigos não a ajudaram e ela fez todo o trabalho sozinha.*

C) O QUE ACONTECEU NO FINAL DA HISTÓRIA? *A galinha fez um bolo e não o dividiu com seus amigos.*

70 UNIDADE 2 »

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

3 NOS QUADRINHOS ABAIXO, NUMERE A ORDEM EM QUE ACONTECERAM AS CENAS DA HISTÓRIA **A GALINHA RUIVA**.



4 A GALINHA NÃO REPARTIU O BOLO COM OS AMIGOS. VOCÊ ACHA QUE ELA AGIU CERTO? POR QUÊ? **Resposta pessoal.**

5 DESENHE NO ESPAÇO ABAIXO COMO TERMINARIA A HISTÓRIA SE O PATO E O RATO TIVESSEM AJUDADO A GALINHA.

Sugestão de resposta: Todos estariam sentados à mesa comendo o bolo.

Atividade 3

Explore oralmente as imagens com os alunos, trabalhando as noções de antes e depois, perguntando-lhes qual seria a sequência correta das imagens e o porquê dessa sequência.

Atividade 4

Cabe à família, com a escola e a sociedade, incutir na criança valores de cooperação, participação, solidariedade e respeito. Esse é um processo coletivo, desenvolvido em grupo, mas assimilado individualmente, cabendo a cada pessoa a sua integração no seu grupo social como pessoa solidária e participativa. Exercitar a cooperação e vivenciar experiências participativas e de respeito mútuo ensina os alunos a serem mais solidários, educando-os para a vida em sociedade. Mas como desenvolver esse processo em uma sociedade globalizada, massificada, individualista e cada vez mais destituída de suas raízes culturais?

A solidariedade baseia-se na colaboração e isso acontece com afetividade, empatia e conhecimento do próximo. A escola oferece um ambiente propício para o desenvolvimento desses valores porque permite que o "eu" conheça o "outro", dando aos alunos a oportunidade de se projetar no outro e se ver no seu lugar, valorizando a noção de responsabilidade perante o grupo.

Atividade 5

Estimule os alunos a criar um final para a história. Incentive-os a se expressar individualmente, não só por meio do desenho, mas também de forma oral, contando à classe o final que criaram para sua história. Destaque as versões mais criativas na apresentação oral.

Objetivos da seção De olho na imagem

Esta seção, presente em todos os volumes da coleção, tem como objetivo levar o aluno a se habituar a observar, analisar e interpretar as informações contidas em documentos utilizados no ensino da História e no desenvolvimento do pensar histórico, sejam eles pinturas, fotografias, mapas ou outros.

A BNCC nesta seção

As obras de arte tratam de temas relacionados aos direitos das crianças, estimulando o aluno a observar, comparar e interpretar, por meio do uso de imagens, o respeito a esses direitos no cotidiano das famílias, contemplando a habilidade **EF01HI06** da BNCC.

Orientações didáticas

Explique o significado das palavras aos alunos a fim de garantir a compreensão de todos os termos utilizados no texto e a assimilação de seu conteúdo. Trabalho conjunto com Língua Portuguesa.

DE OLHO NA IMAGEM

AS CRIANÇAS DE TODO O MUNDO POSSUEM DIREITOS QUE PRECISAM SER RESPEITADOS PELOS PAÍSES EM QUE ELAS VIVEM.

INFELIZMENTE, ESSES DIREITOS NÃO SÃO RESPEITADOS EM MUITOS LUGARES.

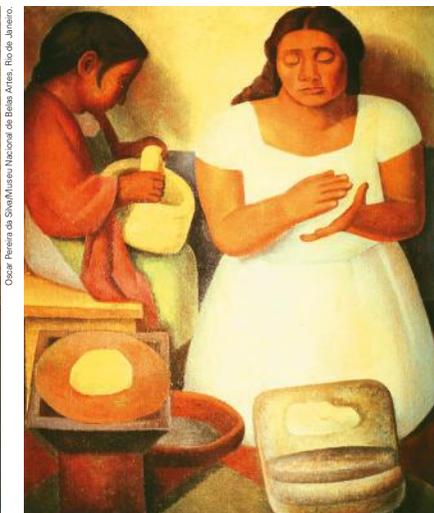
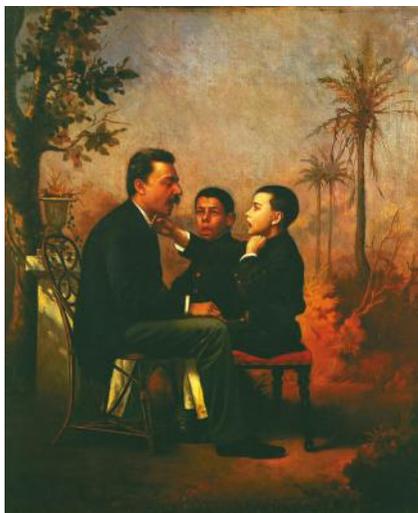
LEIA A SEGUIR ALGUNS DESSES DIREITOS:

- IGUALDADE, INDEPENDENTEMENTE DE RAÇA, RELIGIÃO, PAÍS E GÊNERO.
- PODER CRESCER E SE DESENVOLVER COM SAÚDE.
- ALIMENTAÇÃO ADEQUADA, MORADIA E ASSISTÊNCIA MÉDICA.
- UM NOME E UMA NACIONALIDADE.
- ACESSO A TRATAMENTO, SE FOR UMA CRIANÇA QUE PRECISA DE CUIDADOS ESPECIAIS.
- AMOR E COMPREENSÃO.
- ESCOLA, BRINCADEIRAS E DESCANSO.
- AJUDA IMEDIATA EM CASO DE CATÁSTROFE OU EMERGÊNCIA.
- PROTEÇÃO CONTRA PERSEGUIÇÃO.
- PROTEÇÃO CONTRA CRUELDADE E DESCUIDO.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. CONVENÇÃO SOBRE OS DIREITOS DA CRIANÇA. DISPONÍVEL EM: <www.unicef.pt>. ACESSO EM: 28 JUN. 2017. (ADAPTADO.)

1 OBSERVE AS PINTURAS ABAIXO E LEIA AS LEGENDAS.

- QUAIS DIREITOS DAS CRIANÇAS PODEMOS ASSOCIAR ÀS PINTURAS? COPIE O DIREITO ABAIXO DE CADA IMAGEM.



► **A PALAVRA AOS SURDOS-MUDOS, DE OSCAR PEREIRA DA SILVA, 1886. ÓLEO SOBRE TELA (54 cm x 45 cm).**

► **FAZENDO TORTILHAS, DE DIEGO RIVERA, 1926. ÓLEO SOBRE TELA (126 cm x 114 cm).**

Acesso a tratamento, se for uma

criança que precisa de cuidados

especiais.

Alimentação adequada, moradia e

assistência médica.

Amor e compreensão.

2 RESPONDA:

A) O QUE A PRIMEIRA PINTURA REPRESENTA? Um adulto tentando ensinar uma criança com deficiência auditiva a perceber a vibração da voz na garganta e, assim, falar.

B) O QUE A SEGUNDA PINTURA REPRESENTA? Uma mulher e uma criança fazendo massa de tortilhas mexicanas.

3 TROQUE IDEIAS COM SEUS COLEGAS: VOCÊ TEM TODOS ESSES DIREITOS RESPEITADOS NA SUA VIDA? Resposta pessoal.

Atividade 1

No passado, era comum chamar uma pessoa com deficiência auditiva de surda-muda, uma vez que ela não recebia educação adequada para desenvolver a fala sem a audição. Em nossos dias, esse termo não é mais utilizado e a educação inclusiva desenvolve-se cada vez mais.

Atividade 2

b) Os alunos devem perceber que se trata de uma atividade culinária, ainda que não saibam o que é tortilha. Explique, após a atividade, que a tortilha é uma espécie de panqueca de milho, muito consumida no México. Na pintura, a menina aparentemente tem direito à alimentação e à moradia.

Atividade 3

Comente com os alunos que todos esses direitos são importantes para o desenvolvimento integral da criança. Dê atenção especial caso haja na turma alunos que não tenham todos esses direitos respeitados.

Objetivos das páginas 74 e 75

As páginas a seguir permitem fazer uma retrospectiva dos temas desenvolvidos na unidade e, para isso, trabalham as atividades de escrita e coleção de palavras de História em **Eu escrevo e aprendo**; e atividades de desenho em **Eu desenho e aprendo**.

Eu escrevo e aprendo

Objetivo: Sistematizar noções desenvolvidas na unidade usando a **linguagem escrita**.

Nesta atividade, deve-se trabalhar o que foi importante para os alunos em cada capítulo ou o que eles mais gostaram de aprender. Eles terão oportunidade de retomar, registrar e organizar o que foi estudado. Como esta é uma das atividades que fecham a unidade, nada melhor do que os próprios alunos selecionarem as palavras que mais lhes chamaram a atenção durante o estudo. Assim, eles vão identificar os temas centrais de um texto e trabalhar a linguagem escrita.

As frases selecionadas estão nas páginas 45 e 63.

Minha coleção de palavras de História

Veja na página XXII das Orientações gerais como trabalhar a **Minha coleção de palavras de História** em sala de aula.

Alguns alunos podem ter dificuldade para realizar as atividades, pois as palavras trabalhadas são abstratas. Auxilie-os na tarefa, dando-lhes exemplos e explicações que os ajudem a compreender o significado da palavra e de que modo ela poderia ser representada.

Os alunos trabalharam com o significado da palavra **cotidiano** e descobriram que, para os historiadores, trabalhar com os hábitos do cotidiano das pessoas é uma forma de mergulhar no passado. Para refletir sobre a palavra **antigamente**, os alunos escreveram uma frase utilizando esse termo e descobriram que nem sempre o que é antigo deve ser deixado de lado.

O QUE ESTUDAMOS

EU ESCREVO E APRENDO

- AS FRASES ABAIXO APARECEM NOS CAPÍTULOS DA UNIDADE 2. COPIE, ABAIXO DE CADA UMA DELAS, UMA PALAVRA SOBRE O QUE VOCÊ MAIS GOSTOU DE APRENDER.

CAPÍTULO 3 – A BOA CONVIVÊNCIA

O RESPEITO FAZ PARTE DA BOA CONVIVÊNCIA.

Resposta pessoal.

CAPÍTULO 4 – CRIANÇA GOSTA DE BRINCAR

ENQUANTO BRINCA, VOCÊ DESENVOLVE A IMAGINAÇÃO, APRENDE A CONVIVER COM OUTRAS CRIANÇAS E A RESPEITAR REGRAS.

Resposta pessoal.

MINHA COLEÇÃO DE PALAVRAS DE HISTÓRIA

EM CADA CAPÍTULO DA UNIDADE, HÁ UMA PALAVRA DESTACADA PARA A MINHA COLEÇÃO DE PALAVRAS DE HISTÓRIA. VOCÊ TAMBÉM FEZ ATIVIDADES COM ESSAS PALAVRAS, PARA SABER COMO UTILIZÁ-LAS QUANDO PRECISAR ESCREVER UM PEQUENO TEXTO DE HISTÓRIA. VEJA QUAIS SÃO AS PALAVRAS NO QUADRO AO LADO.

COTIDIANO,
PÁGINA 55.
ANTIGAMENTE,
PÁGINA 64.

- O QUE VOCÊ APRENDEU COM ESSAS DUAS PALAVRAS? DISCUTA COM OS COLEGAS.
- EM UM QUADRO NO SEU CADERNO, ESCREVA ESSAS DUAS PALAVRAS E DESENHE O SIGNIFICADO DE CADA UMA DELAS. O SIGNIFICADO DEVE ESTAR LIGADO AO QUE VOCÊ APRENDEU NO CAPÍTULO.

74 UNIDADE 2 »

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

EU DESENHO E APRENDO

- 1 OS DESENHOS ABAIXO REPRESENTAM ASSUNTOS IMPORTANTES ESTUDADOS EM CADA CAPÍTULO DA UNIDADE. OBSERVE-OS ATENTAMENTE.

CAPÍTULO 3 A BOA CONVIVÊNCIA

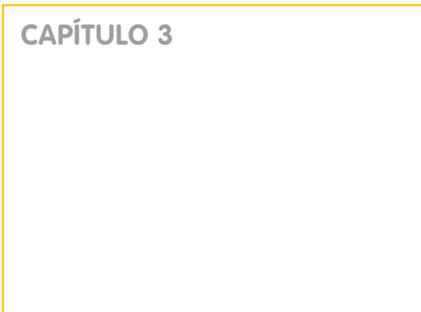


CAPÍTULO 4 CRIANÇA GOSTA DE BRINCAR

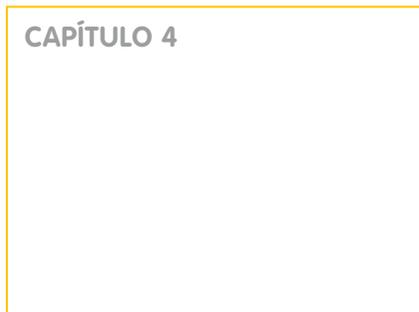


- 2 AGORA É A SUA VEZ! PARA CADA CAPÍTULO, FAÇA UM DESENHO DO QUE VOCÊ MAIS GOSTOU OU ACHOU IMPORTANTE ESTUDAR NESTA UNIDADE DO LIVRO. SE PREFERIR, FAÇA UMA COLAGEM.

CAPÍTULO 3



CAPÍTULO 4



Eu desenho e aprendo

Objetivo: Sistematizar noções desenvolvidas nesta unidade usando a **linguagem gráfica**.

Incentive os alunos a usar a criatividade e a construir uma vinheta conclusiva. Lembre-se de que as representações gráficas são muito importantes para as crianças, pois permitem manifestações e estruturas do pensamento de forma mais lúdica e natural.

Objetivos das páginas 76 e 77

As páginas a seguir permitem fazer uma retrospectiva dos temas desenvolvidos na unidade e, para isso, promovem a leitura e a síntese em **Hora de organizar o que estudamos** e **Sugestões de leitura** e autoavaliação em **Para você refletir e conversar**.

Com estas páginas, pretende-se avaliar o progresso pessoal dos alunos e o processo coletivo de ensino-aprendizagem. Esta avaliação tem como objetivos:

- permitir a intervenção do professor para auxiliar o aluno em suas características individuais;
- determinar o grau de obtenção de resultados de acordo com os objetivos estabelecidos e as habilidades a serem atingidas.

Trabalha-se aqui a avaliação somatória, por meio da medição dos resultados da aprendizagem, observando se as habilidades e os objetivos estabelecidos foram atingidos ou não.

Leia mais sobre o tema avaliação na página XIII das Orientações gerais.

HORA DE ORGANIZAR O QUE ESTUDAMOS

- NÓS PRECISAMOS ACEITAR E RESPEITAR AS PESSOAS COMO ELAS SÃO. ISSO É IMPORTANTE PARA TERMOS AMIGOS E CONVIVERMOS BEM COM NOSSA FAMÍLIA E OS COLEGAS DA ESCOLA.

- HÁ MUITAS ATIVIDADES QUE NÓS REALIZAMOS MUITAS VEZES OU SEMPRE. ELAS PODEM SER CHAMADAS DE HÁBITOS. OS HÁBITOS DAS PESSOAS SÃO DIFERENTES.

- COMO TODAS AS PESSOAS, AS CRIANÇAS SÃO DIFERENTES ENTRE SI E DEVEM SER RESPEITADAS.



Monkey Business Images/Shutterstock

- ALÉM DE SEREM DIVERTIDAS, AS BRINCADEIRAS DESENVOLVEM A CRIATIVIDADE, A CONVIVÊNCIA COM OS OUTROS E O RESPEITO ÀS REGRAS.

- ESPERA-SE QUE A CRIANÇA BRINQUE, ESTUDE E AJUDE NAS TAREFAS EM CASA. PORÉM, AINDA HOJE ALGUMAS CRIANÇAS TRABALHAM, O QUE É PROIBIDO POR LEI.



Avail Skelley/Corbis/Liaison

76

UNIDADE 2 »

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

SUGESTÕES DE...

LIVROS

EU GRANDE, VOCÊ PEQUENININHO. LILLI L'ARRONGE, COMPANHIA DAS LETRINHAS.

O LIVRO MOSTRA O CONVÍVIO E AS BRINCADEIRAS ENTRE UM PAI (GRANDE) E SEU FILHO (PEQUENININHO).

FIM DE SEMANA. ANA MARIA MACHADO, MODERNA.

DEPOIS DE ESTUDAR A SEMANA INTEIRA, TEMOS MUITA VONTADE DE BRINCAR NO SÁBADO E NO DOMINGO. O QUE A PERSONAGEM DO LIVRO VAI FAZER EM SEU FINAL DE SEMANA?

MUNDO DE CRIANÇA. KATIE SAUNDERS, GIRASSOL.

QUE TAL BRINCAR DE ADIVINHAS? ESSE LIVRO ESTÁ CHEIO DE BRINCADEIRAS E AS RESPOSTAS PARA AS ADIVINHAS ESTÃO ESCONDIDAS NAS PÁGINAS.

O GRANDE DIA. PATRÍCIA ENGEL SECCO, MELHORAMENTOS.

O GAROTO RODRIGO GOSTA MUITO DE BRINCAR E SABE JOGAR XADREZ COMO NINGUÉM. E NÃO É QUE SUAS HABILIDADES NO XADREZ AJUDARAM O TIME DA ESCOLA A GANHAR UM CAMPEONATO DE FUTEBOL? COMO SERÁ QUE ISSO ACONTECEU?

MÚSICA

NO MAIOR PIQUE. MARCO AUR, SONY MUSIC.

NESTE CD, O ARTISTA MARCO AUR APRESENTA MÚSICAS INFANTIS QUE FALAM SOBRE BRINCADEIRAS E SOBRE O DIA A DIA DE CRIANÇAS COMO VOCÊ.



Reprodução/Companhia das Letrinhas



Reprodução/Edition Moderna



Reprodução/Editora Girassol



Reprodução/Melhoramentos



Reprodução/Sony Music

Indicações de leitura para o professor

• DEL PRIORE, Mary. *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

Conheça, neste livro, o papel que a criança desempenhou nos mais diversos períodos da História do Brasil.

• DIMENSTEIN, Gilberto. *O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil*. 22. ed. São Paulo: Ática, 2009.

Neste livro, o autor descreve os principais desafios que o país deve enfrentar para cumprir os direitos das crianças e dos adolescentes.

• MACEDO, Lino et al. *Aprender com jogos e situações-problema*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Aprofunde seus conhecimentos e amplie seu repertório pedagógico ao ler este livro. Nele, os autores explicam a importância das atividades lúdicas para o desenvolvimento infantil.

PARA VOCÊ REFLETIR E CONVERSAR

- DE QUAL ASSUNTO VOCÊ GOSTOU MAIS NESTA UNIDADE?
- VOCÊ TEVE DIFICULDADE PARA ENTENDER ALGUMA ATIVIDADE OU ALGUMA EXPLICAÇÃO?
- ESCOLHA A IMAGEM DE QUE VOCÊ MAIS GOSTOU NESTA UNIDADE. CONTE AOS COLEGAS O MOTIVO DE SUA ESCOLHA.

Respostas pessoais.

» O QUE ESTUDAMOS

77

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestões de... (PARA O ALUNO)

Livros

Serafina e a criança que trabalha. Jô Azevedo; Iolanda Kuzaki; Cristina Porto. Ática.

E eu com isso?! – Aprendendo sobre respeito. Brian Moses; Mike Gordon. Scipione.

Superlivro de jogos e brincadeiras: Turma da Mônica. Maurício de Sousa. Girassol Brasil.

GLOSSÁRIO



▶ INDÍGENAS DO POVO KALAPALO DANÇAM NO RITUAL DA MANIAKA MURASI NA ALDEIA MOIKARAÔ, EM SÃO FÉLIX DO XINGU, PARÁ. FOTO DE 2016.

A

ALDEIA INDÍGENA > PÁGINA 53 <

LOCAL ONDE VIVEM OS POVOS INDÍGENAS. AS HABITAÇÕES SÃO FEITAS DE PALHA, MADEIRA OU FIBRAS VEGETAIS E PODEM TER VÁRIOS FORMATOS, DEPENDENDO DOS COSTUMES DO POVO INDÍGENA.

ARQUITETO > PÁGINA 26 <

PROFISSIONAL QUE PLANEJA UMA OBRA, FAZ OS DESENHOS E ESCOLHE OS MATERIAIS PARA SUA CONSTRUÇÃO.

C

CIRANDA > PÁGINA 18 <

DANÇA DE RODA, TAMBÉM CHAMADA CIRANDINHA. É UMA BRINCADEIRA DE CRIANÇAS MUITO COMUM EM ALGUMAS REGIÕES DO BRASIL. A CIRANDA FOI TRAZIDA DE PORTUGAL PARA O BRASIL.

E

ESTRANGEIRO > PÁGINA 46 <

PESSOA QUE É DE OUTRO PAÍS.

F

FESTAS JUNINAS > PÁGINA 36

FESTIVIDADES DA IGREJA CATÓLICA QUE COMEMORAM OS DIAS DE SANTO ANTÔNIO, EM 13 DE JUNHO; SÃO JOÃO, EM 24 DE JUNHO; E SÃO PEDRO, EM 29 DE JUNHO.



Anita Malfatti/Colégio Aldo Franco. Rio de Janeiro.

➤ FESTA JUNINA, PINTURA DE ANITA MALFATTI, 1945 (33,5 cm x 47 cm).

H

HÁBITO > PÁGINA 52

ATO QUE SE REPETE REGULARMENTE. USO, COSTUME.

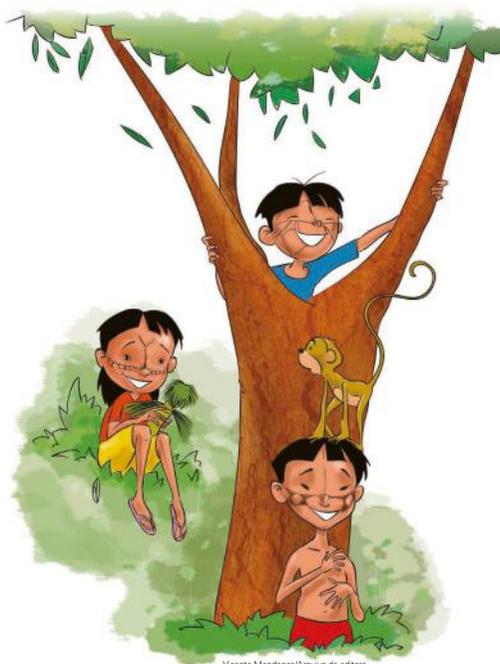


Ruth Jenkinson/Doing Kindersley/Getty Images

P

POVO MUNDURUKU > PÁGINA 65

POVO INDÍGENA QUE VIVE NAS REGIÕES DE FLORESTAS, ÀS MARGENS DE RIOS, NOS ESTADOS DO AMAZONAS, DO PARÁ E DE MATO GROSSO, NO NORTE E NO CENTRO-OESTE DO BRASIL.



Vicente Mendonça/Arquivo da editora

R

ROTINA > PÁGINA 56

CONJUNTO DAS AÇÕES QUE REPETIMOS TODOS OS DIAS.

BIBLIOGRAFIA

NESTA BIBLIOGRAFIA NÃO CONSTAM AS REFERÊNCIAS DE ALGUNS LIVROS DOS QUAIS FORAM TRANSCRITOS TRECHOS AO LONGO DOS CAPÍTULOS. CITAMOS AS REFERÊNCIAS NOS PRÓPRIOS TEXTOS POR SE TRATAR DE FONTES DE LEITURA COMPLEMENTARES.

- BITTENCOURT, CIRCE (ORG.). **O SABER HISTÓRICO NA SALA DE AULA**. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2006.
- BOSI, ECLÉA. **MEMÓRIA E SOCIEDADE: LEMBRANÇAS DE VELHOS**. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2006.
- BRASIL. **ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**. LEI N. 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990, PUBLICADA NO DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO DE 16 DE JULHO DE 1990.
- _____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR**. BRASÍLIA: MEC, 2018.
- CALDEIRA, JORGE. **VIAGEM PELA HISTÓRIA DO BRASIL**. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 1999.
- CASCUDO, LUÍS DA CÂMARA. **DICIONÁRIO DO FOLCLORE BRASILEIRO**. SÃO PAULO: GLOBAL, 2001.
- DUMONT, SAVIA. **O BRASIL EM FESTA**. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRINHAS, 2008.
- FRIEDMANN, ADRIANA. **BRINCAR: CRESCER E APRENDER – O RESGATE DO JOGO INFANTIL**. SÃO PAULO: MODERNA, 1996.
- KARNAL, LEANDRO. **HISTÓRIA NA SALA DE AULA**. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2008.
- MARTINS, ÂNGELA (COORD. GERAL); ABUD, KÁTIA MARIA. (COORD. TÉCNICA). **A CRIANÇA E O TEMPO**. SÃO PAULO: FDE, 1994.
- NADAI, ELZA; BITTENCOURT, CIRCE. REPENSANDO A NOÇÃO DE TEMPO HISTÓRICO NO ENSINO. IN: PINSKY, JAIME. **O ENSINO DE HISTÓRIA E A CRIAÇÃO DO FATO**. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2001.
- NOVAIS, FERNANDO A. (ORG.). **HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA NO BRASIL**. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2007. 4 V.
- PAULA, EUNICE DIAS DE ET AL. **HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS: 500 ANOS DE LUTA NO BRASIL**. PETRÓPOLIS: VOZES/CIMI, 2001.
- POZO, JUAN IGNACIO. **A SOLUÇÃO DE PROBLEMAS**. PORTO ALEGRE: ARTMED, 1998.
- SILVA, ARACY LOPES DA; GRUPIONI, LUÍS DONISETE BENZI. **A TEMÁTICA INDÍGENA NA ESCOLA**. NOVOS SUBSÍDIOS PARA PROFESSORES DE 1ª E 2ª GRAUS. BRASÍLIA: MEC/MARI/UNESCO, 1995.
- SILVA, MARIA ALICE SETÚBAL ET AL. **MEMÓRIAS E BRINCADEIRAS NA CIDADE DE SÃO PAULO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX**. SÃO PAULO: CORTEZ/CENPEC, 1989.
- VIEIRA, MARIA DO PILAR DE ARAÚJO ET AL. **A PESQUISA EM HISTÓRIA**. SÃO PAULO: ÁTICA, 2008.
- ZAMBONI, ERNESTA. O ENSINO DA HISTÓRIA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE. **REVISTA HISTÓRIA**. SÃO PAULO: SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO, COORDENADORIA DE ESTUDOS E NORMAS PEDAGÓGICAS, 1993 (SÉRIE ARGUMENTO).

SITES

(ACESSO EM: JUN. 2017.)

<<http://turmadamonica.uol.com.br>>

<www.brasilzinho.com.br>

<www.dominiopublico.gov.br> (biblioteca digital)

<www.funai.gov.br>

<www.museudoindio.gov.br>

<www.tremcantado.com.br>

